

# Cadernos de Tipografia e Design

Nº14 – Março de 2009

# Escolar

*uma fonte contemporânea  
para aprender  
a escrever e ler.*

Um Caderno dedicado à memória de três  
grandes educadores: Jane Bensaúde,  
Clotilde Guillén de Rezzano  
e Manuel Antunes Amor.

# Índice

Premios Internacionales de Infografía, 17 ...3
<i>Dejando Huella</i> , 12 – Congreso de Diseño Gráfico y Publicidad / Abril 2009 .....4
typ09, Mexico City, 26–30.10.2009 .....5
O maior arquivo histórico municipal alemão está totalmente destruído .....6
A «Célula Tipográfica» em Vitória .....7
A fonte digital <i>Escolar Portugal</i> ..... 10
Características da fonte <i>Escolar Portugal</i> .....15
A importância do primeiro alfabeto .....18
Em prol da Calligraphia vertical ..... 28
A evolução da escrita escolar ..... 30
Caligrafia escolar na Alemanha ..... 49
Caligrafia escolar no Reino Unido ..... 53
Caligrafia escolar nos EUA..... 56
Arte de la escritura y de la caligrafía ..... 65
«Aproveitamentos» de letras escolares..... 68
Livros de alfabetos para crianças .....70
Anúncios..... 83, 84

Em Portugal abandonou-se há muito tempo qualquer preocupação pela «qualidade caligráfica», «racionalidade da escrita infantil» ou qualquer outro aspecto relacionado com uma pedagogia coerente e lógica no ensino da escrita manual.

Este fiasco colectivo é deveras preocupante, pois as editoras responsáveis que publicam livros de iniciação e para a Pré-primária também não sentem qualquer preocupação por apresentar uma «letra escolar» digna desse nome. Se estivermos de acordo que a letra ideal para ensinar crianças a escrever

não é a Comic Sans nem a Times Roman, então temos que investir algum esforço para apurar uma fonte digital que esteja na tradição da letra escrita nas escolas primárias de Portugal/PALOP durante o século xx, mas que também integre as considerações pedagógicas modernas que têm sido feitas noutros países. São estas as duas metas que orientaram a produção da letra apresentada neste Caderno.

Mas esta fonte só terá uma chance real de se espalhar no sector pedagógico, se houver uma participação activa e crítica da parte de educadores e professores. Tenho já a agradecer a preciosa colaboração e os pertinentes comentários da Prof.<sup>a</sup> Isabel Medeiros, Viseu. E se receber mais feedback de outros entusiastas que queiram pôr crianças a «trabalhar» com esta fonte, poderei melhorar as formas das letras e todos os outros aspectos pertinentes à utilização efectiva desta fonte.

Boa Leitura! Paulo Heitlinger

Os educadores e encarregados de educação que quiserem pôr a fonte «Escolar Portugal» à prova, receberão grátis uma versão de teste. Para tal, bastará o/a interessado/a mandar um email, identificando-se e explicando em que contexto didáctico quer usar a fonte. O email é: **info.tipografia@gmail.com**

Existem já três cadernos de exercícios simples, em formato PDF, que estão também à disposição dos pedagogos interessados. As editoras escolares poderão adquirir a fonte em termos comerciais.

## Ficha técnica

Os Cadernos de Tipografia e Design são redigidos, paginados e publicados por Paulo Heitlinger; são igualmente propriedade intelectual deste editor. Qualquer comunicação dirigida ao editor – calúnias, louvores, ofertas de dinheiro ou outros valores, propostas de suborno, etc. – info.tipografia@gmail.com.

Os Cadernos estão abertos à mais ampla participação de colaboradores, quer regulares, quer episódicos, que queiram ver os seus artigos e as suas opiniões difundidos por este meio.

Os artigos assinalados com o nome do(s) seu(s) autor(es) são da responsabilidade desse(s) mesmo(s) autor(es) – e também sua propriedade intelectual.

Conforme o nome indica, os Cadernos de Tipografia incidem sobre temas relacionados com a Tipografia, o typeface design, o design gráfico, e a análise social e cultural dos fenómenos relacionados com a visualização, edição, publicação e reprodução de textos, símbolos e imagens.

Os Cadernos, publicados em português, e também em castelhano, galego ou catalão,

dirigem os seus temas a leitores em Portugal, Brasil, Espanha e América Latina. Os Cadernos não professam qualquer orientação nacionalista, chauvinista, partidária, religiosa, misticista ou obscurantista. Também não discutimos temas pseudo-científicos, como a Semiótica, por exemplo.

Em 2009, a distribuição é feita grátis, por divulgação da versão em PDF posta à disposição do público interessado em [www.tipografos.net/cadernos](http://www.tipografos.net/cadernos).

© 2007,8,9 by Paulo Heitlinger. All rights reserved.

## Premios Internacionales de Infografía, 17

El Capítulo Español de la *Society of News Design* (SND-E) puso en marcha en la Facultad de Comunicación de la Universidad de Navarra, España, en 1993, la primera edición de los *Premios Malofiej de Infografía*. Con ellos pretende reconocer a los profesionales de todo el mundo especializados en este lenguaje periodístico, en el que la creatividad artística y el rigor informativo son las premisas principales.

Los Premios Malofiej, considerados como los «Pulitzer de la Infografía», toman su nombre del periodista argentino Alejandro Malofiej, un pionero que desarrolló su trabajo al frente de los infográficos del diario 'La Opinión' de Buenos Aires durante los años 60 y 70, hasta su muerte en 1987.

Talleres para profesionales

**Domingo 22 de marzo.**

Hotel AC Ciudad de Pamplona. Inauguración y cóctel de bienvenida.

**Lunes 23, Martes 24 y Miércoles 25 de marzo.**

Edificio de Ciencias Sociales (Universidad de Navarra)

Realización de dos ejercicios prácticos, trabajo en equipo y sesiones de instructores:

- John Grimwade (Conde Nast, Nueva York)
- Juan Velasco (National Geographic, Washington)
- Geoff McGhee (Le Monde, París)
- Alberto Cairo (Universidad de Carolina del Norte, Chapel Hill).

**Cumbre Mundial de Infografía: Miércoles 25 de marzo.** Sesión inaugural y

cóctel de bienvenida. Presentación del volumen anual Malofiej 16.

**Jueves 26 y viernes 27 de marzo.** Edificio de Ciencias Sociales (Universidad de Navarra). Ponentes confirmados:

- Antonio Alonso (El País, España)
- Luis Chumpitaz (Arab Media Group, Dubai)
- Amanda Cox (The New York Times, EEUU)
- Juanxo Cruz (El Mundo, España)
- Gabriel Dance (NYTimes.com, EEUU)
- Tom Kennedy (The Washington Post, EEUU)
- Aron Pilhofer (The New York Times, EEUU)
- Brian Rea (Brian Rea, Los Angeles, EEUU)
- Ramón Salaverría (Universidad de Navarra, España)
- Fabio Sales (O Estado de S. Paulo, Brasil)
- Michael Stoll (Augsburg University of Applied Sciences, Alemania)
- Guillermo Nagore (Freelance, USA)

**Viernes 27 de marzo.** Edificio de Ciencias Sociales (Universidad de Navarra). **Cena de clausura y entrega de premios.**

Mais de 1.300 trabalhos de 120 meios correram o ano passado aos *Malofiej 16 – Premios Internacionales de Infografía*. A Universidade de Navarra reuniu de 9 a 12

de Março de 2008 trabalhos dos melhores infografistas do mundo. A XVIª edição dos *Premios Internacionales de Infografía* recebeu mais de 1.300 entradas a concurso nas diferentes categorias de gráficos impressos e online.

<http://encuentrografico.blogspot.com/>

Horários apertados + Conteúdo extenso e complexo = Informação acessível e rápida. «Esta equação, que parece ser impossível de ser resolvida, é a realidade do dia-a-dia de muitos profissionais dentro das redacções dos jornais pelo mundo fora, os chamados infografistas.»

Rafael de Castro Andrade

## **Dejando Huella, 12 – Congreso de Diseño Gráfico y Publicidad 16 / 17 / 18 de abril 2009**

Después de 11 años, «Dejando Huella» se ha posicionado como uno de los eventos más importantes de Diseño Gráfico y Publicidad en Mexico.

17 Congresos / 30 Talleres / 105 Ponentes nacionales e internacionales del más alto prestigio / 7,570 Diseñadores participantes de diferentes estados de la República Mexicana y Latinoamérica

La calidad de las ponencias, la libre experimentación de los talleres y la calidez que envuelve al evento durante estos tres días es una experiencia que no puedes perderte.

### **Conferencias**

Masa: Diseño para TV [Venezuela]  
Estudio Monitor: Motion Graphics [México]  
Patrick Thomas: Diseño Cultural [España]  
Alejandro Trochut: Tipografía [España]  
Mariana Amatullo: Diseñando un mundo mejor. Designmatters, Art Center College of Design [EUA]  
Gabriela Rodríguez: Diseño Social [México]  
Karin Onsager-Birch: Procesos Creativos [EUA]  
Alejandro Ros: Diseño Discográfico [Argentina]  
Agustín González Garza: Identidad Corporativa [EUA]

Como cada año, se realiza el ciclo de conferencias de Diseño Gráfico en la ciudad Querétaro, México. Interesantes charlas, ponentes de diferentes países, Argentina, España, EUA, México, etc.

Zelda Harrison: Invitación del AIGA Center for Cross-Cultural Design (AIGA|XCD) [EUA] \*(En idioma inglés con traducción simultánea)

### **Talleres**

Horario: De 9 a 13 hrs. Duración total de cada taller: 12 horas. 3 sesiones de 4 horas.

Ale Paul / Gabriel M. Meave. Tipografía: de lo tradicional a lo digital [

Argentina/México]

Rosemary Martínez. Cómo ser freelance y no morir en el intento [México]

Alex Trochut / Marta Cerdá. Puzzles Tipográficos [España]

Laura Ellenberg. Impacto Gráfico de la marca en el empaque [Argentina]

Estudio Monitor. Motion Graphics [México]

Benito Cabañas. Cartel: del concepto a la idea gráfica. [México]

Más informaciones: [www.tiposlibres.com](http://www.tiposlibres.com)



## typ09, Mexico City, 26–30.10.2009

**L**A CIUDAD DE MÉXICO, ubicada en el valle de la Anáhuac, enmarcada por los volcanes Popocatepetl e Iztaccíhuatl, centro del poderoso imperio Azteca y de la ciudad de Tenochtitlán, debió ofrecer un espectáculo increíble a los conquistadores españoles que la divisaron: una gigantesca traza urbana formada por una red de canales en un cuadrilátero de casi mil hectáreas; un centro ceremonial con 78 templos y recintos de gobierno desde donde se ejercía un férreo control central, de océano a océano, que irradiaba a través de la red de canales que conectaban esta isla con tierra firme.

La Ciudad de los Palacios resultó para el conquistador castellano, una visión monumental: en aquel entonces, las ciudades más grandes de Europa albergaban unos 100,000 habitantes; lo que los primeros españoles vieron fue una ciudad de más de 500 mil habitantes.

Tras la conquista, la antigua Tenochtitlán pasó a ser la capital de la Nueva España. Sobre las ruinas de los templos aztecas se construyeron las iglesias y los monasterios y los edificios de gobierno del nuevo orden. Si se trata de sintetizar el resultado del «encuentro» entre el viejo y el nuevo mundo, el término más preciso es el de mestizaje. No sólo fueron mestizos los primeros hijos de india y español, también lo fueron la arquitectura, la pintura, la comida y la escritura.

**L**os códices precolombinos, con su complejo sistema iconográfico constituido por pictogramas, ideogramas y logogramas, se extendió del este al oeste y fue adoptado por diversas culturas. Después, durante el periodo de la conquista espiritual del México

antiguo, la escritura fue una de las principales herramientas de esta colonización. La colección de códices elaborados por los indios bajo el “concepto editorial” de los frailes cristianos, son testimonios que refieren relatos históricos y dogmas religiosos, pero también noticias botánicas y cotidianas.

En la «Nueva España» también tuvieron lugar las primeras imprentas y las primeras perplejidades a que dio lugar el programa de catequización en las lenguas autóctonas: ¿cómo adaptar los sonidos de estas lenguas al sistema tipográfico europeo para que sus nuevos usuarios las pudieran leer?

**L**a Ciudad de México, la Ciudad de Puebla y la Ciudad de Oaxaca fueron importantes centros de impresión en las colonias de España. Sobresalen, por ejemplo, los impresos del siglo XVIII, en donde se manifiesta la influencia del movimiento ilustrado europeo. El día de hoy, en la Ciudad de México, una de las más monstruosas metrópolis del mundo, se puede ser testigo de la convivencia de todo este pasado con la modernidad y la expresión de una idiosincrasia de “lo mexicano”.

La Escuela de Diseño de la Universidad Anáhuac ([www.anahuac.mx/disenio](http://www.anahuac.mx/disenio)) va albergar el Congreso ATypI 2009. El Centro Histórico de la Ciudad de México será el telón de fondo para una semana de encuentros en donde tipógrafos, diseñadores gráficos, editoriales, multimedia, editores, impresores, literatos, lingüistas, filósofos, filólogos e historiadores reflexionen en torno al papel que desempeña la escritura en nuestro mundo contemporáneo.

Más infos: [www.atypi.org](http://www.atypi.org)

## O maior arquivo histórico municipal alemão está totalmente destruído

O desabamento total do supostamente sólido edifício com fortíssimos muros de betão que abrigava mais de mil anos de história da cidade de Colónia provocou a perda de valiosos documentos, registos da cultura alemã e da memória de uma cidade. O colapso do edifício deveu-se às obras de escavação para o metropolitano de Colónia, uma das medidas mais desastrosas jamais levadas ávante nesta cidade. (Os políticos municipais em Colónia são considerados em toda a Alemanha como os verdadeiros arquétipos do autarca corrupto).

Como o desabamento foi anunciado por ruídos e fissuras, a maioria das pessoas dentro do edifício e nos edifícios ao redor pode fugir a tempo; até à data, parece apenas ter havido duas vítimas mortais. Eberhard Illgner, ex-director de um dos departamentos do arquivo, disse que os danos são maiores do que os causados pelo incêndio da Biblioteca Anna Amalia, de Weimar. O Arquivo de Colónia abrigava 600.000 códices e documentos; o mais antigo dos documentos neste acervo histórico e contemporâneo data do ano 922.

Colónia foi uma das maiores cidades da Europa; a sua riqueza documentava-se nas preciosidades guardadas em cerca de 26 Km de prateleiras do Arquivo Municipal. Protocolos históricos do Conselho do Município documentavam a política praticada nesta cidade.

Preciosidades de 2.000 anos da história da cidade de Colónia podem estar perdidas para sempre. Segundo Illgner, a catástrofe foi anunciada: «Na semana passada, já havia indícios claros de fissuras na estrutura do prédio». A causa do desabamento foi a existência de enormes espaços ociosos por baixo do prédio, oriundos das escavações feitas para o metropolitano, que passa ao lado do local do trágico acidente. Pouco depois da tragédia, as imagens televisivas mostravam uma enorme cratera no local do desabamento.

Entre os preciosos documentos deste arquivo estavam documentos de reis e papas, a correspondência de 800 anos de administração municipal, dezenas de milhares de testamentos, 65 mil certidões em pergaminho.

O arquivo também guardava o acervo de diversos arquitectos. O espólio completo do autor Heinrich Böll (que tinha sido depositado há apenas 3 semanas!) e do político Konrad Adenauer também faziam parte do acervo. Possivelmente perdidas para sempre estão

as partituras do compositor Jacques Offenbach, um dos inventores da opereta musical, que nasceu em Colónia. Manuscritos de Karl Marx e Friedrich Engels, mas também decretos de Napoleão faziam parte do acervo.

O prédio que desabou tinha sido inaugurado em 1971. Durante muitos anos, foi considerado uma arquitectura modelo, uma construção funcional e exemplar. Na época, previu-se que o espaço de depósito seria suficiente para 30 anos, mas nos últimos tempos a capacidade de armazenamento já chegara ao seu limite.

O resgate de alguns documentos iniciou-se 5 dias depois da tragédia. Especialistas sabem que a recuperação do que sobrou vai durar décadas, visto os vários andares do edifício não só terem sofrido o colapso total, mas terem rodado entre si. Mais infos: [www.historischesarchivkoeln.de](http://www.historischesarchivkoeln.de)

## A «Célula Tipográfica» em Vitória

Há cinco anos, pesquisadores, tipógrafos e estudantes, reunidos na *Célula Tipográfica*, movimentam Vitória e o Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. A *Célula Tipográfica*, coordenada por Sandra Medeiros, é um núcleo de estudos em Tipografia, Imagem e Edição. A denominação — *Célula Tipográfica* —



O que a *Célula Tipográfica* já fez:

Oficinas de caligrafia japonesa;  
Oficinas de caligrafia ocidental;  
Coleção Amostra Grátis; Coleção  
Tipografia de Bolso; Palestras;  
Cartões-Postais; I Seminário  
Nacional de Ilustração e Design  
Editorial; Workshop sobre  
Ilustração com o desenhista Luís  
Trimano; Exposição de Ilustração.

O que a *Célula Tipográfica* está  
fazendo:

Uma pessoa comum, uma história  
rara: documentário em vídeo da  
Memória de Vitória; Pesquisa  
*A tipografia em Espírito Santo*.

levou em consideração a concepção do núcleo como uma pequena unidade reunindo pessoas com os mesmos ideais de prática e pesquisa, principalmente em torno da letra, na sua forma caligráfica, na sólida (os tipos móveis) e na digital (fontes).

A partir da prática caligráfica e com vistas à futura construção de fontes, a *Célula* tem promovido workshops de caligrafia ocidental e oriental, a produção de cartões-postais e o desenvolvimento de projetos maiores como as coleções *Tipografia de Bolso* e *Amostra Grátis*.

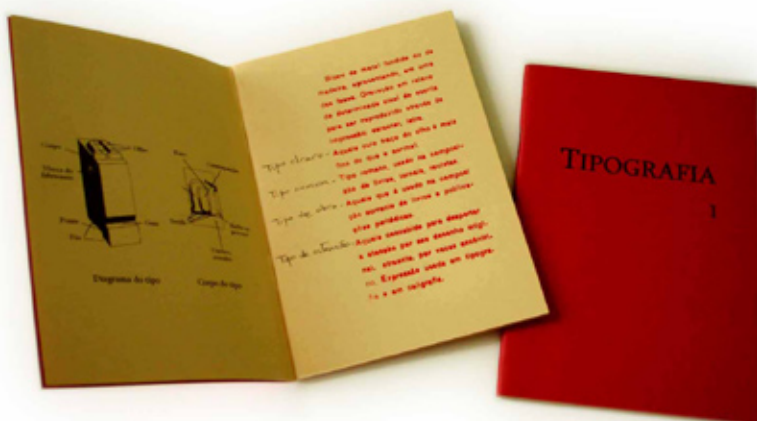
*Tipografia de Bolso* traz informações sintéticas sobre o tema tipografia, possibilitando aos integrantes da *Célula* a

Sandra Medeiros é jornalista, designer e escritora. Pesquisadora cadastrada no CNPq, faz pesquisa sobre a História da Tipografia em Espírito Santo. Leciona no Curso de Desenho Industrial da Univ. Federal do Espírito Santo. Tem publicado na área de História do Livro e de Filologia e Linguística; é autora de *Espírito Santo - Um Estado Singular*, de *Elementos para Compreender o Design Gráfico* e é editora da Revista *ÍMÃ*.

prática de compor com tipos móveis, tirar provas, revisar, imprimir e encadernar; já foram lançados dois números.

A coleção *Amostra Grátis* está no seu terceiro número e é dedicada à ilustração. Contemplando uma seleção de dez entre os mais importantes ilustradores brasileiros vivos, a *Célula* tem editado, semestralmente, um pequeno portfólio. Os três primeiros títulos trazem trabalhos de Lula Palomanes, Trimano e Walter Vasconcelos. A coleção foi idealizada para ser distribuída grátis, e não vendida.

No formato 14 cm x 14 cm, miolo em offset, o livro tem capas impressas tipograficamente, em placa de celulose branqueada. Na frente, além do nome do autor, composto em tipos móveis e impresso em preto, uma vinheta impressa em vermelho, usando



clichê. A quarta capa traz a marca da coleção, composta em tipos móveis, também impressa em vermelho.

No processo é usada uma velha impressora vertical em que 4 cilindros distribuem na rama a tinta espalhada numa bandeja circular. A tiragem é pequena – de 100 a 150 exemplares – porque o núcleo de estudos não está incluído na dotação orçamentária da universidade. A *Célula Tipográfica* arca com todos os custos. Apenas o material da capa é uma doação, feita pela Aracruz Celulose, empresa fabricante de papel sediada no Espírito Santo.

A *Célula* pretende fomentar produção, pesquisa, maior integração entre disciplinas de diferentes cursos, e o intercâmbio dentro e fora do país, reunindo pouco a pouco os apaixonados pela tipografia semi-artesanal, mecânica e digital, além de apaixonados por ilustração e pela edição de livros, revistas, jornais e vídeos, utilizando o experimental como primeira etapa para alcançar a alta qualidade.

A primeira pesquisa registrada pela coordenação da *Célula* aborda a Tipografia no Espírito Santo a partir de informações históricas e de levantamento sistemático de maquinário e estabelecimentos voltados a esta prática, no Estado.

Além disso a *Célula* organiza eventos, também visando integração e aperfeiçoamento. O mais recente foi o I Seminário Nacional de Ilustração e Design Editorial,

que colocou em cena profissionais do quilate de Trimano, Chico Caruso, Tide Hellmeister, Lula Palomanes, Cavalcante, Walter Vasconcelos, Rubem Grilo, Guilherme Mansur, Liberati, Joyce Brandão, Attílio Colnago, Gilbert Chaudanne e Ilvan. Um sucesso que alcançou grande repercussão.

Mais informações: <http://celula-tipografica.blogspot.com/>



Classroom teachers may not be aware of the long-term benefits of careful consistent teaching of handwriting. The curricula in our schools are so packed with requirements that it is often difficult to include the basics. Although the time required for teaching handwriting is not so great, it has to be incorporated regularly into a class schedule. Novice teachers, if they teach the mechanics of writing at all, are often thrown upon the resource of using publishers' copybooks. They expect children to copy, self-teach, and internalize the material. And yet, without direct teaching, the attempt to learn writing often ends in disaster.

...

Time for direct teaching of handwriting needs to be built into busy school schedules. Too many students are kept from a successful school experience by inadequate handwriting ... the choice of form and type of letters is not as important as consistency and careful direct teaching. Consistency within a classroom and in a school system is essential.

(B. Sheffield, *Handwriting: A Neglected Cornerstone of Literacy*. *Annals of Dyslexia* (46), 1996).

Handwriting is one of the most important skills that children acquire and use throughout the school years as part of their occupation as students.

...

When handwriting skills are deficient, children suffer various consequences related to their academic performance and social interactions, thus limiting their successful participation in everyday school activities

(Preminger, F.; Weiss, P.L.; Weintraub, N., *Predicting occupational performance: Handwriting versus keyboarding*. *American Journal of Occupational Therapy*, (58), 2004).

## A fonte digital *Escolar Portugal*

Entre os vários cancros que afectam o ensino escolar em Portugal estão as dificuldades que as crianças têm quando começam a aprender a ler e escrever. Enquanto se vai discutindo – a passo de caracol, sem qualquer rigor científico, e sem chegar a quaisquer conclusões – as supostas vantagens do *Sistema Global de Leitura*, ninguém nos Sindicatos, ninguém nas Associações de Pais, Direcções do Ensino, ninguém nas Escolas e Ministérios se lembrou até hoje de questionar se as letras ensinadas nas escolas são adequados para facilitar às crianças a dura tarefa de aprender a escrever e a ler. E de perguntar se os caracteres tipográficos usados nos livros escolares são adequados para as crianças adquirirem a habilidade de escrever legivelmente.

Contudo, quando publiquei nestes *Cadernos de Tipografia* o artigo «Qual é a letra mais adequada para as crianças aprenderem a escrever?» este tema foi – de longe! – o que mais reacções e interesse provocou, tanto em Portugal, como no Brasil. Nesse artigo levantei questões e tratei de enumerar algumas soluções alcançadas em várias países, mas não apresentei soluções práticas para Portugal.

Agora, a fonte *Escolar Portugal* tenta colmatar essa lacuna. Cansado de folhear livros e cadernos escolares que apresentam modelos de «caligrafias infantis» em que as letras são anémicas, tortas, raquíticas, «lingrinhas» e isentas de qualquer lógica inerente à execução caligráfica, sem vigor e expressividade, decidi investir algum tempo para apresentar uma fonte digital *Escolar Portuguesa* digna desse nome.

Editoras portuguesas da área do ensino primário e pré-escolar, como, por exemplo, a Ambar, a Porto Editora, o Grupo Edider-88,

a ASA, a Texto Editores/Júnior, a Papa-Letras e várias outras, têm passado anos e anos a imprimir e vender horripilantes exemplos de cadernos de iniciação à escrita. Quando analisamos páginas desses cadernos, pode dar-se o caso de vermos páginas compostas com seis a sete fontes diferentes (sim, numa única página!) – e então ficamos cientes que alguns dos responsáveis por estas publicações nunca se incomodaram em fazer qualquer espécie de investigação sobre a «letra infantil». O Ministério da Educação em Portugal também nunca pensou em emitir directrizes para orientar neste tema.

Contudo, existiu uma abordagem racional à didáctica da caligrafia. Foi praticada, ainda no século XX, em Escolas Profissionais, que ensinavam a «Letra Comercial», necessária para desempenhar os trabalhos de contabilidade. Também houve vários professores/professoras primários que elaboraram úteis cadernos de exercícios. A confusão instaurou-se com a falta de rigor nesta área por parte dos professores e com a adopção de fontes digitais inapropriadas.

Pensando que a *Escolar Portugal* também possa ser usada para ensinar outros idiomas que o português, a fonte integra vários diacríticos típicos do castelhano, do alemão, de línguas eslavas, por exemplo. Paralelamente, lanço a letra *Escolar Brasil*, com uma série de letras de formas diferentes, já que o Brasil, como toda a América Latina, se rege por padrões de letras oriundos das Escolas Primárias da América do Norte e de tradições caligráficas anglo-saxónicas.

As fontes que aqui proponho poderão, espero eu, recuperar a esquecida, mas necessária discussão sobre a «melhor letra infantil». Dirija os seus comentários, sugestões e críticas a: [info.tipografia@gmail.com](mailto:info.tipografia@gmail.com).



abcçdefghijklm  
nñopqrstuvwxyz.  
ABCDEFGHIJKL  
KLMNÑOPQRS  
TUVWXYZ «» ; , ... ¿ ? !  
#1234567890()÷+×<=>\_ \_ \_ \_  
Á À Â Ã Ä Å Ó Ô Õ Ö Ø  
Ú Û Ü Ü Ê Ë Ì Í Î Ï Ñ Ò  
á à â ã ä å. é è ê ë. ì ï ï. ú ü,  
ó ô õ ö ø, ú û ü. @ Δ ○ □  
Š š Œ [ \ ] { / } |  
J X m o ol n n v



abcdefghijklmnop  
pqrstuvwxyz.  
ABCDEFGHIJKLMN  
OPQRSTUVWXYZ  
£. « » ( / )  
#1234567890 ÷ + × - \_  
Á À Ã Ä Å Ö Ø Õ Ö  
Ú Ù û ü Ê É Í Î Ï  
á à â ã ä. é è ê ë. ì ï ü. ý ÿ,  
ó ô õ ö, ú û ü. Δ ○ □

Set de glifos da fonte digital «Escolar Portugal», peso Forte. Este peso pode simular, por exemplo, letras escritas com giz no quadro da escola. Este peso da fonte ainda tem pormenores técnicos por ajustar.

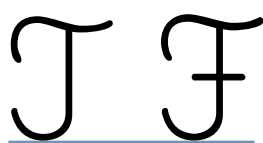
abcçdefghijklmno  
pqrstuvwxyz.  
ABCDEFGHIJKLMN  
OPQRS  
TUVWXYZ. «» (/)  
#1234567890 ÷ + × \_ \_ \_ \_  
á à ä å â ó ô õ ö  
ú û ü ê é ģ ģ ģ ŷ  
á à â ã ä. é è ê ë. ù û ü. ý ŷ,  
ó ô õ ö, ú û ü. Δ ○ □  
Đ đ Ç ç, Ñ ñ, š Ÿ ž Ž [ ] ! ? ! ! « » ; ,

Amadeu Bento Celéria  
Domingos Eliús Fradex  
Guimarães Hector  
Inumêno Jamiruz Kaspar  
Laxatif Maximiano  
Nóronha Ottmar Pedro  
Quasimodo Rafaely  
Stanislas Tadeuz  
Uliua Valerius  
Wagner Xenofantes  
Ypsylon Zéfiro  
Fino, Forte

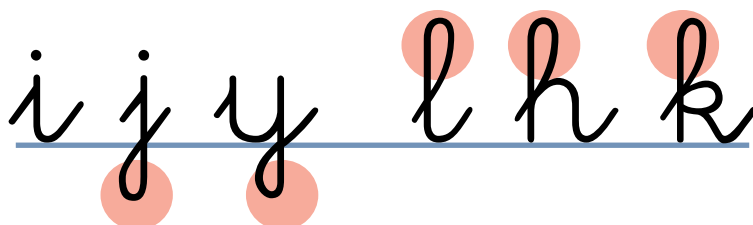
## Características da fonte *Escolar Portugal*



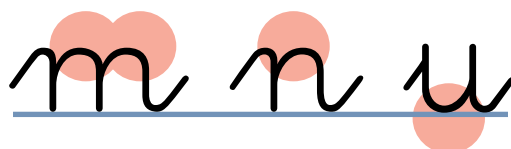
Letras com formas semelhantes são apresentadas como tal, para a criança perceber intuitivamente a modularidade inerente a letras, como, por exemplo, o P, B e R. Ou o T e o F.



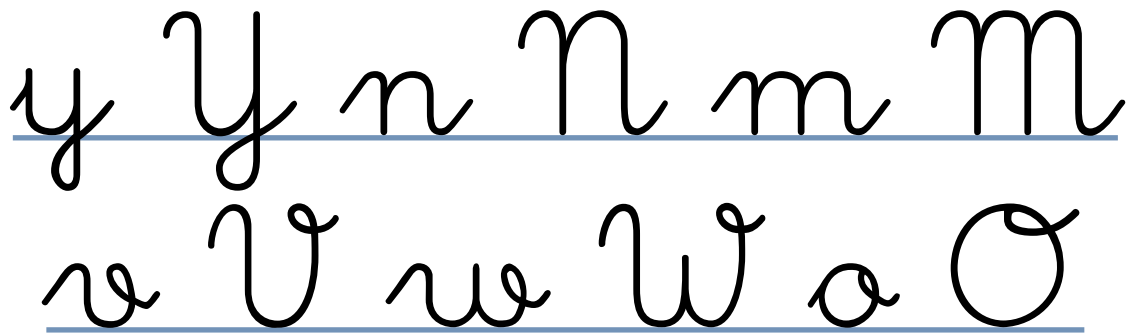
Com a *Escolar Portugal*, a modularidade inerente às formas de várias minúsculas é feita transparente e óbvia. No caso do a, d, g, o, p e q, a criança percebe que estas letras são compostas por um elemento redondo, e outro direito, usado para formar as hastes ascendentes ou descendentes.



Modularidade em formas descendentes e ascendentes: os laços são sempre idênticos. Nos EUA, os *penmen* designavam estas letras «upper loop letters» e «lower loop letters»; são as letras de haste composta superior e de haste composta inferior.



Os ritmos regulares que derivam do ducto caligráfico de uma letra ligada são uma característica essencial da fonte *Escolar Portugal*. Auxiliam a criança a desenvolver uma boa forma de letra, e a alcançar um espaçamento ideal, cuja uniformidade favorece a legibilidade dos textos.



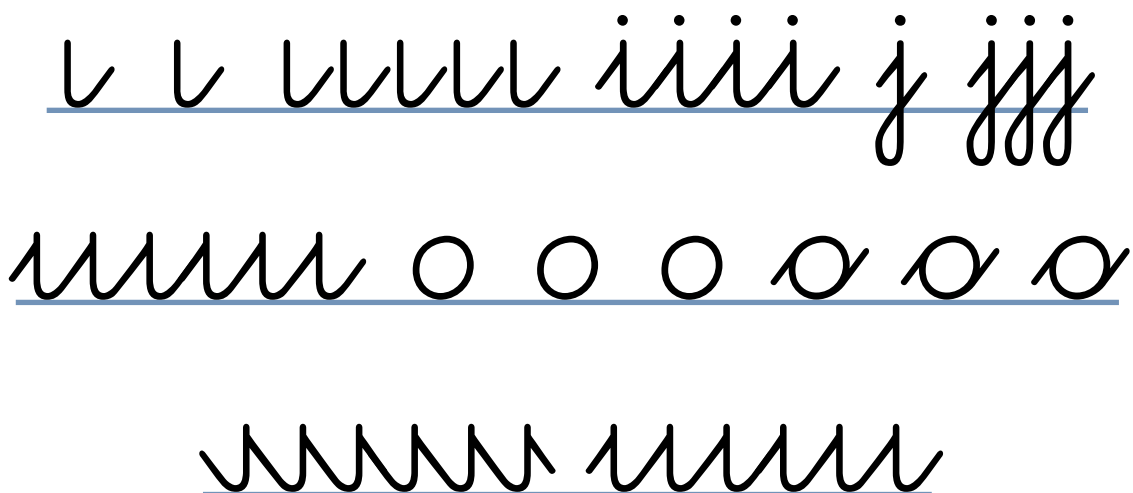
Na letra vertical infantil, algumas formas de maiúsculas são idênticas às respectivas minúsculas. A fonte *Escolar Portugal* põe em evidência este facto, sempre que possível.



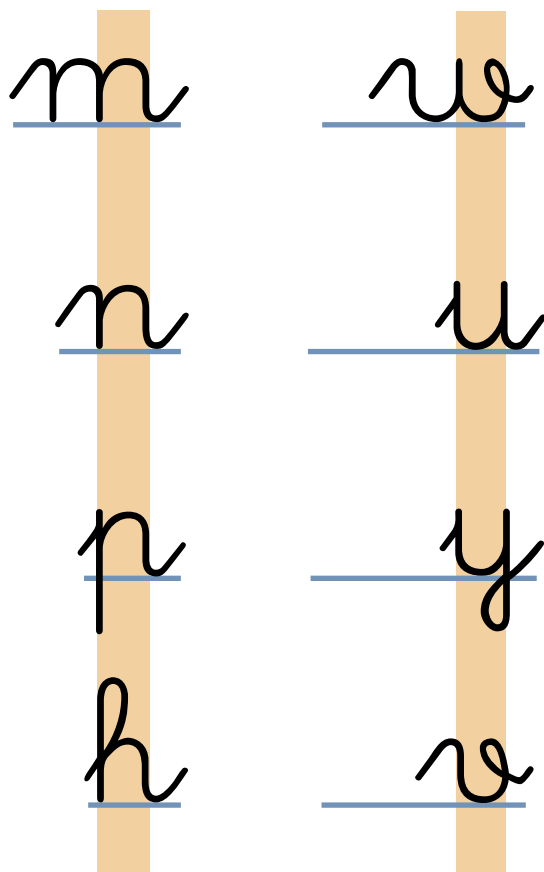
As letras «a» e «d» nascem da forma básica oval, à qual se juntou uma linha vertical, terminando com uma pequena curva inferior. Esta linha recta faz uma tangente à oval.



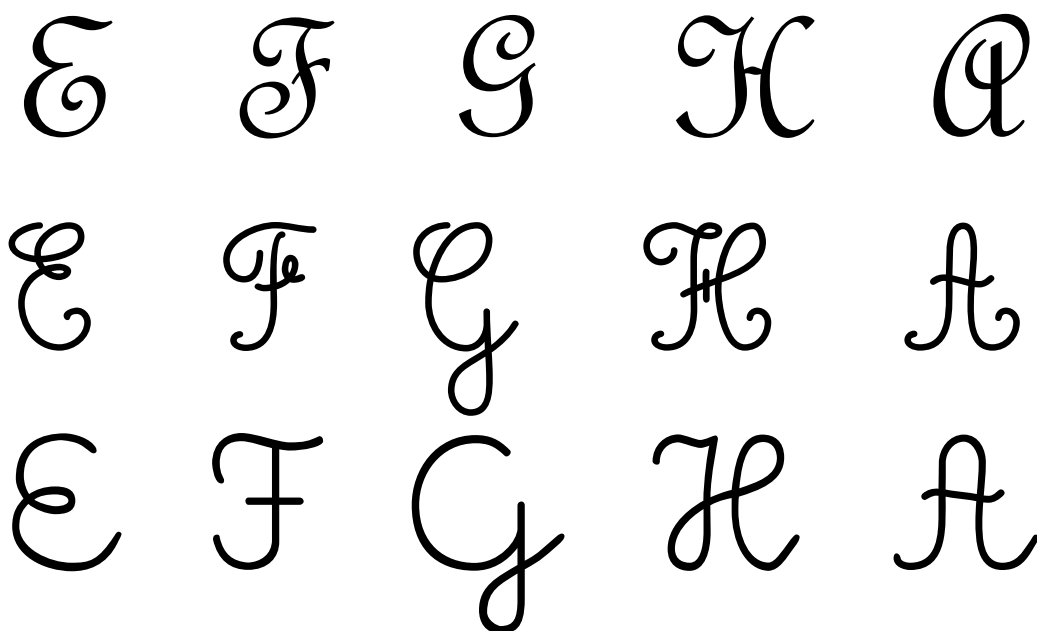
É essencial que os professores treinem a sua percepção das letras, para explicarem às crianças onde existem elementos modulares: o descendente do «j», combinado com o «o», dá origem a um «g».



Os ritmos regulares são essenciais para treinar a destreza da mão infantil.



A importância de larguras de letra uniformes: Além de atender às formas tradicionalmente praticadas em escolas portuguesas e brasileiras, respeitando a continuidade cultural nacional, europeia e mesmo internacional, as formas da fonte *Escolar Portugal* orientam-se pelas considerações sistemáticas propostas pelo pedagogo suíço Hans Eduard Meier, que lançou recentemente a fonte escolar *ABC Schrift*, discutida mais adiante. Deste modo, complementam o tradicional com aspectos pedagógicos contemporâneos.



Formas demasiado floreadas ou ornamentadas (primeira linha, «Letra Redonda Francesa», aqui representada pela fonte digital *FrenchScript*; segunda linha, a fonte

*GinoSchoolScript*) foram radicalmente simplificadas na *Escolar Portugal* (terceira linha), em proveito da clareza das formas e da facilidade de execução.

## A importância do primeiro alfabeto

A letra aqui apresentada foi concebida para ser o primeiro alfabeto usado por crianças dos 4 aos 7, 8 anos. A fonte *Escolar Portugal* é um alfabeto didáctico, no sentido primário do termo. Ensina a escrever, e ajuda o educador a ensinar a escrever. A sua função é proporcionar às crianças, na primeira fase de aprendizagem do ler e escrever o idioma português, uma experiência o mais satisfatória possível, omitindo frustrações com dificuldades desnecessárias (por exemplo, arabescos difíceis de desenhar) e enfatizando as relações estéticas entre as letras. Para ajudar a criança a controlar e dirigir a sua motricidade durante o processo de escrever, atendeu-se a dar um ritmo muito regular às letras ligadas entre si, quando formam sílabas, e depois, palavras.

Esta fonte deve ser usada em exclusivo, sem ser acompanhada pelo que hoje se designa por «letra de imprensa», ou por qualquer outra fonte. Deste modo, evita-se confusão na percepção das crianças, habituando-as a um modelo único de letra. Não só os cadernos de exercícios, mas **todos os livros apresentados às crianças nesta fase de aprendizagem devem ser exclusivamente compostos com uma fonte**. Este uso exclusivo pode ajudar a evitar casos de dislexia e ajuda as crianças a focarem a sua atenção.

O reconhecimento dos textos impressos em livros escolares, folhas de exercícios, contos e demais literatura infantil, é estimulado se a criança vê impressa no livro a letra que aprendeu a escrever. Em muitos países europeus, por exemplo na Alemanha, o uso exclusivo de uma só forma de letra é um facto generalizado. Só quando a criança domina o primeiro alfabeto é que é feita a transição para o tipo de letra «definitivo».

O autor da fonte aqui apresentada não produziu um desenho original. Apresenta um híbrido,

desenvolvido a partir de vários desenhos já divulgados, uns mais amplamente, outros menos. A intenção não foi apresentar algo de original e na moda, mas sim uma letra simples, de execução fácil, neste sentido verdadeiramente «infantil», e muito funcional. Falamos de uma *Escrita Vertical*, ou *Escrita Direita*, como exposta nos cadernos portugueses dos anos 30 e 40, e também os brasileiros de Vianna (veja Bibliografia). Nos Estados Unidos, o *Vertical Writing* foi introduzido por volta do virar do século.

Os seguintes pressupostos foram adoptados para dar às letras «formas lógicas» (na óptica da criança), com uma estética de formas vigorosas e cheias, abandonando os padrões «raqúiticos»:

- a) As letras são direitas, para a criança estabelecer uma mais fácil identificação com «formas típicas». As letras não apresentam inclinação nem para a direita, nem para a esquerda (como infelizmente se continua a ver em diversos livros portugueses para o ensino pré-primário).
- b) As letras não são separadas, mas ligadas — para facilitar à criança a construção de sílabas e palavras simples e para lhe dar um apoio no treino do «espaçamento correcto».
- c) As formas das letras devem ser o mais sóbrias possíveis, evitando arabescos e barroquismos desnecessários. São compostas por elementos redondos e elementos «direitos», evitando sempre que possível as diagonais, difíceis de desenhar.
- d.) Já os troços de ligação entre as letras (as junções) são sempre diagonais, e sempre orientados no mesmo ângulo. Esta consistência é essencial para proporcionar à letra o máximo de «metodologia na construção» possível.

o a a an



- e) Há que evitar ambiguidades resultantes de formas de letras demasiado parecidas.
- f) Muitos professores primários e educadores do Pré-escolar não dispõem de software de qualidade para paginar, como o InDesign da Adobe. Portanto, na maior parte dos casos, a fonte será usada em programas de composição de texto de qualidade inferior, como o MS Word da Microsoft. Esta limitação invalida a utilização de ligaduras e glifos alternativos na fonte digital, elementos tipográficos que são totalmente ignorados pelo MS Word.

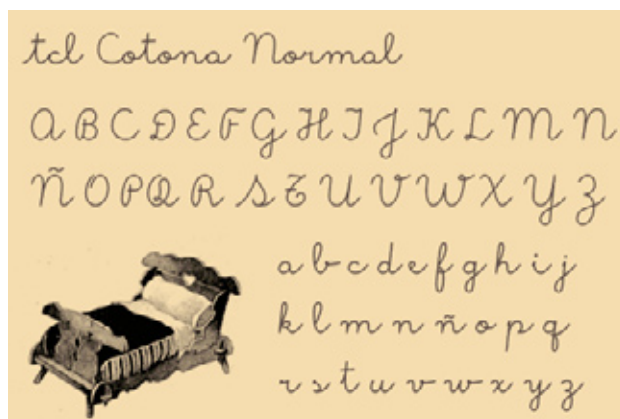
Deste modo, a fonte aqui apresentada é concebida para ser uma solução global para as Escolas Primárias, Kindergartens, Pré-escolares, e os encarregados de educação que ensinam as suas crianças a escrever e ler em casa.

### Algumas soluções nacionais

No mercado encontram-se várias opções comerciais de letras adequadas para ensinar crianças a escrever e ler. Também se encontram vários «freefonts». Porque não usá-las, porquê propor uma nova fonte digital, para o ensino em Portugal / nos PALOP?

Duas fontes posicionadas no mercado da América Latina são a *Kindergarten* do brasileiro Tony de Marco e a *TCL Cotona*, do Chile. Estes alfabetos são derivados directos do desenho de letras comum nas escolas primárias dos EUA, que por sua vez deriva do sistema Zaher-Slohan e outros, semelhantes.

O alfabeto *Kindergarten* mostra uma série de glifos que estão demasiado distantes do horizonte e da tradição caligráfica escolar em Portugal; é o caso do I, quase igual ao T, e do Z. Obviamente, há que evitar ambivalências entre formas demasiado parecidas, como o I e o T da *Kindergarten*. Outra desvantagem da *Kindergarten* é o facto que as ligações são articuladas pela parte inferior das letras, o que a invalida para uso em Word, pois para obter ligações como em *ΩΩ*, há que activar uma ligadura de substituição. De um modo geral, a *Kindergarten* é demasiado «ameri-



cana» para se estabelecer com sucesso em escolas portuguesas.

Baseados na experiência que obtiveram com a fonte *TCL Lila*, desenhada por Tono Rojas e Kote Soto para a Editora Marenostrom em 2004, os tipógrafos chilenos da TCL decidiram fazer uma revisão e optimização do desenho, melhorando vários aspectos que aumentam a sua funcionalidade, ao mesmo tempo cumprindo os padrões estabelecidos pelo Ministério da Educação chileno. Aspectos da inclinação, das proporções e da ligação entre as letras foram optimizados, confeccionando os especialistas chilenos uma fonte, que foi posto no mercado com o nome *TCL Cotona*. [www.tipografia.cl/fuentes/tcl-cotona](http://www.tipografia.cl/fuentes/tcl-cotona).

Esta fonte apresenta, para Portugal, problemas semelhantes aos da *Kindergarten*. As formas do F, J, Q, S, T e Z são dificilmente identificáveis em Portugal. Também a *TCL Cotona* recorre ao uso de algumas ligaduras, para mostrar letras mais esteticamente entreligadas.

No mercado europeu, temos, entre outras, as letras desenvolvidas no Reino Unido por Rosemary Sassoon e as letras adoptadas no ensino primário oficial alemão, as *Schulschriften*. Estas letras, de boa qualidade, não têm versões ligadas, ou se as têm, são inclinadas. As ligações entre as letras não são sempre «lógicas».

Mas como as *Schulschriften*, especialmente aquelas versões melhoradas vendidas no Fontshop, tem um óptimo desenho, decidi fazer uma experiência: endireitar no FontLab essas letras inclinadas, para obter um ponto de partida para a fonte *Escolar Portugal*. Não funcionou.

Continuando a procurar uma solução, contacto por email um famoso veterano do typeface design: o suíço Hans Eduard Meier, hoje com 85 anos de idade, rijo e ainda bem activo. A sua mais conhecida e apreciada fonte é a *Syntax*, que começou a desenhar em 1954. Em 1994, desenhou as fontes para as notas bancárias suíças. Uma das últimas propostas de Meier, que tem uma longa prática como pedagogo, é a *ABC-Schrift*, para a aprendizagem da escrita na Suíça.

Algumas escolas suíças começaram a usar esta fonte e a descobrir as suas vantagens. No site [www.schulschrift.ch](http://www.schulschrift.ch) encontrará o mais detalhado acompanhamento jamais publicado para apoio pedagógico de uma escrita escolar: origens da letra, a concepção tipográfica, exercícios práticos para alunos, dicas para professores, folhas de treino da motricidade, artigos de imprensa, etc. As excelentes fontes escolares de Meier, que impulsionaram um movimento de renovação na pedagogia escolar helvética, estão à venda em [www.elsner-flake.com](http://www.elsner-flake.com)

Na França, país de grandes tradições pedagógicas, vários autores/professores ocuparam-se do tema: Claude Hebling, Claude Christophe Beaumale, Philippe Blondel, Joël Brogniard, Jean-Marie Douteau, Jean-Claude Gineau, Éric Leproust, Henri Rogelet, Philippe Tassel e Christian Verchery (fonte *Plume*). Marion Andrews (Bélgica) ganhou um prémio do Ministère de l'Éducation Nationale em França, mas a sua fonte escolar não foi posta em uso nas escolas francesas. O suíço Hans Eduard Meier refere que o desenho da fonte de Marion Andrews apresenta bastantes semelhanças com a sua *ABC Schrift*.

Chamo a atenção para que a letra ligada é chamada nos meios franceses e ingleses associados ao ensino «écriture cursive», «cursive handwriting». (Nos meios tipográficos, a expressão «cursive» é, por vezes, associada ao itálico, grifo).

Há ainda que fazer uma referência ao trabalho de pesquisa de Florian Hardwig, que juntou dezenas de fontes escolares usadas pela Europa

abcdefghijklmnop  
 opqrstuvwxyz  
 ABCDEFGHIJKL  
 MNOPYZ,12359

A fonte Sassoon Infant, uma das soluções de letra escolar apresentadas por Rosemary Sassoon.

ABCDEFGHIJKL  
 MNOPQRSTUVWXYZ  
 123456789

Schulschrift B: Uma fonte escolar, do tipo usado na Alemanha e na Áustria. Esta variante é inclinada.

ABCDEFGHIJKL  
 MNOPRSTUV  
 WXYZ 1234567890  
 abcdefghijklmnopq  
 rstuvwxyz

*Cursif Regular*, uma fonte «típica» do universo de letras escolares francesas. Note os ascendentes e descendentes muito longos; demasiado longos. Em baixo: a fonte francesa CrayonL

ABCDEFGHIJKL  
 MNOPQRSTUVWXYZ  
 abcdefghijklmnopqrst



GinoSchoolScript Bold, uma «cursive scolaire» de Jean-Claude Gineau. 1997

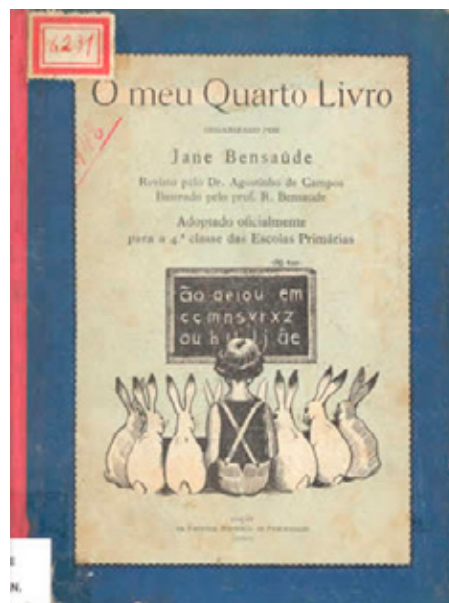
fora. No site [florian.hardwig.com](http://florian.hardwig.com) encontrará importantes materiais sobre a sua pesquisa, por exemplo a apresentação que fez sobre o tema na reunião da ATypI em 2007.

Nas fontes *Gino School Script* e *Little Days* fui encontrar orientação para desenvolver a fonte *Escolar Portugal*. Ambas são distribuídas grátis na Internet. A *Gino School Script* de Jean-Claude Gineau tem as características típicas de uma fonte escolar francesa, que foi o molde seguido em Portugal nas últimas décadas. Mas houve que regularizar toda uma série de detalhes nas letras e omitir barroquismos inúteis. O site de Hans Eduard Meier proporcionou importantes impulsos para a sistematização estética e tipográfica da fonte *Escolar Portugal*, agora apresentada em dois pesos: Regular e Forte.

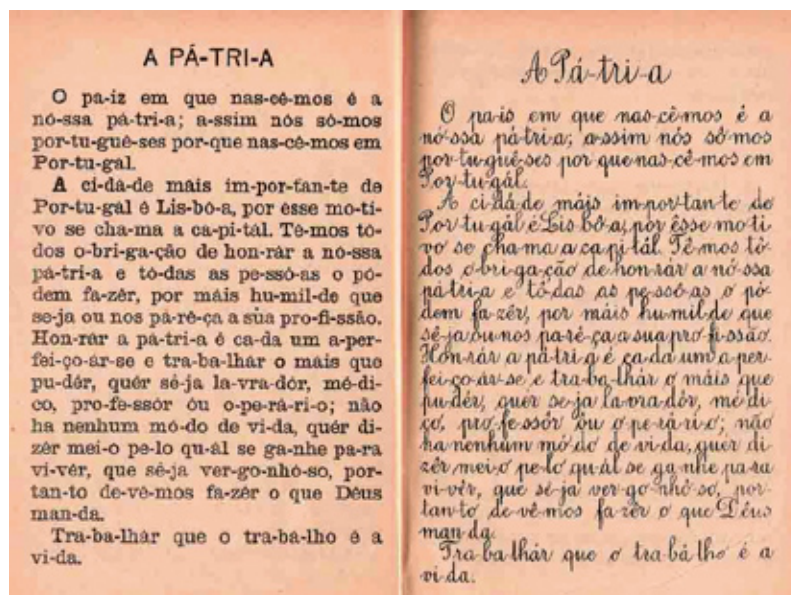
Se esta fonte, depois de testada por educadores e professores, mostrar ser a melhor opção para o ensino da primeira letra em Portugal, haverá que reflectir de novo sobre a relação entre o escrever e o ler. A esse propósito, lembro aqui o que Jane Bensaúde (1862–1938) publicou no seu *Método Simultâneo de Escrita e Leitura*, em 1930.

Escreveu a autora nas *Instruções* ao seu Método: «Este método baseia-se principalmente sobre um facto de experiência: As crianças aprendem mais facilmente a escrever do que a ler. Reter

símbolos gráficos convencionais, a que correspondem símbolos orais igualmente arbitrários, é um trabalho árido, puramente de memória, que em nada pode interessar uma criança. Não acontece o mesmo com a aprendizagem da escrita, que é uma forma especial do desenho. Toda a criança normal manifesta desde muito cedo a tendência para desenhar; aproveitando-se convenientemente esse desejo, ela é condu-



Bensaúde, Jane. O meu quarto livro. Lisboa: Imprensa Nacional de Publicidade, 1932. Edição ilustrada por R. Bensaúde e revista pelo Dr. Agostinho de Campos. 182 p.; 20 cm. 1932.



Guia Maternal, 1ª edição, 1908. Eventualmente, a primeira manifestação de uma «Letra Vertical» para uso das escolas em Portugal.

zida por este método, não só a traçar as letras do alfabeto, mas subsidiariamente, a reconhecê-las e a compor palavras com elas. Quando por meio de exercícios apropriados, se consegue esse fim, em breve chega o momento em que, pondo-se nas mãos da criança um livro impresso, esta descobre, encantada, que também aprendeu a ler quase sem dar por isso».

«Este método tem sido aplicado com muitos bons resultados a pequenos grupos de crianças, e mesmo em classes numerosas. O ideal, porém, é ministrar o ensino a grupos homogêneos de doze até ao máximo de vinte e cinco alunos, de seis a oito anos. Nas classes numerosas encontram-se sempre algumas crianças mais vivas, que depressa aprendem a compor palavras, e que auxiliam com entusiasmo os companheiros mais atrasados. A alegria e o bom humor dos mestres alimentam a boa disposição das crianças e contribuem consideravelmente para o progresso da classe». (Fim da citação.)

Para apoiar e completar o seu método, Jane Bensaúde publicou quatro livros, para cada uma das classes do ensino primário. Paralelamente, redigiu livros para a infância, com contos e «histórias de encantar», nos quais nos revelou a sua sensibilidade artística e a sua cultura literária.

Pouco depois de Jane Bensaúde publicar em Portugal, Clotilde Guillén de Rezzano publica na América Latina a sua *Didáctica especial*, em 1936. Refere-se às vantagens do ensino simultâneo da leitura e escrita: «Por meio da simultaneidade das impressões visuais, auditivas e motoras se intensificam as imagens mentais correspondentes à linguagem lida e falada, assim como os complexos musculares motores. Cada um ganha por sua associação estreita com os demais, reforçando-se mutuamente. A simultaneidade de aquisição não apenas fixa a imagem com mais intensidade, pela repetição dos estímulos, mas também favorece sua evocação pelas diversas associações. Ainda contribue à segurança e rapidez das reações musculares para reproduzi-las graficamente. A simultaneidade da aprendizagem da leitura e escrita se generalizou, exceto quando se inicia a criança muito cedo na leitura (antes dos seis anos).» (*Didáctica General y Especial*, en 2 volumes, para segundo año de las escuelas normales. Editorial Kapelusz, Buenos Aires.)

### Lápis e canetas

Há que falar também sobre instrumentos apropriados para a criança escrever, pois ao entrar





Stabilo 's move: uma coleção de canetas modernas, ergonómicas, ideais para as crianças aprenderem a escrever.

no Pré-Escolar ou no Jardim Infantil, os/as meninos/as devem adquirir hábitos de um grafismo funcionalmente bem orientado.

A preensão (*grip*, em inglês) e boa condução do instrumento escritor tem grande importância não só para o grafismo e para a escrita, como também para evitar crispações e dores. Muito cedo, com cerca dos três/quatro anos, a criança deve ser habituada a agarrar no lápis ou marcador com o polegar, indicador e médio na ponta superior do instrumento gráfico, podendo ficar com o braço livre (não apoiado) para traçar à vontade os riscos que quiser. Depois, pouco a pouco, ter-se-á o cuidado de fazer descer a tríade polegar, indicador e médio sobre o lápis até chegar mais perto da ponta – altura em que o antebraço já se deve apoiar no papel.

É claro que em casa, ou no Jardim Infantil, há que habituar a criança a sentar-se bem na cadeira, pés no chão, o braço que não escreve apoiado na mesa (nunca caído), o papel do lado da mão escritora no caso de não ser suficientemente largo para abarcar os dois hemi-campos gráficos. Assim, a criança, com seus exercícios espontâneos, chega aos movimentos de inscrição e de progressão, com traçados cada vez mais complexos – traçados que preparam a escrita.

É deste impulso visuo-quinético criador do grafismo, integrado nas actividades do Jardim

Infantil, que resultará, mais tarde, a habilidade necessária para aprender a escrita.

### As origens da Escrita Direita

Uma hipótese, cuja aprovação ou reprovacão exigiria uma pesquisa bem mais aprofundada do que a apresentada neste artigo, assume que a *Escrita Direita* tenha vindo da Alemanha/Áustria, em consonância com o movimento reformista da *Higiene Escolar*, que meritoriamente se preocupou, pela primeira vez, com os problemas de postura (posição do corpo, dos braços e dedos) das crianças, quando lhes era exigido o complicado esforço de produzir letras caligráficas muito elaboradas e ornamentadas. Um comentário publicado num livro de aprendizagem norte-americano leva-me a crer que o modelo original do *Vertical Writing* veio da Alemanha/Áustria e que teve uma propagação muito rápida a nível mundial.

A *Escrita Direita*, que podemos considerar a «escrita escolar típica de Portugal» (mas que também teve ampla utilização em Espanha, no Brasil e em outros países) foi introduzida no nosso país por volta da viragem de século.

Como decorreu essa implementação? Na falta de qualquer estudo sobre a evolução do ensino da escrita em Portugal, não tive outra solução se não consultar um a um os diversos cadernos de



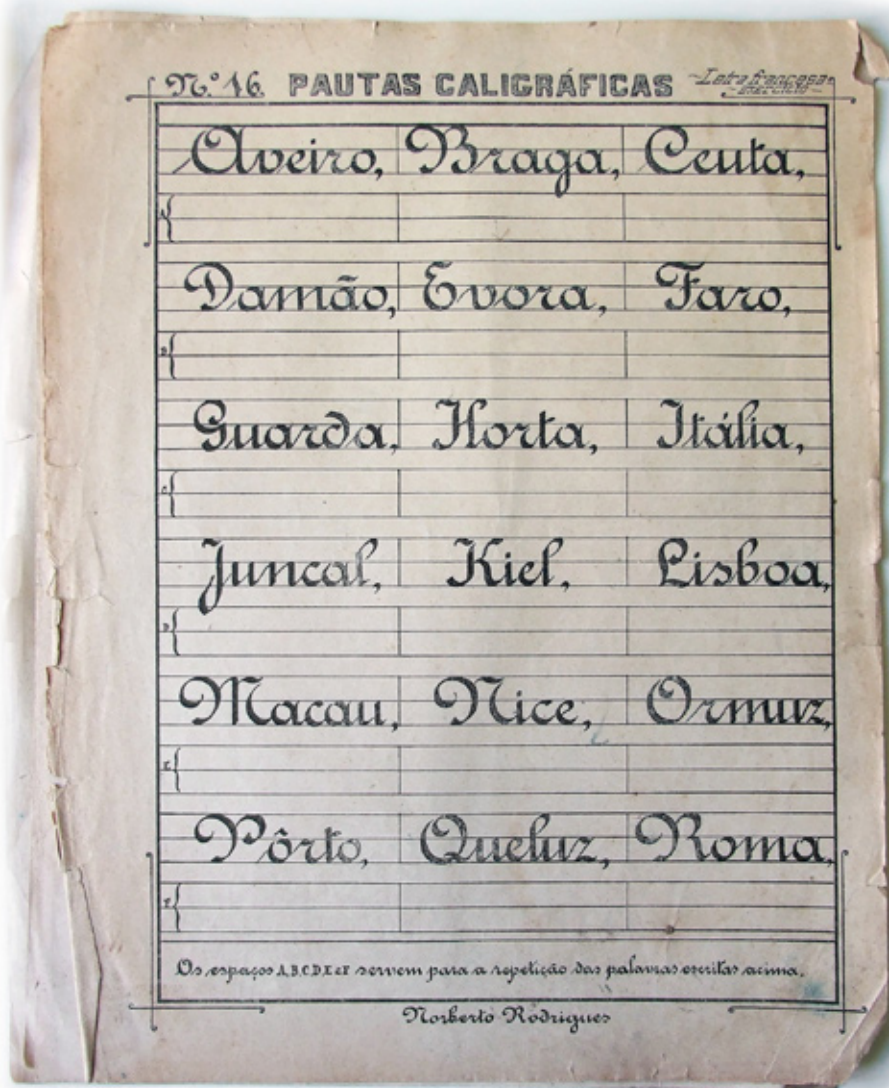
exercícios disponíveis na Biblioteca Nacional, em Lisboa. Uma outra fonte de materiais importante é a relação publicada online pela Secretaria-Geral do Ministério de Educação em: [www.sg.min-edu.pt](http://www.sg.min-edu.pt)

Outra excelente fonte online para este tema é a *Biblioteca Patre-Manes*, «fruto de un proyecto internacional de investigación subvencionado durante 2005-2006 por el programa *América Latina Formación Académica* de la Comisión Europea. El programa ALFA es un programa de cooperación entre la Unión Europea y América Latina ... la Red se denominó *Patrimonio Escolar-Manuales Escolares*» ...acessível em [www.redalfa.estudiantesunlu.com.ar](http://www.redalfa.estudiantesunlu.com.ar)

Antes da *Escrita Direita*, o que é que era ensinado? Nas primeiras décadas do século XIX, a invenção da pena metálica e do lápis, o barateamento do papel (e por consequência dos cadernos escolares) e a difusão das ardósias pequenas terão tido efeitos na aprendizagem da escrita. Neste século, imperavam a «Letra Inglesa», (curva, inclinada) e a «Letra Francesa (direita).



A *Letra direita*, no Caderno Popular Gráfico Godinho, «o método mais fácil e explícito que se pode imaginar». Os «Cadernos Godinho» foram publicados por Paulo Guedes, em Lisboa. Esta *Letra direita* parece fortemente aparentada com a *Letra Francesa*, apresentada nas próximas páginas. De certo modo, esta letra é o arquétipo da «Escolar Portugal» apresentada neste Caderno. Foto: coleção Dino dos Santos.



A *Letra Francesa*, conforme mostrada nas *Pautas caligráficas* de Norberto Rodrigues. Este tipo de caligrafia normalizada era escrito com penas metálicas relativamente largas. Foto: colecção Dino dos Santos.

Para ter outras referências sobre a «Letra Francesa», o leitor considere-a comparável às três fontes digitais seguintes: a *Linoscript Medium*; a *French Script*, da Adobe; a *Gando*, da Bitsream:

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U  
V W X Y Z, a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U  
V W X Y Z, a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U  
V W X Y Z, a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z.



Durante o século XIX, as crianças iam à escola principalmente para aprender a ler (e contar). Aprender a escrever não era estimado ser tão importante e muitos alunos abandonavam os estudos assim que «sabiam ler». O certo é que as técnicas caligráficas convencionais, ainda profundamente enraizados nos modelos aristocráticos, atrasavam e dificultavam o processo da escrita; deste modo passa-se gradualmente à aprendizagem de uma letra cursiva e fluída, e a letra caligráfica passa a «exercício de adorno». A diferença entre «caligrafia» e «escrita» estabelece-se por volta dos finais do século XIX, quando aparecem os Cadernos caligráficos e os Cadernos de escrita.

O autor castelhano Pedro de Alcántara García Navarro escreve em 1891 que «debe distinguirse entre escritura propiamente dicha y caligrafía, pues ni todos los niños tienen aptitudes caligráficas, ni en la escuela se dispone de tiempo para entregarse a perfiles y refinamientos caligráficos».

Que em fins do século XIX ainda não fora introduzida a *Escrita Direita* em Portugal, demonstra a seguinte obra publicada em 1897: *Ensino Primario Official. Exemplar Calligraphico de Domingos Godinho. Obra aprovada pelo Governo para as escolas de instrução primaria elementar*. Este livrinho-manual de aprendizagem mostra a «Letra Inglesa», que é semelhante a esta fonte:

A B C D E F G H I K  
L M N O P Q R S T U  
a b c d e f g h i k l n o p r s t u v x z

Se a *Escrita Direita* praticada ao longo do século XX nas escolas primárias portuguesas originou do *Vertical Writing*, da «Letra Inglesa» ou da «Letra Francesa» (que já de origem sempre foi direita e redonda), é difícil de reconstruir. Eventualmente, será um híbrido derivado vários estilos de escrita caligráfica então ensinados nas Escolas

Comerciais de Lisboa e do Porto. De qualquer modo, a «Letra Inglesa» continuou a ser leccionada nas Escolas Comerciais. A «Letra Francesa» parece ter tido em Portugal um papel menos importante.

O difícil manuseio das canetas de pena metálica (problemas com os constantes cuidados com sua limpeza, a qualidade das tintas, os frequentes borrões) devem ter levado a substituir estas penas por lápis de carvão, nas Escolas Primárias, claro.

Nas Escolas Comerciais a caneta de pena metálica continuou em uso. (As canetas de tinta permanente só aparecem mais tarde no mercado de produtos escolares. Hoje já são raras as lojas de papelaria onde se possa comprar uma caneta de pena metálica).

A simplificação associada à *Escrita Direita* (hastes verticais, formas menos barrocas), que em Portugal apareceu a partir de 1900 e ficou instaurada a partir de 1930, terá sido acompanhada por uma «desprofissionalização da pedagogia da escrita», já que a maioria dos professores primários não teriam os conhecimentos de Caligrafia ministrados nas Escolas Comerciais.

Durante os últimos 30 anos, observámos em Portugal o total abandono de qualquer consideração de «qualidade caligráfica», «racionalidade da escrita infantil» ou qualquer outro tema relacionado com uma pedagogia coerente no ensino da escrita.

Em Espanha, a *Ley de Ordenación General del Sistema Educativo* de 1990 estipulou diversas vias para implementar na prática o direito de cada criança à Educação; assim se escolarizaram mais de 95% das crianças em idade pré-escolar, em 1990/1991. Mas esta lei e outros textos normativos criaram, segundo comenta María Paz Lebrero, «un espacio vacío en el que la lecto-escritura no es materia de Educación Infantil ni tampoco de Educación Primaria. A esta lamentable situación hay que añadir otra dificultad insalvable relativa al alumnado: el profesorado de Primaria ha de abordar una serie de conteni-



dos que presuponen el dominio lector, pero se encuentra con alumnos de diferente nivel, dado que algunos han descubierto por sí mismos la lectura o la han aprendido por diversos medios; otros, sin embargo, no han iniciado el proceso o lo han abordado de forma muy elemental. A su vez, los manuales destinados al aprendizaje de la lectura y la escritura han dejado de publicarse, puesto que en la etapa infantil no es obligatoria su enseñanza».

### Bibliografia geral

- Groff, Patrick. Handwriting, and its Relationship to Spelling. *Journal of the Simplified Spelling Society*, J19, 1995/2, p22-25. [Online em: <http://www.spellingsociety.org/journals/j19/handwriting.php>]
- Rumjanek, Leticia. *A legibilidade relativa de tipografias para crianças em fase de alfabetização*. Tese de Mestrado em Design. 2009. Univ. do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil.
- Rumjanek, Leticia. *Camomila - Typeface for children*. In: Florian Pfeffer. (Org.). Mainz: Universitätsdruckerei H. Smidt, 2004, v. 07, p. 140-141.



A *Letra Inglesa*, conforme consta nos Modelos para Exercícios caligráficos da Escola Prática Comercial Raul Dória, cidade do Porto. Este livrinho terá sido publicado por volta da viragem de século. Foto: gentileza Dino dos Santos.

- Rumjanek, Leticia. *Tipografia para crianças: estudos de legibilidade*. In: Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo : AEND, 2008.
- Hardwig, Florian. *Von Luftlinien, Flammenbögen & Speedloops*. <http://www.florian.hardwig.com/manuscribe/>
- Hardwig, Florian. *Hand Made | On airlines, flame bows and speed loops. The forms of primary script*. <http://www.fontshop.be/details.php?entry=224>

## Em prol da Calligraphia vertical: um depoimento de 1915

**Sob o titulo «Em prol do ensino primário», a professora brasileira Antónia Ribeiro de Castro Lopes, directora da Escola Complementar 15 de Novembro, de São Paulo, escreveu em 1915 ao *Jornal do Commercio*:**

«Desde muito germina em meu cerebro a propaganda da “calligraphia vertical”, a mais facil, a mais racional a que mais se coaduna com o instincto, a tendencia natural da criança, systema de ensino hoje seguido pela pedagogia hodierna – aproveitar o instincto, a tendencia natural da criança.

No meu artigo intitulado *Impressões sobre o ensino do Estado de São Paulo*, publicado no *Jornal do Commercio*, de 9 de Julho de 1914, tive occasião de demonstrar ligeiramente as vantagens desse character de letra observadas nos institutos de ensino daquelle progressivo Estado.

Hoje torno ao assumpto, desejosa de que os dirigentes da Instrucção de meu Estado, voltem para esse problema a sua attenção, livrando assim a infancia das deformações a que a calligraphia inclinada ou “ingleza” a arrasta.

A escripta é a arte de perpetuar o nosso pensamento, é um dos meios de communicação de nosso espirito, deve, pois ser facilitada, o mais possivel, para que se propague com mais rapidez.

Hoje ainda restando laivos de aversão á escola, pois era ella apontada pelos pais como castigo á criança traquinas, cumpre que empregemos todos os meios de facilitar o ensino. Todos os esforços devem ser envidados para que desapareça esse horror, esse estigma da escola antiga, moldando as de hoje pela pedagogia moderna, observando os preceitos e dictames, tornando

a escola um centro de attracção, um remanso de paz, onde o affecto seja o vehiculo, o factor dirigente da instrucção, que o professor ministra depois de bem ponderar sobre o melhor methodo, o processo mais facil de trasmittir tal ou tal disciplina.

Na escola hodierna quem mais trabalha é o professor, a elle compete buscar todos os meios de facilitar o trabalho do alumno, e não lhe sobrecarregar a memoria forçando-o a decorações, com resultado deprimente do raciocínio: cumpre-lhe suavisar o mais possivel o ensino, para que o alumno se apegue, se affeeçoe à escola.

Pensando assim, julgo que a “calligraphia inclinada”, denominada “cursivo inglez”, deve ser substituida pela “calligraphia vertical”, ou “franceza” muito mais pratica, facil e perfeitamente adaptavel ás nossas escolas primarias.

Não tem ella a belleza e a elegancia do cursivo inglez, mas tem vantagens sobre este, e neste ponto devemos visar antes o lado pratico que o esthetico.

Não só é de facil aprendizagem, como tive o ensejo de apreciar na escola modelo *Caetano de Campos* em São Paulo, pois, em quinze dias, crianças que no inicio das aulas mal pegavam no lápis, já escreviam com letra sufficientemente intelligivel!

A “calligraphia vertical” elimina os perigos a que a “calligraphia inclinada” conduz a infancia, justamente na phase em que o tecido osseo facilmente se deforma, obedecendo ás posições forçadas que este typo de letra obriga.

Crianças ha que entram para a escola perfeitadas e de lá sahem soffrendo da vista, myopes (em grande numero) ou trazendo a aberraçao da columna vertebral; correndo tudo isso por

conta da posição oblíqua da “calligraphia inclinada”. Além disso, a escripta inclinada obriga a descansar naturalmente o peso do corpo do lado esquerdo, e por mais cuidado que tenha o professor em observar a posição do alumno, por mais vigilancia que elle exerça, não póde evitar que este apoie a parte esquerda do thorax na borda da carteira ou mesa, comprimindo as costellas, obstando assim o bom funcionamento do aparelho respiratorio.

Vemos, pois que esse problema de hygiene é digno de attenção. As inconveniencias que aponto não são meios unicamente persuasivos de quem faz propaganda, mas sim, resultantes da observação e conclusão da leitura.

Na França, onde os problemas de hygiene escolar merecem toda a attenção, tem sido observado que o desvio da columna vertebral e a myopia são molestias oriundas das escolas.

O Dr. Dujardin- Baumetz verificou que em uma escola normal feminina, sobre 20 alumnas observava-se em 17 o desvio da columna vertebral; em outra, a proporção era de 19 sobre 20, e em uma terceira, observou elle que essa deformidade era total.

Vemos, pois que a escripta vertical, cuja posição é natural, não exige sacrificio, esforço do alumno, é o unico meio de corrigir o mal que se propaga. Além disso ella permite facilmente o ambidextrismo, theoria hoje proclamada como unico meio de desenvolvimento harmonico das circumvoluções cerebraes, pois não ignoramos que o hemispherio esquerdo é o factor dirigente da mão direita na execução dos múltiplos trabalhos que lhe são confiados e por ella executados com precisão.

Sabemos outrossim, que a esse hemispherio é confiado o prodigioso mecanismo da linguagem articulada, descoberta essa devida a Broca, assim como está actualmente provado que pela educação da região que corresponde ao hemispherio direito, podemos readquirir a flexão da

linguagem nos casos de decadencia dessa, nos dextros aphasicos.

A aprendizagem da “calligraphia vertical” faculta o desenvolvimento do ambidextrismo, cujas vantagens são concludentes. (...)

Conscia de que compete ao professor proclamar, diffundir os methodos e processos, mais vantajosos, as modificações e as innovações que a evolução pedagogica nos mostrar, na fórmula de prestar algum serviço ao meu torrão, sigo a directriz que a consciencia me traça, embora como trombeta que ecoa no deserto, correndo o risco da critica, plano inclinado em que resvala todo aquelle que se aventura a uma forma.

Não é novidade, bem o sei, o typo calligraphico cujas vantagens proclamo, pois foi o adoptado até quasi o terminar do século XVIII. Nada mais é necessario para provar isso do que visitar a collecção de autographos expostos na Bibliotheca Nacional. Alli se vêem assignaturas de Luiz XIII, em escripta vertical, assim como as de Pascal, Boileau, Racine e M<sup>me</sup> Sevigné provando que a maioria dos autores da epoca classica adoptavam a “calligraphia vertical”.

A Inglaterra, a Allemanha, o Japão e alguns paizes da America já abraçaram esse character de letra e São Paulo, que é o iniciador de todas as ideas progressistas, já o introduzio em suas escolas, como acima disse, e bem- assim o ambidextrismo.

Em Pariz foi fundada em 1806 uma liga para a sua propagação, denominada “Liga Gratuita para a escripta vertical”, que conta com o apoio de professores eminentes, membros da Academia de Sciencias, da Academia de Medicina, da Academia franceza, etc.

Sigamos o exemplo desses cultos, experimentemos, implantemos em nosso Estado as ideas progressistas».

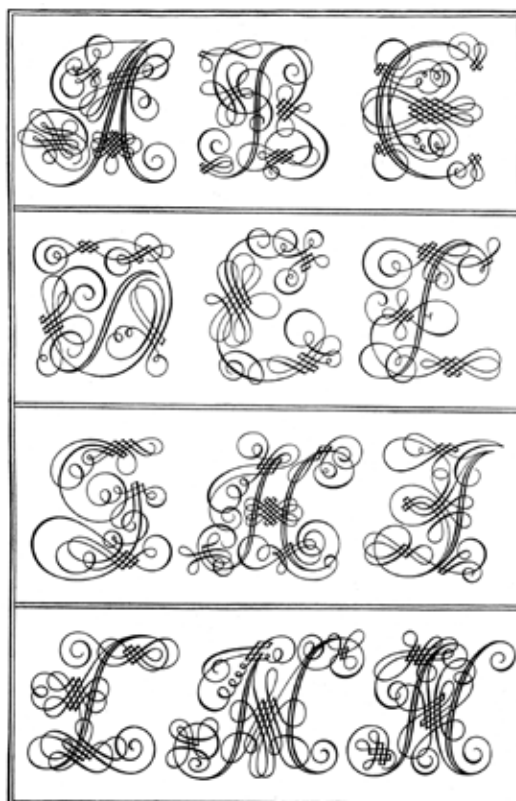
## A evolução da escrita escolar: manuais e outras propostas

### Bibliografia Portugal: obras genéricas

- Carvalho, Rómulo de (1986). *História do Ensino em Portugal — desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- Azevedo, Rafael Ávila. *Tradição Educativa e Renovação Pedagógica (Contributos para a História da Pedagogia em Portugal — Século XIX)*. Porto: Oficinas Gráficos Reunidos. 1972.
- Baptista, Maria Isabel. *Da difusão do Ensino Mútuo à Pedagogia Científica*. In: M.C. Proença (coord.), *O Sistema de Ensino em Portugal: Séculos XIX-XX*. Lisboa: Edições Colibri. 1998.
- Manuais escolares: estatuto, funções, história*. Org. Rui Vieira de Castro. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Univ. do Minho, 1999.
- Baptista, Maria Isabel. *A Escola Transmontana: Tempos, Modos e Ritmos de Desenvolvimento*. Bragança: Edição da autora. 1999.
- Fernandes, Rogério. *Os Caminhos do ABC — Sociedade Portuguesa e Ensino das Primeiras Letras*. Porto: Porto Editora. 1994.
- Ferrão, António. *O Marquês de Pombal e a Reforma dos Estudos*. Lisboa: Tipografia Mendonça. 1915.
- Fernandes, Rogério; Felgueiras, Margarida Louro. *Opções pedagógicas e seleção de manuais escolares na região do Porto (séculos XIX-XX)*. In: Menezes, Maria Cristina, org. *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 145-178.
- Gabriel, Narciso de. *Ler, Escribir e Contar. Escolarización popular e sociedade en Galicia (1875-1900)*. A Coruña: Ediciones Castro Sada. 1990.
- Gonçalves, Gabriel. *Didáctica da Língua Nacional*. Porto: Porto Editora. Sem data.
- Tormenta, José Rafael. *Manuais escolares: inovação ou tradição?* Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1996.

### Bibliografia: Caligrafia & Primeiras Letras, Manuais. Século XVIII

- Figueiredo, Manuel de Andrade de, *Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar... primeira parte / por Manoel de Andrade de Figueiredo, Mestre desta Arte nas cidades de Lisboa Occidental, e Oriental*. Lisboa Occidental: na Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1722. 156 p., 44 figuras gravadas a buril; 2º (31 cm).
- ... Nova Escola ... Edição da Livraria Sam Carlos, Lisboa, 1973. Edição fac-similada do célebre livro português sobre o ensino da arte da caligrafia.
- Araújo, António Jacinto de. *Nova arte de escrever*. Lisboa, 1793.
- Barbosa, Jerónimo Soares. *Eschola Popular das Primeiras Letras*. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1796.
- Sousa, Manuel Dias de. *Nova escola de meninos, na qual se propõe um método fácil para ensinar a ler, escrever e contar*, Coimbra, Real Oficina da Universidade, 1784.



Exercícios caligráficos de Manuel de Andrade de Figueiredo.

## Século XIX

Paleógrafos (=livros de leitura manuscrita) foram, ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, livros usados em Portugal e no Brasil, assim como em outros países. Em Espanha, eram designados «Lectura de Manuscritos». Impressos em litografia, constituíam uma antologia de textos caligrafados com escritas diferentes.

A leitura de manuscritos, dispostos em ordem de dificuldade, constitui uma etapa do aprendizado da leitura. «É um dos livros cuja utilização é recomendada, ao lado de livros de leitura impressos, às escolas, em geral para os terceira ou quarta classe da instrução elementar; é, por fim, um dos livros cujo envio as diretorias de instrução fazem "às crianças pobres" das escolas em que querem implantar o ensino simultâneo.»

(*Paleógrafos ou Livros de Leitura Manuscrita: Elementos para o Estudo do Género*. Batišta, Antônio Augusto Gomes. Projecto Memória de Leitura. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Batišta/batišta.htm>.)

A.G.P. *Cartas das Letras, Syllabas e Vocabulos da Língua Portuguesa*. Lisboa. 1805.

*Escola Fundamental ou Methodo Fácil para Aprender a Ler, Escrever e Contar, com os primeiros Elementos de Doutrina Christiã*. Lisboa: 1.ª Edição Typographia Rollandiana, 1838. 110 p. ; 24 cm

Anónimo. *Escola Fundamental ou Methodo Fácil para aprender a ler, escrever e contar, com os primeiros elementos de Doutrina Christiã*. Lisboa: Imprensa de Alcobia. 1816.

Secretaria de Estado. *Instruções para os Professores das Escolas de Primeiras Letras dos Corpos de Linha do Exército*. 1816.

Ventura da Silva, Joaquim Jozé. *Nova Arte de Escrita. Collecção de pautas para todos os Caracteres de Letras*. 1834 (?).

Monteverde, Emílio Achilles. *Método Facilíssimo para Aprender a Ler*. 1836.

Monteverde, Emílio Achilles. *Manual Enciclopédico para Uso das Escolas de Instrução Primária*, 1837. O *Manual Enciclopédico* foi destinado às escolas primárias de Portugal, mas também foi largamente utilizado nas escolas do Império brasileiro. Um livro enciclopédico onde um pouco de todas as matérias destinadas ao ensino primário estavam reunidas nas suas 698 páginas; um compêndio destinado aos alunos

que já tivessem passado pela fase inicial da alfabetização.

A 1ª edição ocorreu em 1837, teve reimpressões nos anos de 1838, 1840, 1843 e 1850. Em 1855, teve uma tiragem de 30.000 exemplares e saltou para 40.000 exemplares no ano de 1865. As edições de n.º 9 (1870) e 10 (1875), alcançaram 42.000 exemplares.

Monteverde, Emílio Achilles. *Methodo facilimo para aprender a ler tanto a letra redonda como a manuscripta no mais curto espaço de tempo possível*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870. 10ª ed. 160 pág.; 16 cm. Monteverde foi diplomata, jornalista e funcionário do Estado. Foi autor de livros didáticos e recreativos que conheceram inúmeras reedições: *O Recreio*, *Jornal das Famílias*, 8 volumes (1835-1842); *Método Facilíssimo para Aprender a Ler* (1836); *Manual Enciclopédico...*, 1837.

Vasconcellos, João Teixeira de. *Curso Grammatical da Língua Latina e Portuguesa, ordenado em seis livros e offerecido à Instrução Pública*. 1838.

Duarte Ventura. *Arte de aprender a ler a letra manuscripta para uso da Escolas em 10 lições progressivas do mais facil ao mais difficil*. Paris: Em casa de J.P. Aillaud, 1868, 1872, 1873, 1885, 1901. O livro propõe 10 lições. A primeira lição apresenta o alfabeto em letras manuscritas maiúsculas (p. 3 a 4), os números de 1 a 10 (p. 4) e o alfabeto (p.5) novamente, agora em letras minúsculas, assim como nova sequência dos números, em tamanho menor. Utiliza-se sempre letra cursiva, inclinada. As demais lições constroem uma antologia (sempre em cursiva), composta por um único excerto de texto.

A partir de 1850, as escolas primárias contam com novos materiais para a aprendizagem da leitura e da escrita: Catecismos, Cartas de ABC e Cartilhas. As Cartas de ABC eram constituídas por cartas contendo o alfabeto; cartas de sílabas (compostas com segmentos de uma, duas ou três letras) e cartas de nomes (palavras cujas sílabas são separadas por hífen). Contudo, os paleógrafos continuam em uso.

Castilho, António Feliciano de. *Método Castilho para o ensino rápido e aprasível do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1853. 2ª ed. inteiramente





Enquanto nas escolas primárias se foi assinalando, ao longo do século xx, uma constante decadência dos padrões caligráficos, as escolas comerciais mantiveram um nível bastante superior, graças à acção de mestres-calígrafos competentes e de material didáctico com alguma qualidade. Neste sector, a decadência da caligrafia viria com a introdução, primeiro, das máquinas de escrever, e depois, do computador. Nas imagens: dois manuais portugueses usados em escolas comerciais, destacando-se o *Methodo Calligraphico para o Commercio e Lyceus*, de Pinto de Mesquita, que custava 40 reis. Um instrumento para aprender estilos de escrita. Usava-se, então a letra francêza. Instruía-se na posição correcta para escrever, onde se colocava os braços e as pernas, como se segurava na caneta, onde era correcto colocar o papel, o tinteiro e o mata-borrão, por onde se devia começar a desenhar a letra, como fazer traços finos e traços mais grossos. Fotos: colecção Dino dos Santos.





refundida, aumentada e ornada de um grande número de vinhetas. 319 pág. Ilustrado por Raphael Bordallo-Pinheiro (1846-1905). A letra usada como molde é a «Letra Inglesa».

- Silva, Carlos. *O paleographo em escala calligráfica para aprender a leitura manuscrita, aprovado pelo Conselho Superior d'Instrução Publica para uso dos Collegios*. Lisboa: Lithografia de A. S. de Castro, 1864. [12.ed. Lisboa: Lithografia de Palhares, 1870] 1864, 1870, 1877, 1884, 1897, 1912.
- Silva, Carlos. *O segundo e novo paleographo, em escala calligraphica: leitura manuscrita, etc.* Lisboa: Lithografia de Palhares, 1869.
- Deus Nogueira Ramos, João de. *Primeiras Leituras*. Lisboa: Typ: Praça da Alegria, 1877. 52 pág.; 19 cm. João de Deus (1830-1896) não teve qualquer formação específica no domínio da Pedagogia, mas foi um dos seus brilhantes inovadores. A sua *Cartilha Maternal* teve grande impacto na educação em Portugal, nomeadamente, nas práticas pedagógicas de muitos educadores e professores. «A Cartilha Maternal deve ser vista como uma das obras culturais mais importantes das que foram produzidas por intelectuais ligados à chamada geração de 70» (Catroga, 1993). As ideias nela expressas deram origem ao *Método João de Deus* que teve grande difusão popular, ganhando mesmo verdadeira dimensão política. A prolongada aceitação e popularidade da Cartilha reflectiu-se no elevado número de edições ao longo de décadas. [...]»
- Madureira, Cândido José Ayres de (Abade d'Arcozello). *Processo de leitura pelo alfabeto natural*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira, 1880. 47 pág.; 19 cm.
- Midosi, Francisco. *O expositor portuguez ou rudimentos de ensino da lingua materna*. Lisboa: Lallemet Frères, 1881. 15ª ed. ornada de estampas, revista e augmentada. 160 pág.; 16 cm. A letra apresentada é a «Letra Inglesa».
- Século xx**
- Coelho, Trindade. *ABC do Povo*. Lisboa: Liv. Aillaud, 1901. Com ilustrações de Raphael Bordallo-Pinheiro. 68, [16] pág.; 18 cm.
- Oliveira, Filipe de. *O meu primeiro livro de leitura*. Lisboa: Typ. Commercio, 1903. 62 pág.; 19 cm. A versão caligráfica apresentada é a «Letra Inglesa».
- Freitas, Álvaro de. *Método completo de ensino da leitura: parte prática*. Lisboa: A Editora, 1905. 210 pág.; 19 cm.



Outra manifestação de uma «Letra escolar direita». Pimenta, Romeu; Evangelista, Domingos. *Livro de leitura para a 2ª classe*. Porto: António Figueirinhas, 1932. 96 pág.; 19 cm.

Amor, Manuel Antunes. *A cartilha moderna: methodo legographico analytico-synthetico: como Lili e Lula foram educados no primeiro anno de Escola. Primeira parte (preparação)*. Lisboa: Typografia do Anuário Comercial, 1910. 160 pág.; 25 cm. Online em <http://www.redalfa.estudiantesunlu.com.ar/galerias/portugal/galacartilhamoderna2aParte1910/index.php>

Pela primeira vez, uma cartilha com letras sem serifa; uma abordagem racional. Manuel Amor iniciou-se como autor didáctico em 1906 com a aprovação oficial do seu *Compêndio de Desenho*. Em 1910, publicou um *Manual de estenografia caligráfica*. A sua *Cartilha Moderna* tornou-o conhecido; era «produto da sua imaginação e dos princípios pedagógicos que observara no estrangeiro e ensaiara já em Portugal» (Lima, p. 858). Em 1929, criou a *Caixa legográfica*, «uma



*A cartilha moderna: methodo legographico analytico-synthetico: como Lili e Lula foram educados no primeiro anno de Escola.* Nesta cartilha, tudo é diferente, moderno, inovador e racional: a importância dada às letras, as suas formas racionalizadas; muito corajosa, a representação fonética. Esta tentativa de representação fonética dos diversos sons que as vogais podem ter foi uma inovação pedagógica em Portugal; no Reino Unido, já tinha sido experimentada no século XIX.

Imagens: [www.redalfa.estudiantesunlu.com.ar/galerias/portugal/galacartilhamoderna2aParte1910](http://www.redalfa.estudiantesunlu.com.ar/galerias/portugal/galacartilhamoderna2aParte1910)

máquina universal para o ensino inicial da leitura e da escrita simultâneas e combinadas», cuja patente registou em vários países e que ganhou a medalha de prata da Exposição Colonial de Paris, em 1931. Escreveu Adolfo Lima: «Antunes Amor não abandonou a mesa de trabalho; por hábito e devoção continuou a estudar, a escrever e a desenhar, e daqui resultou modificar profundamente o seu sistema de ensino inicial, aperfeiçoando-o no sentido da metódica globalística e dando à luz da publicidade uma nova edição, inteiramente refundida, da sua *Cartilha Moderna* e a chamada *Cartilha do Adulto*, bem como o primeiro caderno de um *Álbum de Desenho e de Pintura*». Tanto a *Cartilha Moderna* como a *Cartilha do Adulto* tiveram várias edições, modificadas, o que prova o sucesso das propostas metodológicas de Antunes Amor. O sistema Amor fica ligado a um importante debate sobre métodos

de ensino em Portugal, como se constata na leitura das advertências, explicações ou apêndices que vai publicando nas diversas edições das suas obras. [...].»

«Antunes Amor colabora regularmente na imprensa pedagógica, com artigos sobre "o professor actual e o mestre-escola antigo" (*Revista Pedagógica*, 1904), o "ensino do Desenho" (*Revista Pedagógica*, 1904), o "cinema na escola" (*Revista Escolar*, 1923-1924), a "instrução elementar na Índia" (*Educação Nova*, 1924), o "ensino da escrita" (*Revista Escolar*, 1933-1934) e os "museus escolares" (*Revista Escolar*, 1935), entre tantos outros. Cite-se ainda a série de artigos em *A Escola Moderna* (do n.º 641, 12 de Junho de 1933, ao n.º 660, 16 de Agosto de 1933) onde reflecte sobre as questões do cinema educativo (...). Deu um contributo importante para a inovação no ensino da leitura e da escrita em Portugal.»

Grave, João; Cardoso Júnior, Francisco José. *Livro de leitura: 1ª classe*. Porto: Livraria Chardron, 1929. Ilustração de Laura Costa. 55 pág.; 18 cm.

Pimenta, Romeu; Evangelista, Domingos.

*Livro de leitura para a 2ª classe*. Porto: António Figueirinhas, 1932. 96 pág.; 19 cm. **Com uma «Letra escolar»**

Bensaúde, Jane. *O meu quarto livro*. Lisboa: Imprensa Nacional de Publicidade, 1932. Edição ilustrada pelo prof. R. Bensaúde e revista pelo Dr. Agostinho de Campos. 182 pág.; 20 cm.

Oliveira, Augusto Gomes de. *Primeiro livro da Infância*. Porto: Simões Lopes de Domingos Barreira, 1935. 11ª ed. 110 pág.; 20 cm.

Carvalho, João de Sousa. *Método de aprender a ler e a escrever*. Lisboa: Editora O Século, 1935. 74 pág.; 22 cm. **Novamente, a «Letra Escolar».**

Mesquita, Pinto de. *Methodo Calligraphico*.

Livraria Albano de Sousa Barbosa, Lisboa, 1939.

Mesquita foi professor na Escola Comercial Veiga Beirão. O seu *Método* foi «premiado com as medalhas de prata e bronze nas Exposições do Rio de Janeiro 1908-1922». Esta colecção de provas caligráficas inclui, além das obrigatórias Letra Franceza e Letra Inglesa, muitos outros estilos, incluso a Fraktur, Suetterlin, Unciais, Letras de Fantasia, etc.

Abreu, Carlos Alberto Pinto De; Cunha, José Maria; Santos, José Maria Dos. *Álbum infantil*. Coimbra Editora, 1940. 9ª ed. 20 cm.

Ministério da Educação. *O livro da primeira classe: ensino primário elementar*. Lisboa: Livraria Pinguim, 1954. 6ª ed. 144 pág.; 23 cm.

Cordeiro, Manuel de Oliveira. *Compêndio de Caligrafia*. Para uso das Escolas e os Institutos Comerciais. 6ª edição. Lisboa, 1958.

Cordeiro, Manuel de Oliveira; Gonçalves, Luís, co-autor; Almeida, António de, co-autor; Couto, Virgílio, pref. *Compêndio de Caligrafia*. Cândido, Alfredo, il. 14ª edição. Lisboa: Liv. Popular Francisco Franco, 1971?

Alexandre, Maria da Assunção (Professora da Escola Comercial Ferreira Borges). *Pauta de Caligrafia*. Lisboa, 1967. Temas: Letra Inglesa e Letra Francesa.

O estilo denominado Escrita Direita vem definido nos *Cadernos de Caligrafia Direita*, publicados pela Editorial Domingos Barreira, Porto. Trata-se de uma colecção de 5 cadernos publicados pelo professor Américo Areal. Além dos Cadernos de



A cartilha moderna: methodo legographico analytico-synthetico: como Lili e Lula foram educados no primeiro anno de Escola.



Caligrafia de Américo Areal, são também exemplares os de...

Vale, Júlia Pereira do. *Modelos de escrita «O primeiro degrau». Complemento do Compêndio para o Ensino da Leitura.* 1936. Do Vale foi professora na Escola de Aplicação Anexa à do Magistério Primário de Coimbra. **A letra mostrada neste livrinho é muito semelhante à *Escolar Portugal*.**

*Caderno de Escrita Direita Nº 1.* Preço € 2,70, 2007, Editora Educação Nacional. Código interno: 15018.

*Colecção Números e letras.* Grupo Edider-88 SL. Delegação em Portugal: Europrice. Os livros/cadernos desta colecção usam uma fonte parecida à *Escolar Portugal*, mas misturam as maiúsculas da «letra de imprensa» com as minúsculas de estilo ligado... uma aberração tipográfica e pedagógica.

*Cadernos Caligráficos 2.* Preço: 2,40 Euros. Criadores intelectuais (?): Maria Elisa Sousa e Rui Lobo. Porto Editora. 2008. Um caderno de exercícios, com letras demasiado decoradas e condensadas, e com inúmeras inconsistências didácticas.

Gomes, Diana. *ABC aprendo as letras. Actividades de Iniciação à escrita.* 9ª edição. Editora Papa-Letras. 1998–2007. Em vez de fonte digital, este livro usa letras escritas à mão. Uma proposta indiscutível.



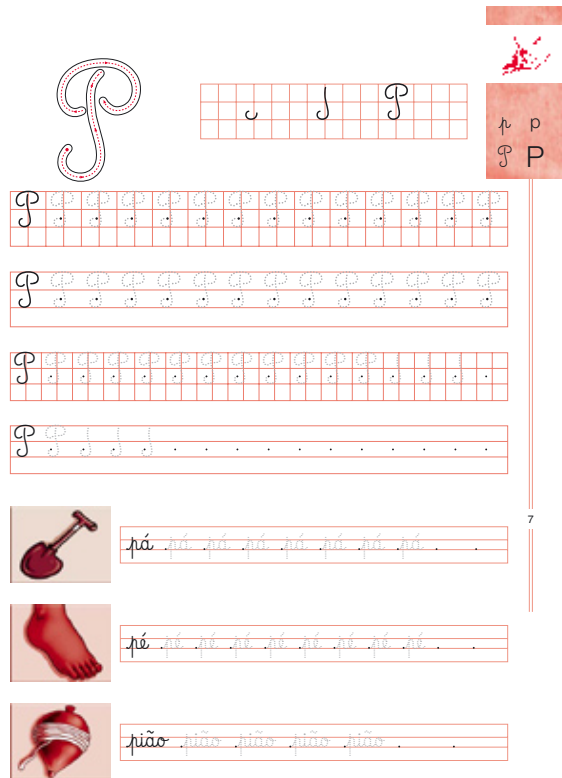
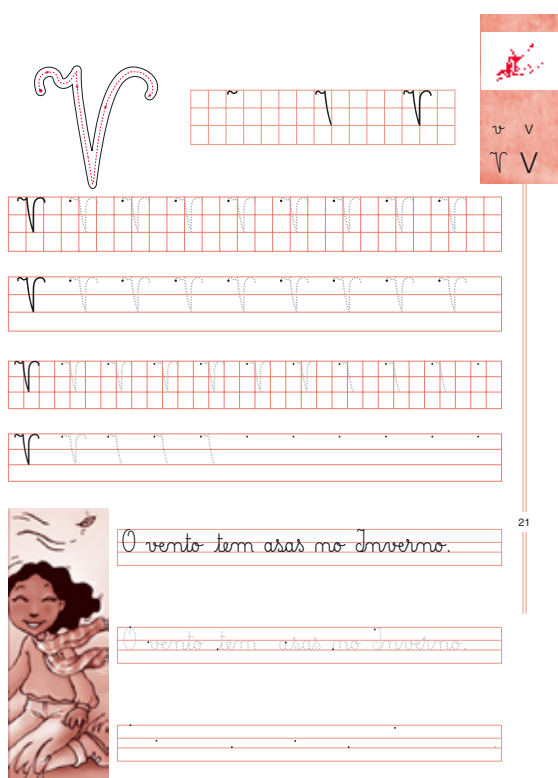
Carvalho, João de Sousa. *Método de aprender a ler e a escrever.* Lisboa: Editora O Século, 1935



Hermínio, Viriato. *Luz da infância: ensino primário elementar.* Porto: Livraria Simões Lopes, 1939. Ilustração de Guida Ottolini. 46 pág.; 18 cm



Abreu, Carlos Alberto Pinto De; Cunha, José Maria; Santos, José Maria Dos. *Álbum infantil.* Coimbra Editora, 1940.



Em cima: A fonte escolar usada pela Porto Editora apresenta numerosos pontos fracos: traçado incorrecto da letra «P»; apresentação simultânea de dois tipos de letra: letra de imprensa e letra ligada; incoerência didáctica: introdução do «P» maiúsculo e exemplos ilustrados para o «p» minúsculo. No caso do

«V» e «v», a falta de lógica persiste. Exemplo de um dos cadernos caligráficos da Colecção *Nos Caminhos Da Escrita*, com edição de Junho de 2008. A Editora: «Os Cadernos Caligráficos permitem, através dos exercícios de caligrafia, reforçar a aquisição do traço, adquirir um

maior domínio dos seus movimentos e aprender a escrever de forma clara e inteligível.» Nos «Cadernos Caligráficos» não estão identificados os autores, assim como as palavras introdutórias também não tem autor ou assinatura. Imagens em tamanho reduzido.



Neste Caderno de «Educação Pré-Escolar» do Professor Sapinho, perdão, do PROFESSOR SAPINHO, encontramos uma letra que é um estranha combinação de letra de imprensa (nas maiúsculas) com um letra escolar ligada (nas minúsculas). Onde é que os autores foram encontrar esta bizarra combinação? Imagem da capa em tamanho reduzido.

Escreve:	Macaco
Abelha	Nave
Bolsa	Óculos
Caixa	Peixe
Dado	Queijo
Égua	Rosa
Fonte	Sapato
Galinha	Torta
Homem	Uva
Iceberg	Vaca
Jibóia	Wiata
Kilo	Xaile
Lápis	Zebra

«Fonte escolar» que é uma absurda combinação de letra de imprensa (nas maiúsculas) com um letra escolar ligada (nas minúsculas). Um exemplo indiscutível!



Um título infantil da Editora Caminho: formas de letras pouco nítidas.

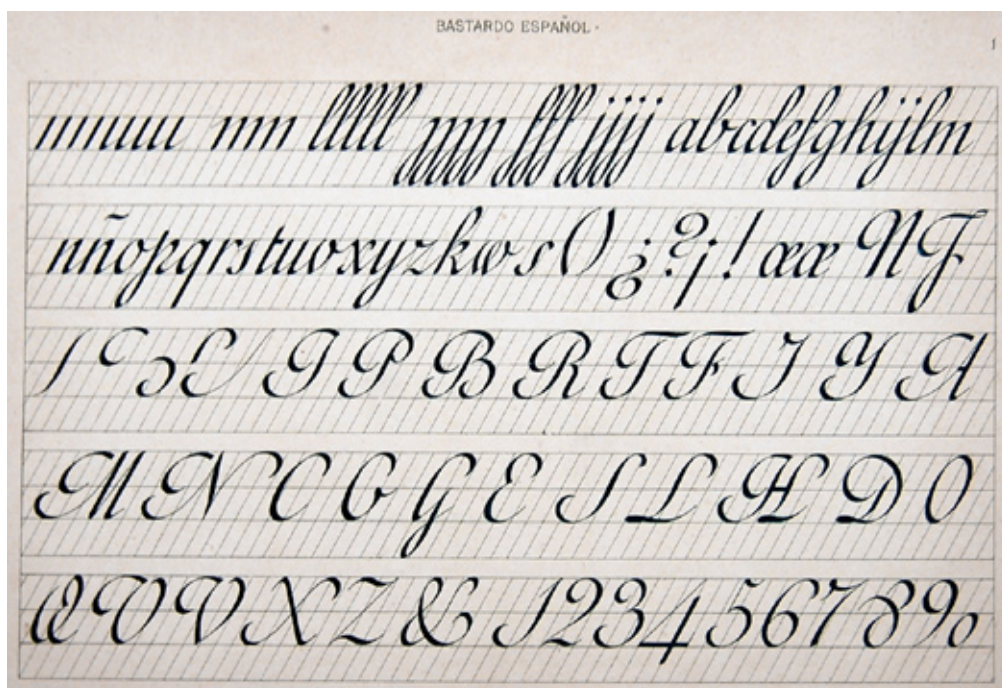


## O Gato

Onde está o gato?  
Dentro do sapato?  
Anda atrás do pato  
ou caiu no pote?  
- Ainda no jardim  
à roda do pudim.  
Dó si dó ré mi.

Fonte escolar usada pela Porto Editora, caracterizada por exagerada verticalidade, dimensões desequilibradas e ambiguidades nas formas de certas letras, como o «m» e o «n», por exemplo. As ligações das letras não estão correctamente solucionadas, por ex. no «im». A Porto Editora é a mais importante editora portuguesa de livros e materiais escolares. Exemplo de um dos cadernos da Coleção *Nos Caminhos Da Escrita*, com edição de Junho de 2008.



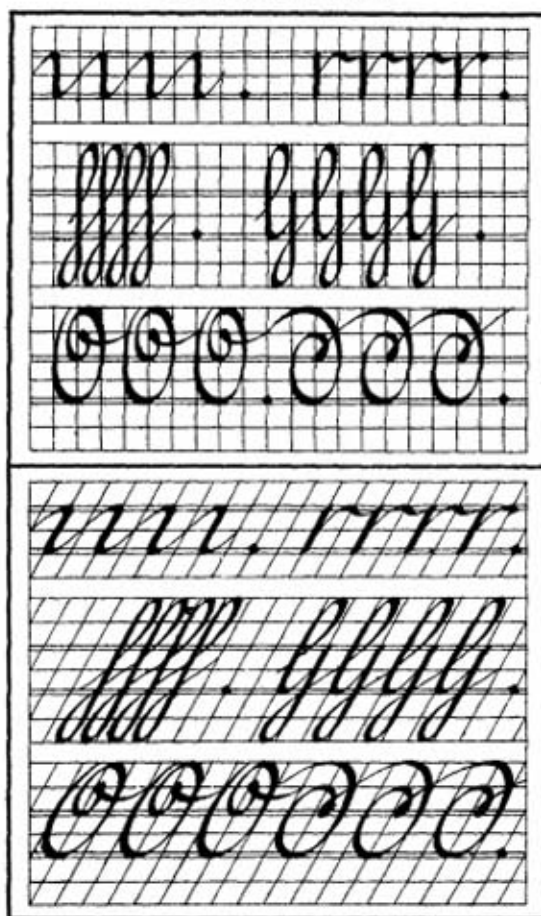


Folha do *Cuaderno Caligrafico* de Enrique de Bobes mostrando o «Bastardo Español», o tipo de caligrafia usado antes da introdução da *Escrita Vertical* em Espanha.

### Bibliografia Espanha

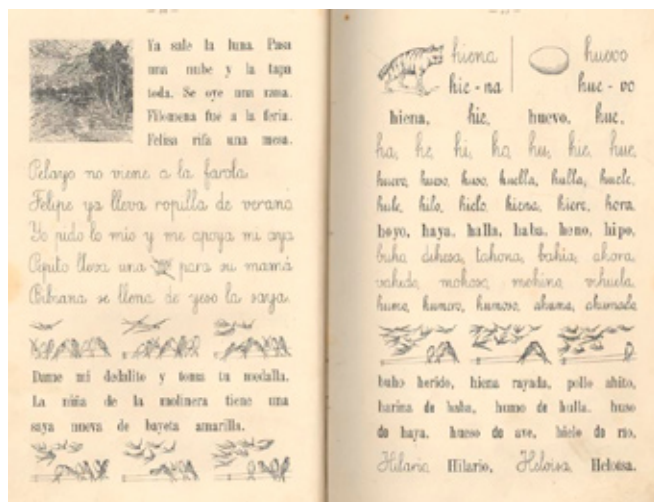
- Torio de la Riva y Herrero, Torcuato (1759-1820). *Arte de escribir por las reglas y con muestras, según la doctrina de los mejores autores antiguos y modernos*. Madrid: Imprenta de la viuda de Don Joaquín Ibarra, 1798.
- Cebrian, A. A. *Caligrafia*. Obra premiada en la Exposicion Valenciana de 1872. Contiene 10 laminas litografiadas de letra española, inglesa, francesa, gótica, alemana, romana y de adorno. Ediciones del Establecimiento Tipografico El Orden. 1876.
- Bobes, Enrique. *Cuaderno Caligrafico*. Barcelona 1890.
- Alverá Delgrás, Antonio (1815-1880). *Nuevo arte de aprender y enseñar a escribir la letra española para uso de todas las escuelas del Reino*. Madrid: Imprenta de José Rodríguez, 1893. 94 p. + 4 lám. pleg.
- Blanco y Sánchez, Rufino (1861-1936). *Arte de la escritura y de la caligrafía: teoría y práctica* 3ª ed. Madrid, Imp. y Lit. de J. Palacios, 1902.
- Esteban, Leon & Lopez Martin, Ramon. *Historia de la Enseñanza y de la Escuela*. València: Tirant lo Blanch. 1994.
- Manuales de Escritura y Lectura. <http://www.uned.es/manesvirtual/BibliotecaManes/EscritLec/Escritperiodos.htm>
- Historia ilustrada del libro escolar en España*, Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997.

LÁMINA II.  
Ejercicios de enlaces.





Rasgos. Enseñanza de la lectura por la escritura y el dibujo. J. Demuro. Um caderno escolar com letra vertical.



Norma. Nuevo Silabario Ilustrado. Vicente Pinedo.

- Alabart Ballesteros, Luis. *Primera parte de Mi primer libro: nuevo método de lectura*, Barcelona: Librería Bañstinos de José Bosch, 1948.
- Arroyo del Castillo, Víctorino. *Cuentos para leer y escribir*. Segundo curso. Salamanca: Anaya, 1968.
- Bachiller, Angeles, Quecedo, Dora, *Pepín y sus amigos: libro de imágenes para las adquisiciones y mecanismos de la lectura*. Burgos, Santiago Rodríguez, 1976.
- Bachiller, Angeles; Quecedo, Dora. *Quiero leer 1º: (aprendizaje de la lectura y escritura)*, Burgos, Santiago Rodríguez, 1978.
- Bachiller, Angeles, Quecedo, Dora. *Quiero leer y escribir 3º: (cuaderno de lectura y escritura)*, Burgos: Santiago Rodríguez, 1975.
- Bustamante y Junquera, Mateo. *Para mi hijo: libro primero de lectura para niñas y niños*. Burgos: Hijos de Santiago Rodríguez, 1959.
- Camarena Ormeño, Julio. *Leo y escribo: iniciación a la lectura, escritura y dibujo*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1900.
- Cartilla escolar antifascista* [editada por el Ministerio de Instrucción Pública del Frente Popular], Madrid. ?
- Cid, José A., Galán, Serafín, Muñoz, Juan M., Alba. *Cuaderno de lectura 1: método psicofonético de lectura y escritura*. Madrid: La Muralla, 1983
- Dalmáu Carles, José. *El camarada: método completo de lectura*. Libro primero, Gerona, Dalmáu Carles, Pla, 1927
- E. P. E., *Cartilla: silabario español*. Barcelona: Seix Barral Hnos., 1942.
- Edelvives. *Catón moderno*. Zaragoza, Luis Vives, 1952
- Ezquerria, Wenceslao. *Nuevas letras. 1ª parte*, Alvi I.G., 1972
- Ferrer, M. *Colasín lee y escribe*, Barcelona: Miguel A. Salvatella, 1976.
- Gómez Tutor, Raimundo, *El siglo de los niños. Pepe primero: método de lectura*. Madrid: Hija de Gómez Tutor, 1901.
- González Seijas, José. *Catón metódico de los niños: dispuesto para aprender a leer*. Burgos: Hijos de Santiago Rodríguez, 1900.
- ¡Leamos! Primera parte, para niños de seis y siete años*. Palma de Mallorca: Tipografía La Esperanza, 1931.
- Lebrero Baena, María Paz. *Método multisensorial "Cuadrados": para el aprendizaje de la lectura y escritura*. Madrid: Alcalá, 1979.
- Lectura en acción: curso de lecturas infantiles*, Madrid: Magisterio español, 1942.
- Paluzie y Cantalozella, Esteban, *Escritura y lenguaje de España: en prosa y verso: arreglada por riguroso orden de siglos hasta el año 875, fecha del manuscrito original más antiguo que existe en nuestros archivos*. Barcelona: Litografía de Faustino Paluzie, 1894. Barcelona: Hijo de Paluzie, 1905, 1924.
- Pinedo, Vicente, *Norma: nuevo silabario ilustrado, para enseñar pedagógicamente la lectura por la escritura, mediante palabras normales*, Barcelona, Tipografía L'Avenç, Massó, Casas y Cía, 1914
- Pla Cargol, Joaquín, *Primer libro: lectura, escritura y dibujo: desarrollo de la atención, de la observación*





Uma das manifestações de uma «Letra Vertical» em Espanha: El Nuevo Camarada (2ª Parte), de Dalmáu Carles, J; Pla Dalmáu, J. M.

y primeras nociones de cálculo, Gerona: Dalmáu Carles, Pla, 1948.

Posadas, Carmen, *El parque de papel. Segundo libro*, Madrid, Ediciones S.M., 1989.

*Preescritura-3*, Madrid: Didascalía, 1985.

*La primera edad: lectura escogida, amena, moral é instructiva, para los niños y las niñas*, Madrid, Administración de los Niños y de la Primera Edad, 1874

Serrano de Haro, Agustín. *Palabras y pensamientos: el libro del primer grado de lenguaje*, Madrid, Escuela Española, Hijos de Ezequiel Solana, 1953

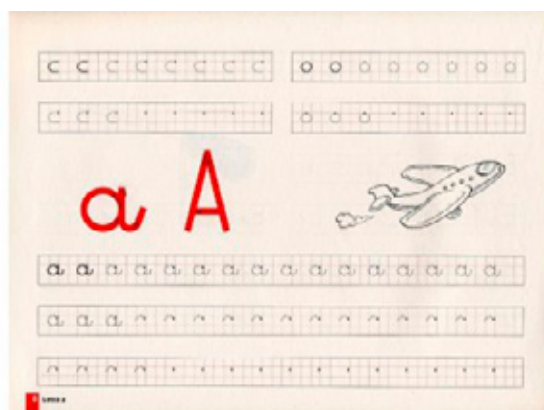
Torrents, M. D., *Retama: método de lectura script*, Barcelona: Teide, 1979.

Trillo Torija, Manuel. *Mi cartilla: método simultáneo de lectura y escritura por el dibujo*, Madrid: Magisterio español, 1932.

Villalba, Pascual M., *El fácil: primer manuscrito: para las escuelas de ambos sexos*. Valencia: Librería de Pascual M. Villalba, 1919

Villar de Serchs, Aniceto. *Ingenuitats: primer llibre de lectura corrent*. Barcelona: Pedagogia Catalana, 1935.

Vivéns Sanchis, Francisco. *Primer manuscrito para niños y niñas*. Impr. de Doménech y Taroncher, 1908.





### Evolução no Brasil

Textos caligrafados (cartas, certidões, ofícios) foram utilizados no Brasil (e em Portugal e Espanha!) para iniciar alunos na leitura de textos não impressos com caracteres tipográficos, mas escritos com diferentes caligrafias. Foi frequente o uso de manuscritos nas escolas: contractos, certidões ou «cartas de fora». Neste contexto, foram impressos e publicados diversos *paleógrafos*, que tiveram intensivo uso nas escolas. (Veja as explicações na Bibliografia ref. a Portugal.)

Freitas, Joaquim Pedro Corrêa de. *Paleógrafo, ou Arte de aprender a ler a letra manuscrita, para uso das escolas da Província do Pará*. Lisboa: Lithografia de J.L. Palhares, 1871. [13 ed. Paris: Lith. de Léopold Bossange, 1886. in-12, 113 p. Ilustr.] 1871, 1886 (13.ed).

Os paleógrafos visavam pôr os aprendizes aptos a decifrar os estilos de letras traçadas manualmente. Para isso, Freitas (e os demais autores de paleógrafos) compuseram os seus livros com várias caligrafias em uso na época. O paleógrafo do paraense Joaquim Pedro Corrêa de Freitas é o primeiro livro brasileiro deste género; a sua utilização foi mais intensa nas escolas do Pará, Amazonas e de algumas províncias do Nordeste. A sua primeira edição foi feita em 1871, em Lisboa, na oficina litográfica de J.L. Palhares. Freitas publicou outros livros escolares, entre eles: *Noções de geographia* e *Historia do Brazil* 1863; sua série graduada *Ensaio de leitura 1º, 2º e 3º livros* e um *Compêndio de Desenho Linear*.



*Curso graduado de letra manuscrita em 21 lições composto para o uso da mocidade brasileira*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier; Paris: E. Bellate, 1872. [7. ed. Rio de Janeiro: B.L. Garnier; Paris: E. Mellier, 1887; “Nova edição”. Rio de Janeiro: B.L. Garnier; Paris: Vve. E. Mellier, 189-?]. 1872, 1876 (2.ed.), 1887 (7.ed.), 1890 (9.ed.), 189-? (Nova edição)

Gomes, Lindolfo. *Exercício de leitura manuscrita*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1926, 37, 39, 40, 42, 44, 48, 49, 50, 51, 63.

Alves, Francisco (editor). *Leitura manuscrita; lições colligidas*. Rio de Janeiro: 1909, 1911, 1915, 1920, 1951, 1954, 1955. Autores: Arnaldo Barreto, Romeu Puiggari e Romon Rocca. Barreto foi o primeiro gerente da Weiszflog Irmãos, firma que originou a Editora Melhoramentos de São Paulo; foi responsável pela linha editorial desta empresa, baseada em publicações infanto-juvenis e didáticas.

Francisco Vianna publicou a partir de 1908, sob o título *Caligrafia vertical*, a sua primeira série de cadernos de Escrita Direita, pela editora paulista Melhoramentos – uma série composta de um caderno preliminar e seis cader-



nos de exercícios, que foi editada até 1989, com tiragens anuais, já na década de 40, superiores a 600.000 exemplares. Segundo informou a editora, até 1997 havia vendido mais de 110 milhões de exemplares.

*Caminho Suave* foi uma cartilha concebida pela educadora Branca Alves de Lima (1911-2001), outro sucesso editorial. Desde que teve sua primeira edição em 1948, até meados da década de 1990, foram vendidos 40 milhões de exemplares.

Em 1995, *Caminho Suave* foi retirada do catálogo do Ministério da Educação (portanto, já não foi avaliada). Entrevistada em 1997, Branca Alves de Lima relatou que quando começou a leccionar em cidadezinhas no interior paulista, a pedagogia usada para a alfabetização era o «método analítico». Com o fim do Estado Novo, em 1945, as autoridades do MEC chegaram à conclusão que o «método analítico» não funcionava e estava superado, e deram liberdade didáctica aos professores.

Vendo as dificuldades dos seus alunos, a maioria oriundos da zona rural, Branca Alves de Lima criou o método da «alfabetização pela imagem». A letra a está inserida no corpo de uma abelha, a letra b, num bebê, o f instalado numa faca, a letra o dentro de um ovo, etc. – um recurso já antes amplamente usado em muitos livros infantis.

Há quem afirme que *Caminho Suave* e a *Cartilha Sodré* (de Benedita Stahl Sodré) são os únicos «métodos brasileiros» de alfabetização. Será permitido duvidar desta afirmação. O método do *Caminho Suave* começa por introduzir as 5 vogais, forma encontros vocálicos e depois parte para as sílabas. Contudo, refira-se que já a *Cartilha Maternal* do pedagogo João de Deus, publicada em 1876, usava sistema idêntico. Apesar da veemência e obstinação com que António Feliciano de Castilho se tinha oposto ao «ensino mútuo» e aos métodos de repetição e soletração ritmada que nele imperavam, o professorado mostrou grandes resistências à adopção do seu novo método.



No ano seguinte ao da morte de Castilho, João de Deus apresentou a sua *Cartilha Maternal*; o professorado já aceitou a alteração metodológica. A partir de 1877, começa a difundir-se o *Método João de Deus* e em 1882, por decisão parlamentar, é decretado o uso general da *Cartilha Maternal* nas escolas primárias portuguesas. Esta obrigatoriedade foi mantida até 1903, quando o método se tornou facultativo.

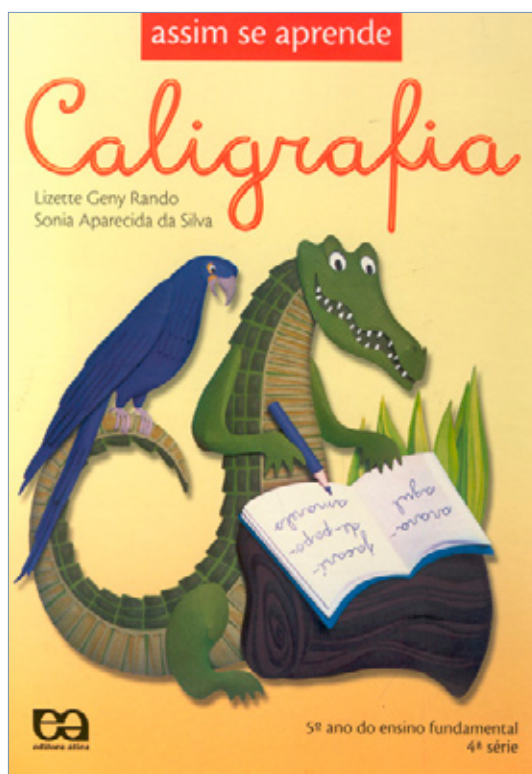
O *Método João de Deus* tornou-se rapidamente o método de iniciação à leitura preferido pelos mestres-escola portugueses. A *Cartilha Maternal* foi precursora de várias cartilhas, as quais até ao final dos anos de 1930 foram dos livros com maior tiragem em Portugal e no Brasil.

Maria Pereira Schlickmann explica, no ensaio *As cartilhas no Processo de Alfabetização*, (Revista Linguagem em Discurso, vol. 2, N.º 1, Jul./Dez. 2001, Unisul): «a.) método sintético: obedece a uma certa hierarquização, vai da letra ao texto através da soletração e silabação; b.) método analítico: este método ganha maior importância na década de 30 com a ascensão da psicologia, quando maior ênfase é dado aos testes de maturidade psicológica. Com o passar dos tempos, foram surgindo cartilhas que misturavam o método sintético e o analítico, o que o levou a ser chamado de Método Misto. Como exemplo, podemos citar a cartilha *Caminho Suave*, publicada em 1948 por Branca Alves de Lima, que traz toda a fase do período preparatório.»

A cartilha que alfabetizou 40 milhões de brasileiros, em 50 anos, foi complementada por meios de apoio desenvolvidos por Branca Alves de Lima; a educadora abriu uma editora que produzia, além da cartilha, cartazes, carimbos, baralhos e livros de exercício (na década de 1980). Com a mudança das teorias pedagógicas na década de 80, a cartilha *Caminha Suave* e o seu método foram questionados, e outras formas de alfabetização foram propostas.

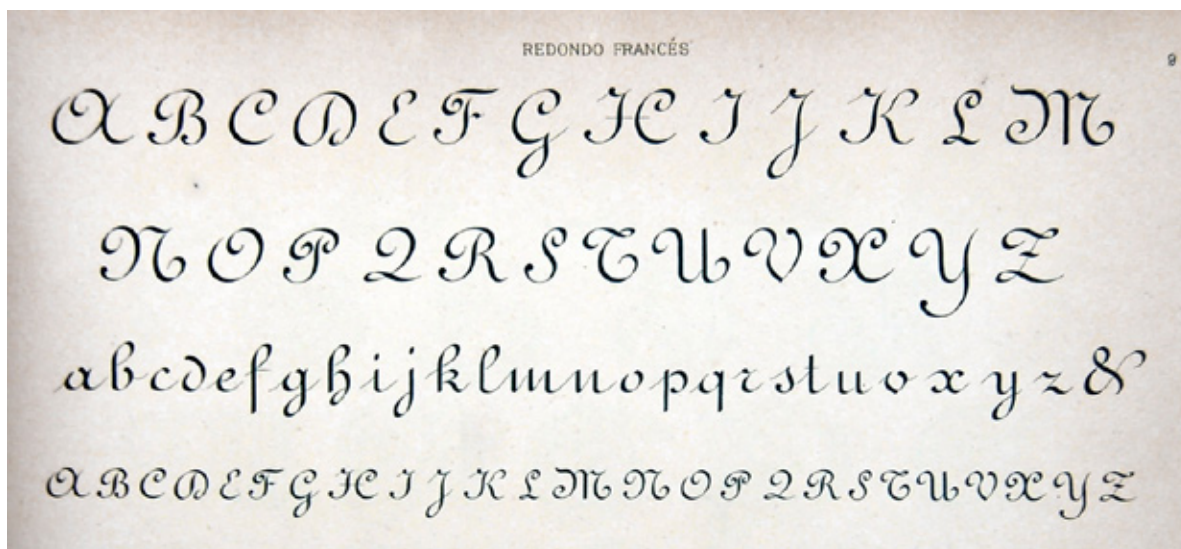
### Bibliografia Brasil, Chile, Argentina

- Batista, António Augusto Gomes; Galvão, Ana Maria De Oliveira; Klinke, Karina. *Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956)*. Revista Brasileira de Educação. N.º 20 (2002).
- Boto, Carlota. *Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático*. Educação e Pesquisa. São Paulo. Vol. 30, n.º 3 (Set./Dez. 2004), p. 493-511.
- Corrêa, Carlos Humberto Alves. Manuais, paleógrafos... Grupo de Pesquisa Alfabetização, leitura e escrita – FE-Unicamp. 2005.
- D'Ávila, António. *Práticas escolares*. 1940. D'Ávila, professor de Educação da Escola Normal anexa ao Ginásio do Ipiranga, publicou o livro «de acordo com o programa de prática de ensino do curso normal e com a orientação do ensino primário». Após uma reflexão histórica e teórica sobre o ensino da escrita, remetia aos estudos de Orminda Marques, recomendando o uso da caligrafia muscular nas escolas primárias paulistas. No *Programa para o ensino primário fundamental*, publicado em São Paulo em 1949, e reeditado em 1950 e 1951, as prescrições sobre o ensino da escrita dividiam-se em dois capítulos, um referente à linguagem escrita e outro à técnica de escrever. No segundo, as recomendações seguiam de maneira muito próxima o programa proposto por Orminda, em *A escrita na escola primária*.
- Proença, António Firmino de. *Cartilha Proença*. São Paulo: Companhia Melhoramentos (Weiszflog Irmãos Incorporada), [1926?]
- Dezeo de Muñoz, E. *Método natural para la enseñanza de la lectura-escritura*. Ed. La Obra. 1944.
- Donato, Hernani. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1990.



- Tambara, Elomar. *Trajatória e natureza do livro nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil*. In: *História da educação*. Pelotas, v.6, n.1, Abril, 2002.
- Vianna, Francisco. *Caligrafia vertical*. 1908. 18ª edição: 1962. São Paulo: Melhoramentos.
- Vidal, Diana Gonçalves. *Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30*. Revista da Fac. de Educação. Vol.24 n.1. São Paulo Jan./Jun. 1998. Resumo: A partir de uma análise da experiência com a caligrafia muscular, realizada nas Escolas Primária e de professores do Instituto de Educação, nos anos 30, o artigo pretende discutir como, apoiado em discursos da «Escola Nova», se foi constituindo no Brasil uma didática racional da escrita. Online em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So102-25551998000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-25551998000100009)
- Vidal, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. São Paulo. 269 p. Tese de Doutorado – Fac. de Educação da Univ. São Paulo. 1995.
- Vidal, Diana Gonçalves. *Arte prática ou ciência aplicada: o discurso pedagógico e a formação docente*. In: Gvirtz, Silvina (comp.) *Escuela Nueva en Argentina y Brasil: visiones comparadas*. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 1996.

- Diana Gonçalves (Faculdade de Educação, Univ. São Paulo); Gvirtz, Silvina (Centro de Formación e Investigaciones en Enseñanza de las Ciencias, Univ. Buenos Aires). *O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar*, Brasil e Argentina, 1880-1940. XXI Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 1998. Online em: [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDEo8/RBDEo8\\_o4\\_DIANA\\_E\\_SILVINA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDEo8/RBDEo8_o4_DIANA_E_SILVINA.pdf)
- Anderson, Alfredo A. *Caligrafia muscular de C.C. Lister*. São Paulo. Typ. Siqueira, s.d.
- Anderson, Alfredo A. *O ensino de calligraphia*. Revista Educação, 7(3). 238, Junho de 1929.
- Brasil. Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Estatística da Educação e Saúde. *O ensino no Brasil em 1938*. Rio de Janeiro. IBGE, 1943.
- Brasil. Instituto de Estudos pedagógicos. *Leitura e linguagem no curso primário*. Rio de Janeiro, 1949. 77p. (Publicação n.42)
- D'Ávila, A. *Práticas escolares*. São Paulo. Livraria Acadêmica/Saraiva, 1940. 486 p.
- Faria Filho, L.M. *Ensino da escrita e escolarização dos corpos: uma perspectiva histórica*. In: *Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte. Autêntica, 1998.
- Hilsdorf (Barbanti), M. L. Spedo. *Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da USP. 1977.
- Lourenço Filho, M.B. *A escrita e a escola renovada*. In: Marques, O.I. *A escrita na escola primária*. São Paulo. Melhoramentos, 1936. «Segundo Lourenço Filho, o que distinguia as preocupações da Escola Nova com respeito ao ensino de escrever das prescrições do início do século XX era a percepção da escrita como uma unidade de linguagem. O emprego da [caligrafia vertical] denunciava já um propósito funcional, o da clareza da leitura, e decorria também duma nascente preocupação de defesa da criança, apoiada nas pretendidas qualidades de boa higiene desse tipo de letra. 'Papel direito, corpo direito, escrita direita'... No entanto, prevalecia ainda o processo de simples cópia e repetição. E se havia preocupação funcional da letra, não havia ainda a das condições reais do aprendizado. Pouco e pouco, percebeu-se que o ensino da caligrafia, propriamente dita, não tinha mais sentido, e que o ensino a fazer-se seria o da escrita, instrumento real de uma unidade mais complexa, que é a linguagem. Lançaram-se, então, a campo os investigadores da escola renovada. (...) De tão fecundo movimento, resultou uma compreensão inteiramente diversa do problema, o que viria a concorrer para o aperfeiçoamento da disciplina (...)»
- Marques, O. I. *Contribuição para o ensino da escrita*. Arquivos do Instituto de Educação. Distrito Federal, v.1, n.2, p.233-38, jun. 1936a.
- Marques, O. I. *Contribuição para o ensino da escrita nas escolas primárias*. Arquivos do Instituto de Educação. Distrito Federal, Junho 1934.
- Marques, O. I. *A escrita na escola primária*. São Paulo. Editora Melhoramentos, 1936. 169 p.
- Moraes, Theodoro de. *Caligrafia vertical*. São Paulo. Typ. Siqueira, Salles, 191? (Coleção brasileira de cadernos, Caderno N° 4)
- Brasil, Rio de Janeiro. Departamento de Educação do Distrito Federal. *Programa de leitura linguagem*. Rio de Janeiro: Nacional, 1934. (Série C, Programas e Guias de ensino, n.1)
- Rezzano, Clotilde Guillén de. *Didáctica especial*. 1938. C. de R. refere-se às vantagens do ensino simultâneo da leitura e escrita.
- Bourrat, L.; Dechaume, J.; Rezzano, Clotilde Guillen de. *La Infancia irregular: psicología clínica*. 1948; xxi, 342 p.
- Ansay-Terwagne, H.; Velut, J.; Rezzano, Clotilde Guillen de. *La Nueva pedagogia: teoria y practica*. 1947; xx, 258 p.
- Powdermaker, Florence; Grimes, Louise Ireland; Rezzano, Clotilde Guillen de. *Como atender y como entender al niño: manual para padres y maestros*. Publ: 1947; xx, 277 p.
- Baker, Harry J.; Rezzano, Clotilde Guillen De; Ghioldi, Alfredo M. *Introducción al estudio de los niños sub y superdotados*. 1950; 210 p.
- Hendrix, Charles; Rezzano, Clotilde Guillen de; Valdez, Mercedes Gallardo. *Como enseñar a leer por el método global*. 1952; 83 p.
- Ferrière, Adolfo; Rezzano, Clotilde Guillén de. *El Abc de la educación y las casas de niños abandonados*. Biblioteca de cultura pedagógica, tomo 13; 1948; 122 p.
- Dottrens, Robert; Rezzano, Clotilde Guillén de. *Hay que cambiar de educación*. Reflexiones, responsabilidades, perspectivas. 1947; 248 p.
- Rezzano, Clotilde Guillén de. *La Escritura "script"*. 1950; XIII, 81 p., illus.



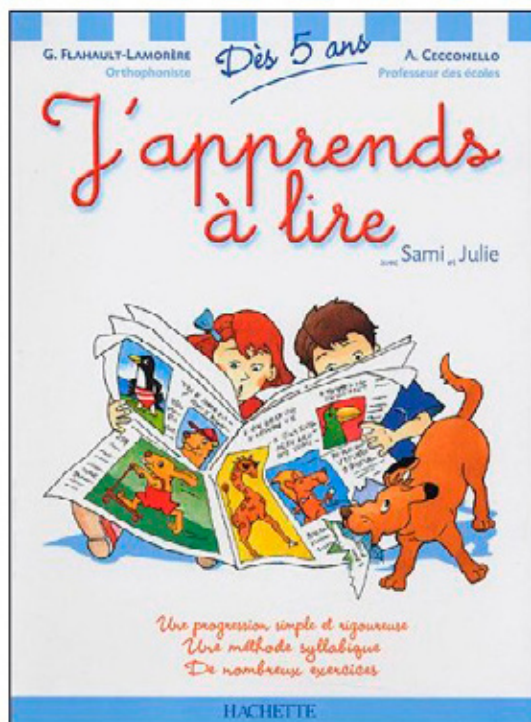
Antecedente da Escrita Vertical francesa de hoje: O «Redondo Francês», conforme apresentado num Caderno de Caligrafia publicado em Barcelona, em 1890. Em baixo: a fonte digital Typo Upright.



### Bibliografia França

- Bibliothèque manuscrite des écoles primaires : 1ere partie. Choix gradué de 50 sortes d'écritures, pour exercer à la lecture des manuscrits...* Paris: Hachette, 1864.
- Bibliothèque manuscrite des écoles primaires : Quatrième partie. Manuel épistolaire ou Lettres choisies de grands écrivains et de personnages célèbres autographiées pour exercer à la lecture des manuscrits.* Paris: L. Hachette, 1862.
- Bibliothèque manuscrite des écoles primaires, 2e partie. Premières notions d'histoire naturelle et d'économie domestique, autographiées, pour exercer à la lecture des manuscrits... Deuxième cahier, arbres, arbustes et plantes.* Paris: Hachette, 1860.
- Bibliothèque manuscrite des écoles primaires. 3e partie. Histoire sainte et histoire de N. S. Jésus Christ autographiées pour exercer à la lecture des manuscrits.* Paris: L. Hachette, 1872.
- Dottrens, Robert. *L'enseignement de l'écriture.* Paris, Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1931.
- Dottrens, Robert; Margairaz, Emilie. *L'apprentissage de la lecture par la méthode globale.* Neuchâtel, Paris: Delachaux et Niestlé, 1947.
- Ajuriaguerra, J. de; Auzias, M.; Denner, A. *L'écriture de l'enfant* (Tome 1 - L'évolution de l'écriture et de ses difficultés). Paris: Delachaux et Niestlé, 1964.
- Auzias, M. *Les troubles de l'écriture chez l'enfant: problèmes généraux, bases de rééducation.* Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1987.
- Auzias, M., Casati, L, Cellier, C, Délaye, R. et Verleure, F. *Écrire à 5 ans?* Paris: Presses universitaires de France, 1977.
- Calmy, G. *L'apprentissage de l'écriture.* Paris. Nathan, 1977.
- Charmeux, E. (1983). *L'écriture à l'école.* Paris. Cédic.
- Hebting, Claude. *De la calligraphie à l'écriture.* Collection Les Guides Magnard, 1993. 16.00 €. Une réflexion sur le principe de l'apprentissage de l'écriture qui prend en compte toutes les dimensions techniques et pédagogiques de l'écrit ainsi que sa portée expressive et créatrice. Découpé en cinq chapitres, il aborde les différents aspects de l'écriture : historique, technique, méthodologique, pédagogique et didactique. Ce guide est le complément pédagogique de la collection Graphilette.





Lurçat, L. *Études de l'acte graphique*. Paris. Mouton. 1974.

Lurçat, L. (1977). *L'activité graphique à l'école maternelle*. Paris. Éditions sociales françaises.

Guillaud, G., Hibon, M., Lelièvre-Bourdin, L., Monier, R., Tavernier, R. et Venon, F. *Les chemins de l'écriture*. Paris. Bordas. 1988.

Tajan, A. *La graphomotricité*. Paris. Presses universitaires de France. 1982.

Valot, C. *Pédagogie de l'écriture*. Paris. Éditions de l'École. 1986.

J'apprends à lire avec Sami et Julie : Dès 5 ans

### **Bibliografia Canadá**

Paoletti, René F. *Les composantes motrices de l'écriture manuscrite : enquête sur les pratiques pédagogiques en maternelle et en première année*. *Revue des sciences de l'éducation*, vol. 20, n° 2, 1994, p. 317-329. Online em <http://id.erudit.org/iderudit/031712ar>

La étude expose les résultats dun sondage par questionnaire mené dans 45 écoles du Québec dans le but de décrire les pratiques pédagogiques, le niveau de connaissance et la perception que les éducatrices de maternelle et les enseignantes de première année ont de leur rôle dans l'enseignement des aspects moteurs de l'acte graphique. De l'ensemble des données obtenues, il ressort que la majorité des professeurs n'instruisent pas les élèves de manière systématique sur la plupart des composantes motrices de l'écriture et que la formation reçue et leurs connaissances sur ces sujets présentent plusieurs faiblesses.



### Le crochet terminé en boucle

Moelle droitier

Moelle gaucher

28

### La canne s'habille

Moelle droitier

Moelle gaucher

Paul, Baptiste, Rémi, Fatima, Igor et Marine sont dans la même classe.

36

Le 'j' et le 'j' commencent comme un 'j'.

La boucle finale du 'j' est la même que celle des minuscules.

24

© Bordas/VUEF - Reproduction interdite

Page extraite du Cahier d'écriture, niveau CE, Éditions Bordas.

### L'adresse sur une enveloppe

Le timbre

Le destinataire de la lettre

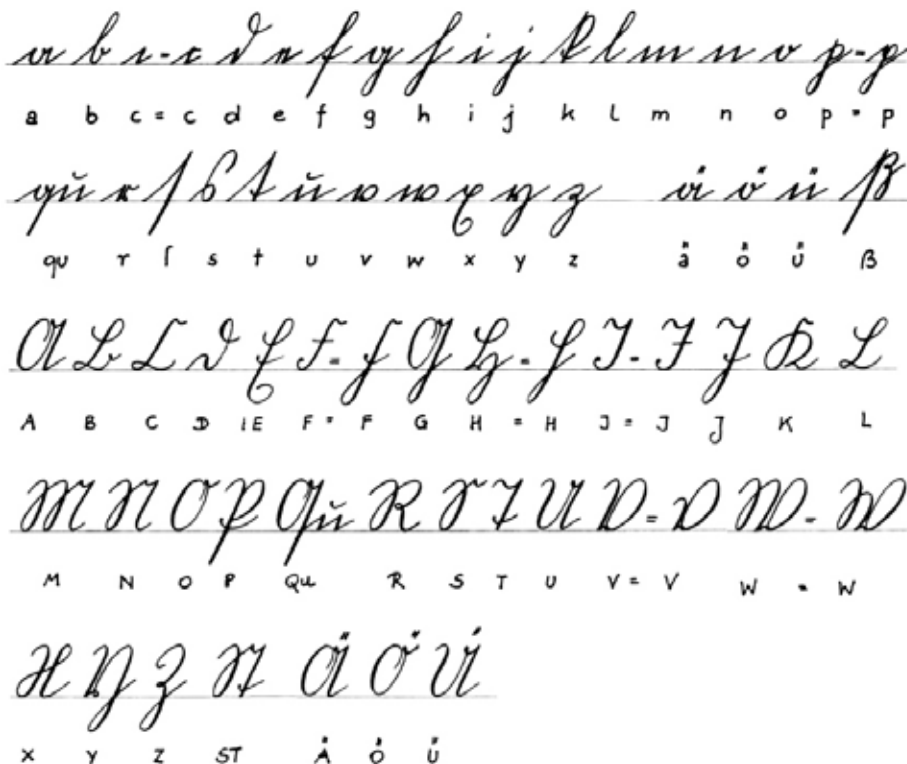
L'adresse

Le code postal et la ville où il habite.

Recopie l'adresse dans la même écriture.

57

Excertos dos *Cahier d'écriture*, de M.C. Olivier, apresentados em [www.apprendre-a-ecrire.com](http://www.apprendre-a-ecrire.com). Nesta obra francesa encontramos o racionalismo didáctico que procuramos em vão nas publicações portuguesas. Um excelente trabalho!



Como modelo do que viria a ser a letra escolar alemã, devemos fazer referência à Deutsche Kurrentschrift do século XIX.

O conceito Kurrentschrift denota uma letra manuscrita escrita com agilidade (latim: currens = correndo). Quando se fala de *Deutsche Kurrentschrift*, falamos da escrita manual que esteve em vigor nos fins do século XIX, princípios do século XX. As letras tinham formas relativamente condensadas e ascendentes e descendentes muito pronunciados. Esta Kurrentschrift tinha um aspecto anguloso, pelo que era denominada «Pitzschrift» (letra bicuda).

## Caligrafia escolar na Alemanha

A chamada *Sütterlin-Schrift* é uma variante da *Deutsche Kurrentschrift*, e é muitas vezes erroneamente designada por *Deutsche Schrift*. Este estilo de caligrafia foi proposto em 1914 pelo pedagogo e gráfico Ludwig Sütterlin (Berlim, 1865-1917). Esta caligrafia formal deveria ajudar as crianças a encontrarem o seu estilo pessoal de caligrafia. Ao contrário da *Kurrentschrift*, que era inclinada ([www.kurrentschrift.eu](http://www.kurrentschrift.eu)), a *Sütterlin-Schrift* era uma escrita direita; as letras mais largas, com menos embelezamentos e com ascendentes e descendentes mais curtos. Este padrão foi posto à experiência em algumas escolas, até que, brevemente foi introduzida em todas as escolas da Prússia, em 1915. A partir de 1935 fazia parte do currículo de todas as escolas alemãs, antes de ter sido proibida em 1941. Depois da II Guerra Mundial, já só foi pontualmente usada, tendo sido ultrapassada pela *Lateinische Schrift*, que continua em vigor até hoje.

No século XX, é essencial mencionar a obra de Karlgeorg Hoefer (1914-2000). Hoefer nasceu na Silésia, em Schlesisch-Drehnow. Colheu os seus créditos como docente, calígrafo («the king of brush lettering in Germany», segundo Michael Clark) e typeface designer. Foi docente de Design na Hochschule für Gestaltung em Offenbach. As suas fontes foram lançadas por várias fundições: Ludwig & Mayer, Klingspor, Stempel e Linotype. Até hoje, não tem sido divulgada a meritória obra de Hoefer no campo da caligrafia escolar. Uma exceção é o web-site feito pelo filho de Hoefer: [www.kghoefer.de](http://www.kghoefer.de). É aqui que recolhemos as seguintes informações.

A editora alemã Diesterweg Verlag encomendou a Hoefer, para uso na sua cartilha *Deutsche Auslandsschulbibel* uma nova *Fibelschrift*, uma letra de manual escolar. Com uma caneta de aparo largo, Hoefer desenvolveu uma Romana cursiva, que, em 1957, foi baptizada *Prima* para

depois ser gravada como fonte metálica na Schriftgießerei Klingspor e em seguida fundida na D. Stempel AG em Frankfurt.

Em 1974 Karlgeorg Hoefler escreveu o texto para a cartilha escolar *Unsere neue Fibel*, publicada pela editora Klett Verlag, em Stuttgart. Visto que a letra escolar então em uso era demasiada ornada, e visto as fotocompositoras de então não estarem aptas a incluir todos os caracteres alternativos, foi produzida, em colaboração com a Berthold AG, uma nova fonte para as fotocompositoras da marca Diatype. Esta fonte foi baptizada *Lateinische Ausgangsschrift*. Hoefler quis simplificar ainda mais esta fonte e acabou por desenvolver – para a Berthold e a Linotype – a VA-Schrift (*Vereinfachte Ausgangsschrift*), que continua em uso até hoje. [www.vereinfachte-ausgangsschrift.de](http://www.vereinfachte-ausgangsschrift.de)

A B C D E F G H I J K L  
M N O P Q R S T U V  
W X Y Z a b c d e f g h i  
j k l m n o p q r s t u v w x y z

Hoefler passou a maior parte da sua vida profissional na cidade de Offenbach, próximo de Frankfurt/Main. Parte do legado deste artista está exposto no Klingspor Museum, em Offenbach. Desde a sua primeira fonte (*Salto*, 1952), até à última (*Sho*, 1992), quase todas as suas criações tipográficas mostram um forte cunho caligráfico. A *Sho* integrou a colecção *Calligraphy for Print*, criada em 1992.

Entre as poucas unciais modernas está a fonte *Libra*, desenhada por S. H. de Roos para a Amsterdam Typefoundry em 1938, e a mais dinâmica e marcante *Omnia*, de Karlgeorg Hoefler, desenhada em 1990). Hoefler também produziu uma letra para as placas de matrícula de automóveis. Assim como desenhou versões digitais de letras medievais: a *Notre-Dame* e a *San Marco*, ambas lançadas na colecção «Type before Gutenberg» da

Linotype. Na década de 1990, Hoefler ensinou caligrafia em Offenbach, na *Schreibwerkstatt Klingspor*. As suas fontes: *Sincerely* (Canada Type), *San Marco* (Gótica Medieval, Adobe), *Omnia* (Uncial, Adobe), *Stereo*, (Font Bureau), *Notre Dame* (Gótica medieval, Adobe), *Sho* (Brush Script, Linotype, Adobe), *Bigband* (Linotype), *Salto* (Linotype), *Beneta* (Linotype), *Baby Cakes* (Nick's Fonts). Em 2007, a fundição P22 lançou a P22 Zebra (IHOF).

## Bibliografia Alemã

- Schniewind, Karl Heinz; Friedhelm Beiner: *Zusammenfassung einer empirischen Studie zum Schreibenlernen mit einer Ausgangsschrift*. Unveröffentlichtes Manuskript 2004. Online: [www.grundschulverband.de/](http://www.grundschulverband.de/)
- Schorch, Günther (Hg.): *Schreibenlernen und Schriftspracherwerb*. Bad Heilbrunn (Klinkhardt) 1995
- Spitta, Gudrun: *Kinder schreiben eigene Texte – Klasse 1 und 2*. Bielefeld (CVK), (heute Berlin, Cornelsen Scriptor) zuerst 1985.
- Spitta, G.: *Von der Druckschrift zur Schreibschrift*. Frankfurt a.M. (Cornelsen Scriptor). 1988.
- Balhorn, Heiko / Bartnitzky, Horst / Büchner, Inge / Speck-Hamdan, Angelika: *Schatzkiste Sprache 1 – Von den Wegen der Kinder in die Schrift*. Frankfurt a. M. (Grundschulverband) 1998.
- Bartnitzky, H.; Brügelmann, H.; Hecker, U.; Schönknecht, G.: *Pädagogische Leistungskultur: Materialien für Klasse 1 und 2*. Frankfurt a.M. (Grundschulverband) 2005 (Heft 3, Band 119)
- Brügelmann, Hans: *Kinder auf dem Weg zur Schrift*. Konstanz (Faude) zuerst 1983
- Hasert, Jürgen; Ossner, Jakob (Hg.): *Schriften schreiben*. Osnabrücker Beiträge zur Sprachtheorie, Heft 56 April 1998
- Mahrhofer, Christina: *Schreibenlernen mit graphomotorisch vereinfachten Schreibvorgaben*. Bad Heilbrunn (Klinkhardt) 2004
- Meis, Rudolf: *Schreibleistungen von Schulanfängern und das Problem der Anfangsschrift*. Göttingen: (Hogrefe) 1963.
- Menzel, Wolfgang: *Schreiben als kommunikative Handlung*. In: Praxis Deutsch, Heft 12 S. IX-XII
- Menzel, Wolfgang: *Lesen lernen – schreiben lernen*. Braunschweig (Westermann) 1990.
- Neuhaus-Siemon, Elisabeth (Hg.): *Schreibenlernen im Anfangsunterricht der Grundschule*. Frankfurt (Scriptor) 1981.



Um caderno escolar com execúcio caligráfico. Alemanha, 1929.

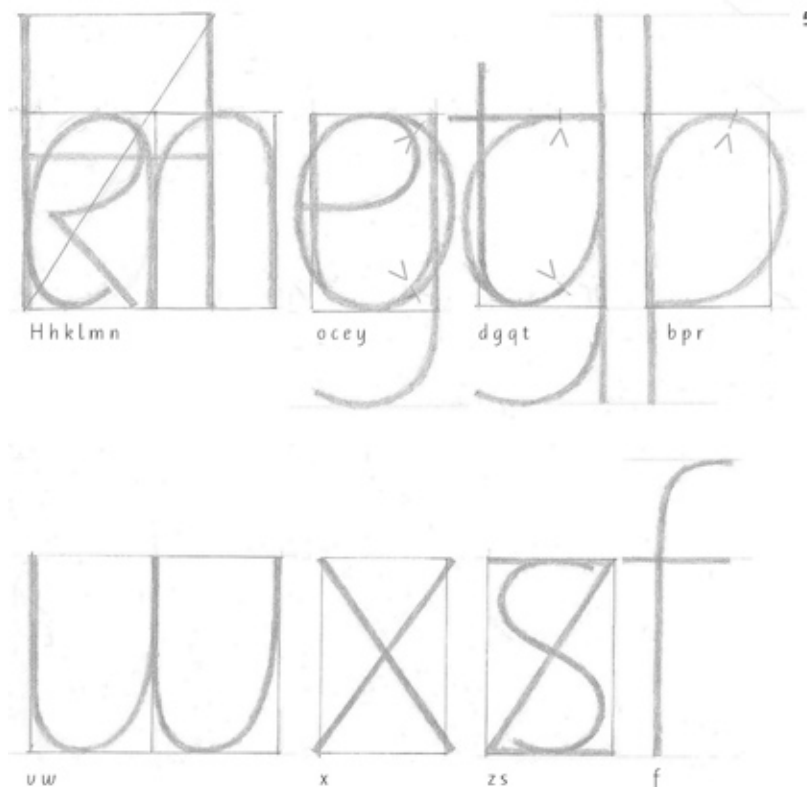
		eu	Eu
<i>eu eu eu eu eu</i>		<i>Eu Eu Eu Eu</i>	
<i>eu eu eu eu eu</i>		<i>Eu Eu Eu Eu</i>	
<i>eu eu eu eu eu</i>		<i>Eu Eu Eu Eu</i>	
<i>meudern meudern</i>		<i>Euser Euser</i>	
<i>neuer neuer neuer</i>		<i>Schleuder Schleuder</i>	
<i>freuen freuen</i>		<i>Steuer Steuer</i>	
<i>seuer seuer seuer</i>		<i>Feuer Feuer Feuer</i>	
<i>eu eu eu eu eu</i>		<i>Eu Eu Eu Eu</i>	

Um manual de aprendizagem para a letra escolar actualmente vigente na Alemanha. Schreiblehrgang SAS – Schulausgangsschrift, © GFDL. [http://www.alfons-kolling.de/schule/Schreiblehrgang\\_Schulausgangsschrift.pdf](http://www.alfons-kolling.de/schule/Schreiblehrgang_Schulausgangsschrift.pdf)

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s  
t u v w x y z x t z æ ä ö ü [! : ? ; , - " ]  
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

A B C D E F G H I J K L M N  
O P Q R S T U V W X Y Z Ü  
a g q v w x z n m

A escrita escolar suíça oficial, em uso desde 1947.



Módulos e proporções: O desenho de letras subjacente à nova fonte «ABC-Schrift», de Hans Eduard Meier. Uma proposta de reforma da letra escolar suíça. Ambas as imagens em [www.schulschrift.ch](http://www.schulschrift.ch)





Um manual, ainda hoje muito útil para perceber a formação de letras específicas, combinando módulos elementares e simples. *The art of writing, reduced to a plain and easy system: on a plan entirely new, in seven books / by John Jenkins, revised, enlarged and improved; Book 1. containing a plain easy and familiar introduction, which may be considered as a grammar to the art.* Autor: Jenkins, John, 1755?-1823. Cambridge. Printed for the author, c. 1813. Andover. Printed by Flagg and Gould. 19th Century Schoolbooks Collection, online em: <http://digital.library.pitt.edu>

## Caligrafia escolar no Reino Unido

No Reino Unido, país com uma riquíssima tradição de caligrafia – basta citar nomes famosos como George Bick-

ham Senior (1684-1758) e Charles Snell – a pessoa mais influente na área da caligrafia escolar moderna foi Alfred J. Fairbank

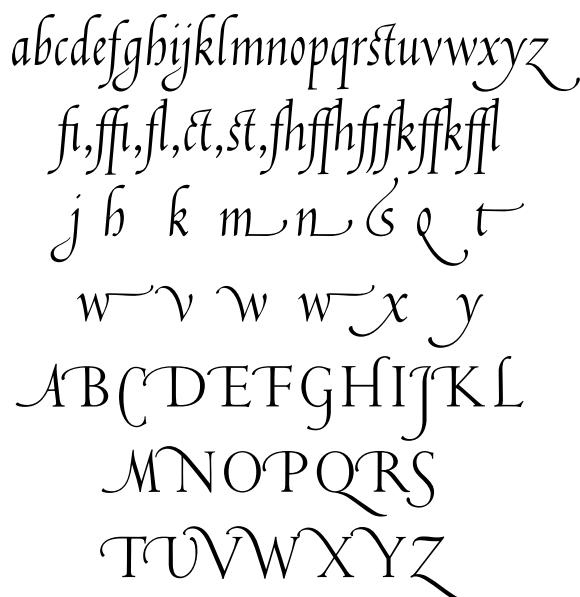
(1896 – 1982), pioneiro da «Handwriting reform» em Inglaterra. Em 1920 estudou caligrafia e iluminura sob a orientação de Graily Hewitt; caligrafou então manuscritos de Ecclesiasticus, Horácio e Virgílio. Trabalhou na área dos alfabetos fonéticos com Robert Bridges. A partir dos estudos que fez sobre mestres calígrafos do século XVI (Tagliente, Lucas), desenhou uma letra «a simple modern Italic», que foi adoptada em numerosas escolas britânicas. As suas *Dryad Writing Cards*, *Handwriting Cards* e *Beacon Writing Books* são clássicos modernos. Em cooperação com o produtor de penas de metal George Hughes, apresentou a primeira *italic pen nib*.

**F**airbank estudou na Central School of Arts and Crafts, onde foi discípulo do famoso calígrafo e typeface designer Edward Johnston. (Também Eric Gill foi discípulo do mestre Johnston). Em 1921, Fairbank foi sócio-fundador da *Society of Scribes and Illuminators*, e secretário honorário desta organização de 1931 até 1933. [www.calligraphyonline.org/\\_records5.php](http://www.calligraphyonline.org/_records5.php)

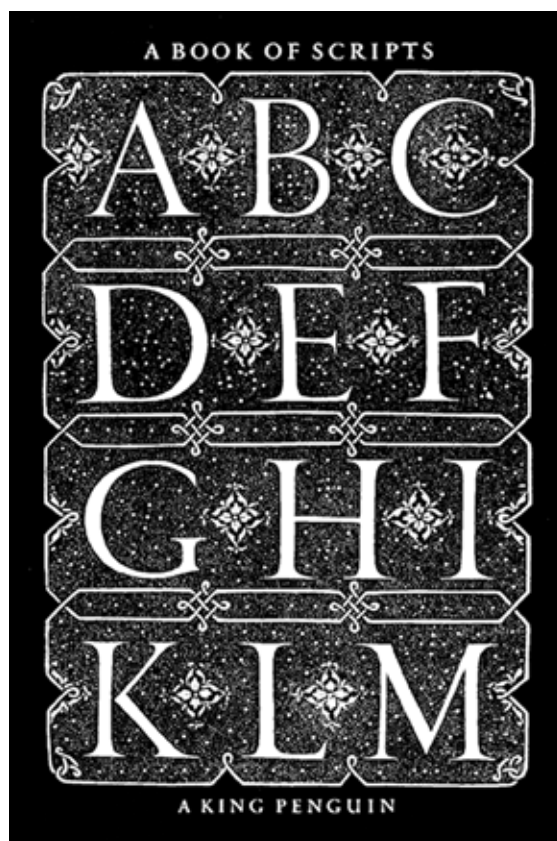
Depois da II Guerra Mundial, Fairbank fundou a *Society for Italic Handwriting*, cuja estratégia era, entre outras metas, «the general improvement of the nation's handwriting by aspiring to the standards of the Renaissance Italian masters». Apesar dos esforços desta meritória iniciativa, os padrões de escrita escolar iam piorando continuamente, já que as crianças deviam supostamente desenvolver os seus «estilos de escrita individuais».

Fairbank escreveu várias obras, incluindo *A Handwriting Manual* (1932), que teve várias edições. Nas palavras do biógrafo e historiador Ruari McLean, este livro «remains a classic: unpretentious and satisfying, the keystone of modern enjoyment of italic handwriting.» A obra *A Book of Scripts* (King Penguin Book, 1949) também alcançou notório sucesso. A capa do livro é um trabalho gráfico de Jan Tschichold.

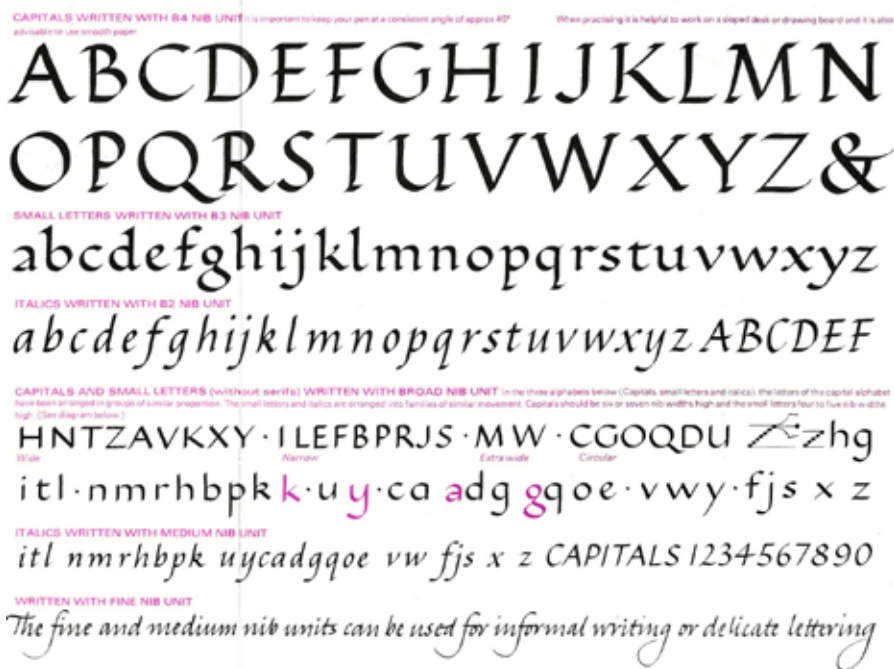
Fairbank devotou especial atenção à *Cursiva Humanista*, letra caligráfica praticada em Itália durante a Renascença, um inspiração essen-



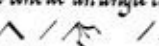
cial para aquilo que se chamaria mais tarde «as Romanas». A única fonte tipográfica produzida por Fairbank foi para a fundição Monotype. Este desenho foi posto à venda como a designação *Bembo Narrow Italic*, ou *Fairbank Italic*. Supostamente, esta fonte deveria ser o corte itálico da







Ao lado: Um modelo de caligrafia, conforme proposto no Reino Unido nos anos 30. A influência de Fairbank é notória. Em baixo: um exemplo de caligrafia da Society for Italic Handwriting.

**EXEMPLAR SHEET: Society for Italic Handwriting.**  
 The pens recommended for the italic hand are those with a straight edge for right-handers and with a left-oblique edge for left-handers. Either pen is held so that it makes its thinnest line at an angle to the writing-line of 45°:   
 A simple alphabet: abcdefghijklmnopqrstuvwxyz.  
 A good practice is to copy the letters in this order: ilt · adgqoe · bhkmnr · vw y fs j p x z. The letters dfptx are made with two strokes and e can be made with one or two: e or ce. Alternative letters: dg ey z  
 Double letters: ffff gg ss tt. By tracing this copy with a dry pen one can learn the movements which shape the letters. These drills may help: lll mmm uuuu.  
 Much practice of a and n is desirable: arcoa nrnn.

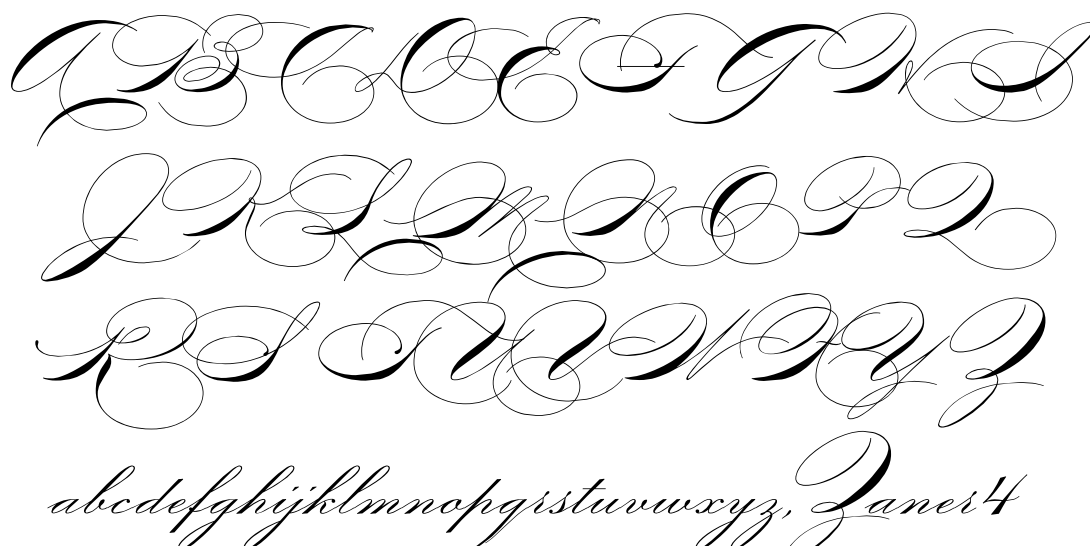
These letters have equal breadth of body: abcdhmnopqu. Joins, both diagonal and horizontal, are necessary for speed: nu un nun hum dim drum a en den ever heed fa fe fi fo fu fuff fi tu te ti to tu ts tt oi oo os vov wvwy. Simple roman capitals without serifs go well with italic letters: ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ. These may be practised in groups: ILTHEF OQCG AMNK DPBR VWY JUSXZ. A freer alphabet of capitals is: A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z. Capitals are not so high as letters with ascenders: Gill John. Ascenders & descenders (except for f t p) give double length: adg. Numerals may be as between 2 or 4 imaginary lines. 1234567890 1234567890 Stops: . : ; ' " ! ? ( ) α.  
 © Alfred Fairbank. 1900

Bembo. Mas Alfred Fairbank esclareceu que não tinha sido esse o caso: «The statement has been made that I was asked to design an italic for the Bembo roman. This is not so. Had the request been made, the italic type produced would have been different.»

Fairbank defendeu a importância e singularidade deste seu único, mas válido trabalho tipográfico: «I believe in the importance of the unique work, of things made for particular purposes. I claim the superiority of actual script over reproduced copies, on the same grounds as one believes in the painting more than in

its reproduction, or the playing of an orchestra rather than the gramophone record. The reproduced work is expedient, although valuable for its service and essential for commerce. Handwriting is not done for reproduction, unless it is expedient, and it is not often that.»

Alfred Fairbank foi agraciado com o título «Commander of the British Empire» em 1951. O legado de Fairbank foi continuado por Rosemary Sassoon, autora das fontes escolares Sassoon, e pelo suíço Hans Eduard Meier.



O exotismo da caligrafia de Zaner, convertido em fonte digital pela P22.

## Caligrafia escolar nos EUA

Nos Estados Unidos da América, as formas das letras caligráficas divergem substancialmente das europeias. Resultam de uma tradição anglo-saxónica de *Penmanship* (destreza caligráfica), representada por importantes mestres e as suas respectivas escolas privadas. Aqui denotamos a forte influência de Platt R. Spencer, Austin N. Palmer e outros. Para mais detalhes, consulte a excelente compilação patente em [www.zanerian.com/Penman.html](http://www.zanerian.com/Penman.html) e também em [www.iampeth.com/books/](http://www.iampeth.com/books/)

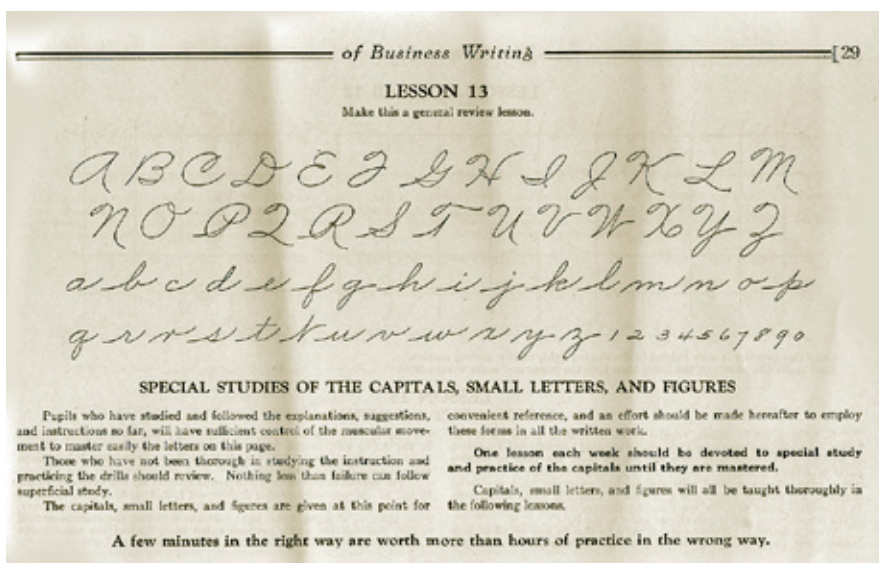
A fonte mais completa sobre materiais do século XIX é *19th Century Schoolbooks*, uma impressionante colecção de obras didácticas digitalizadas, patente em <http://digital.library.pitt.edu>

Comecemos com uma breve crónica da evolução das caligrafias comerciais. Platt Rogers Spencer (New York, 1800 – Ohio, 1864) teve a noção que os EUA precisavam de um «penmanship style that could be written quickly, legibly, and elegantly to aid in matters of business correspondence as well as personal letter-writing».

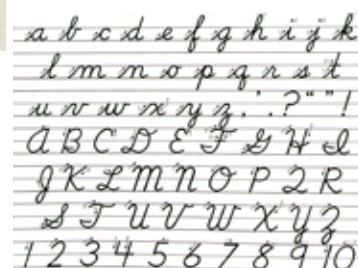
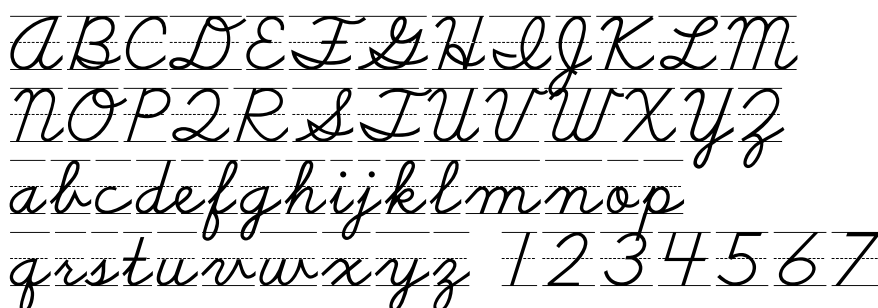
O seu *Spencerian Script* foi desenvolvido em 1840, e pouco depois desta data começou a ser leccionado numa escola que Spencer fundou para esse mesmo efeito. As pessoas diploma-



«Movement Drill-Exercises», de R.P. Spencer.



A página 29 do Palmer Method of Business Writing, publicado em 1935, mostra as formas de letras (inclinadas e ligadas) ainda hoje praticadas em muitas escolas primárias nos EUA.



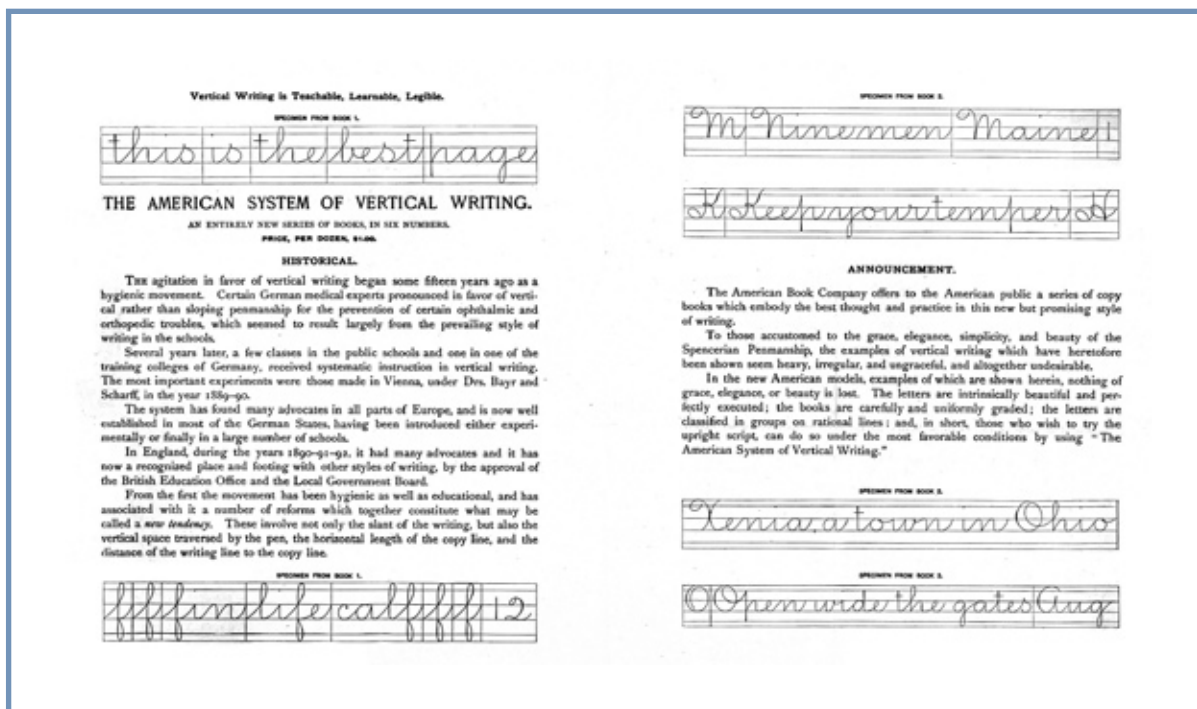
das na escola de Spencer começaram a replicar este estilo caligráfico fora dos EUA, e o *Spencerian Script* chegou até às Common schools. Como Spencer faleceu em 1864, não presenciou o grande sucesso do seu método; foram os filhos que se encarregaram de continuar a missão do pai, publicando o manual *Spencerian Key to Practical Penmanship*, em 1866. O *Spencerian Script* tornou-se standard na América; o seu grau de notoriedade só começou a ser ofuscado na década de 1920, com o surgimento da máquina de escrever. Mas também já tinha começado a ser substituído por um estilo mais simples, sóbrio e menos elegante, chamado *Palmer Method*, de Austin N. Palmer.

Austin Norman Palmer (1860 – 1927) inovou a caligrafia comercial com o seu *Método Palmer*, ainda bastante usado em institutos de formação profissional. O método foi desenvolvido por volta de 1888 e apresentado ao público em 1894, já patentado como *Palmer Method of Business Writing* (Método Palmer de Caligrafia Comercial).

O manual foi um grande êxito: Em 1912, já um milhão de exemplares tinha sido vendido nos EUA. Em 1915, foi premiado com a Medalha de Ouro em San Francisco, Califórnia; em 1926, Medalha de Ouro em Filadelfia, Pensilvania, etc. O método baseia-se numa série de normas, e é treinado em exercícios práticos e fáceis de realizar, de carácter repetitivo (*drills*). Têm como objectivo que o praticante acabe por adquirir uma certa espontaneidade nos movimentos musculares que executa ao escrever, de maneira que adquira automatismo e fluência.

É um método de caligrafia claro e resumido, vocacionado para a escrita comercial, embora também se propagasse extensamente no ensino primário. Existem vários tipos de Caligrafia Palmer, bastante similares, mas não totalmente idênticos. Este método promove uma letra clara, legível, fluida e rápida de executar – os elementos fundamentais de uma escrita cursiva (ligada). O método desenvolvido por Palmer rapidamente se tornou o sistema de letra mais popu-





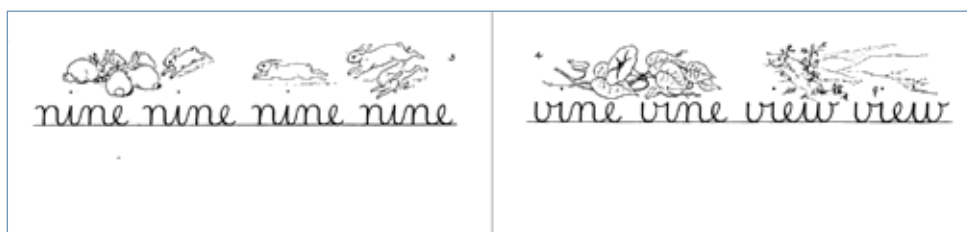
Em 1889, a American Book Company oferecia o «American System of Vertical Writing»

lar nos Estados Unidos. Mas para ensinar *handwriting* numa dada escola, Palmer exigia como condição que os instrutores/formadores fossem adequadamente treinados no seu método, visto que «teachers cannot teach what they do not know». O seu enérgico entusiasmo era contagiante e influenciou muitos estudantes e intrutores, um pouco por todos os estados dos EUA.

Com o advento do *Vertical Writing*, considerado mais próprio para a escrita escolar, a caligrafia Palmer perdeu popularidade. Em 1889, a American Book Company oferecia o «American System of Writing», uma adaptação de alfabetos escolares desenvolvidos em Viena por Bayr e Scharff, uma letra «bela, simples, legível», conforme o apregoa o prospecto representado nesta página. O *Barne's National Vertical Penmanship* foi posto no mercado pouco mais tarde, em 1898, pela Merican Book Company.

Um manual escolar dos dias de hoje é o *D'Nealian Handwriting Readiness for Preschoolers* (Book 1, Donald Deal Thurber. Illinois: 1987). O *D'Nealian handwriting system* foi desenvolvido na década de 1970. Neste sistema, o aluno começa com letras de imprensa inclinadas (print letters that are slanted) e evolue para a aprendizagem de «upturned hooks, which are intended to make the transition into cursive writing more natural than in other print-script systems».

O autor descreve o método, que ainda é bastante controverso nos EUA: «This handwriting method offers the first major change in how children learn to write their ABC's in over a hundred years or so. Lower case letters are made with a **continuous stroke print**, rather than the traditional circle-stick, large sized letters and vertical writing. The circle-stick methods use splinter parts to form a letter, while D'Nealian



O *Barne's National Vertical Penmanship* foi posto no mercado pouco mais tarde, em 1898, pela Merican Book Company.

is a **flowing whole letter movement.**» O livro está à venda online em: [www.amazon.com/DNealian-Handwriting-Readiness-Preschoolers-Book/dp/0673188566](http://www.amazon.com/DNealian-Handwriting-Readiness-Preschoolers-Book/dp/0673188566)

Para mais detalhes, consulte o site [www.dnealian.com](http://www.dnealian.com) e o blog <http://dnealianhandwriting.blogspot.com/>



D'Nealian Handwriting, Independent Practice/Book 1

abcçdefghijklmñop  
 qrsturewxyz.  
 ABCDEFGHIJ  
 KLMNOPQ  
 RSTUVWXYZ.  
 1234567890?!



A fonte *Little Days* (em cima), distribuída grátis, tem assinalada um Copyright de West Wind Fonts, 2001. O parentesco estético e funcional com o «Vertical Writing» de 1898 é óbvio. A fonte digital *Kindergarten*, do brasileiro Tony de Marco (em baixo), parece ser um derivado mais ou menos directo da *Little Days*; mas segundo uma

informação do autor, essa sua fonte inspira-se na cartilha brasileira «Caminho Suave». Uma outra fonte, com nome brasileiro, a *Mamae que nos faz*, parece estar-lhe muito relacionada – será um versão preliminar da *Kindergarten* ou simplesmente um plágio?

a b c ç d e f g h i j  
 k l m n o é p q r s  
 t u ú v w x y z ? !  
 A B C D E F G H I J  
 K L M N O P Q R  
 S T U V W X Y Z  
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0  
 Mamae(QueNosFaz

Bê-á-bá  
 a b c d e f g h i j  
 k l m n o p q r s  
 t u v w x y z  
 A B C D E F G H I J  
 K L M N O P Q R  
 S T U V W X Y Z  
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9  
 Crara, Borda, macaco,  
 bicicleta, Limão, Inglês;  
 palavras: internacional  
 "english" tony@ \$ % ? !



Em cima: página do método de caligrafia de P.R. Spencer. A chamada «Golden Age of American Penmanship and Calligraphy» foi marcada pelas personalidades de Spencer e Palmer.

Os «Primary School Fonts» hoje usados nos EUA têm designações como *D'Nealian*, *Zaner-Bloser*, *Harcourt Brace*, *Peterson Directed Handwriting*, *McDougal/Littell*, *Getty-Dubay Italic* e *Palmer style handwriting font*. *D'Nealian* é trademark de Donald N. Thurber; *Zaner-Bloser* é copyright da empresa Zaner-Bloser, Inc.

Sites comerciais importantes são, por exemplo, o da empresa Educational Fontware: [www.educationalfontware.com](http://www.educationalfontware.com). Outros sites comerciais: [www.schoolhousefonts.com/](http://www.schoolhousefonts.com/) e *Writing Without Tears*, [www.hwtears.com](http://www.hwtears.com), e [www.writingteonhandwriting.com](http://www.writingteonhandwriting.com)

**Bibliografia EUA: manuais**

<http://www.archive.org/search.php?query=Penmanship>  
 The Payson, Dunton, & Scribner manual of penmanship. By Payson, Jesse W; Dunton, S. (Seldom); Scribner, W. M. (William M.);

Shattuck, G. H. (George H.); Manson, A S. New York. Woolworth, Ainsworth, and company.

1873.

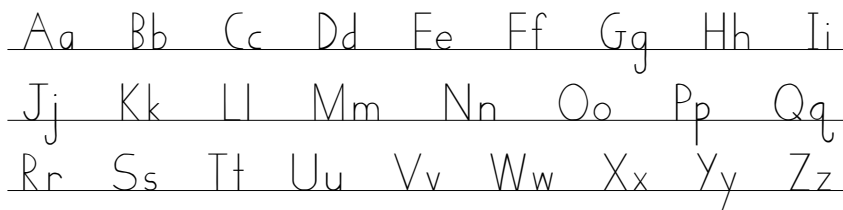
*The Payson, Dunton, & Scribner Manual of Penmanship*. By J W Payson, Alfred Small Manson, W M Scribner, George H. Shattuck, Payson, Dunton & Scribner. Published by Potter, Ainsworth, and company, 1881

*American System of Vertical Writing* - Four pages leaflet about The American System of Vertical Writing, American Book Co., 1894. From *Emergence of Advertising in America: 1850-1920*, a project of The Digital Scriptorium and the John W. Hartman Center for Sales, Advertising & Marketing History; Rare Book, Manuscript, and Special Collections Library; Duke University, Durham, NC.

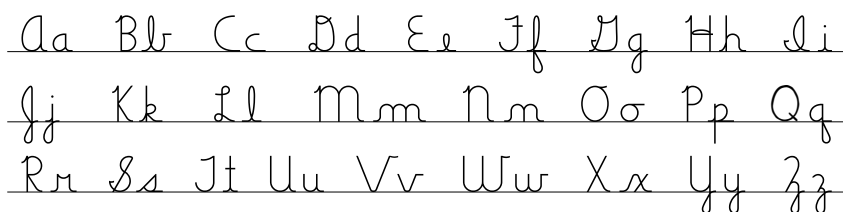
Clark, Albert Willistine, *Public school penmanship; a handbook for teachers*. 1909. Boston, New York, Ginn. Um excelente manual, explicando em detalhe a construção das formas das letras. Usa um alfabeto cursivo inclinado.



**Handwriting Without Tears® Print Alphabet**



**Handwriting Without Tears® Cursive Alphabet**



«Handwriting Without Tears» é definido como um sistema que ensina «a simple, clean, vertical style of printing and cursive that is easy for everyone to learn.» Os autores afirmam: «We teach the easiest style so that all children can be successful in handwriting. The continuous stroke print looks like the letters and words children read every day. It follows developmental principles, prevents reversals, and prepares children for a smooth transition to cursive.» Mais detalhes em <http://www.hwtears.com>

**Bibliografia EUA: publicações e artigos**

E. A. Enstrom. *Those Questions on Handwriting*, 1969. The University of Chicago Press. 1969

Armitage, D., & Ratzlaf, H. (1985). *The non-correlation of printing and writing skills*. Journal of Educational Research, 78, 174-177.

Asher, A. (2006). *Handwriting Instruction in Elementary Schools*. American Journal of Occupational Therapy 60, 461-471.

Berninger, V.W., Graham, S., & Weintraub, N. (1998). *The relationship between handwriting style and speed and legibility*. The Journal of Educational Research, 91, 290-296.

Berninger, V.W., Vaughn, K.B., Abbott, R., Abbott, S., Rogan, L., Brooks, A., Reed, E., & Graham, S. (1997). *Treatment of handwriting problems in beginning writers: Transfer from handwriting to composition*. Journal of Educational Psychology, 89, 652-666.

Bing, S. B. (1988). *Handwriting: Remediate or circumvent?* Academic Therapy, 23, 509-514.

Blôte, A. W.; Van Der Heijden, P.G. *A follow-up study on writing posture and writing movement of young children*. Journal of Human Movement Studies, 14, 57-74. 1988.

Blôte, A. W.; Van Haafteren, R. *Developmental dimensions in the drawing behaviour of pre-school children*. Journal of Human Movement Studies, 17, 187-205. 1989.

Blôte, A. W., Zielstra, E. M.; Zoetewey, M. W. *Writing posture and writing movement in kindergarten*. Journal of Human Movement Studies, 13, 323-341. 1987.

Bridge, C. A. & Hiebert, E. H. (1985). *A comparison of classroom writing practices, teachers' perceptions of their writing instruction, and textbook recommendations on writing practices*. Elementary School Journal, 86.155-172.

Byers, L. (1963). *The relationship of manuscript to cursive handwriting to accuracy in spelling*. Journal of Educational Research, 57, 87-89.

Case-Smith, J. (2002). *Effectiveness of school-based occupational therapy intervention on handwriting*. American Journal of Occupational Therapy 56, 17-25.

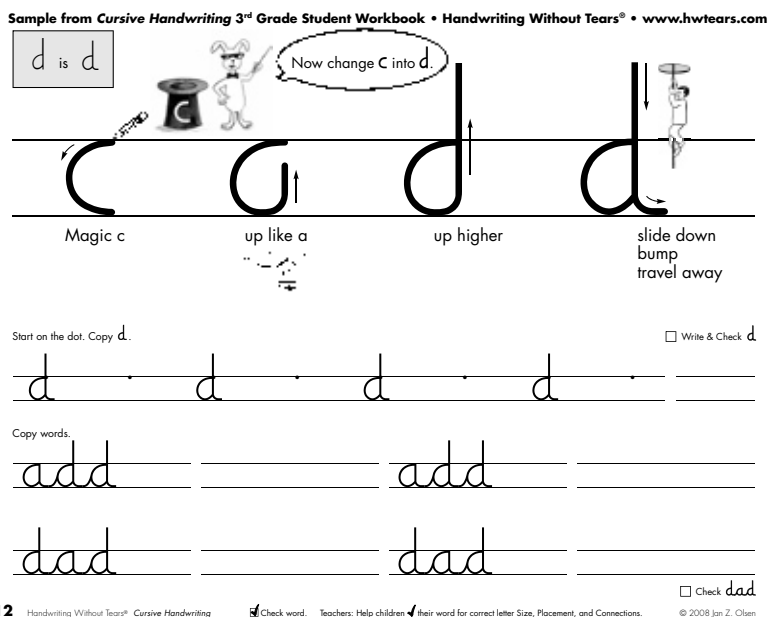
Clark-Wentz, J. (1997). *Improving Students' handwriting*. OT Practice, 2 (10), 29-33.

Daly, C., Kelley, G.T., & Krauss, A. (2003). *Relationship between visual motor integration and handwriting skills of children in kindergarten: a modified replication study*. American Journal of Occupational Therapy 57, 459-462.

Eaton, W. E. (1985). *American school penmanship: From craft to process*. American Journal of Education, 93, 252-267.

ERIC Development Team (1997). *Six Questions educators should ask before choosing a handwriting program*. ERIC Digest [ED 409 589].

Feder, K.P., & Majnemer, A. (2007). *Handwriting development, competency, and intervention*. Developmental Medicine & Child Neurology, 49, 312-317.



O sistema integral «Handwriting Without Tears» é não só uma coleção de fontes, mas também uma série de manuais e livrinhos de exercícios que explicam como desenhar o traçado das letras. Vários vídeos completam a oferta da empresa. Desenvolvido por Jan Olsen, terapeuta ocupacional, o método HWT ensina «handwriting skills» com métodos originais e «multisensory approaches». Os princípios de Arnold Gesell, Ph.D., M.D., são a base do sistema HWT para Kindergartens e Pré-Escolares.

- Fitzgerald, Elizabeth. *Rationales for Cursive First Penmanship Instruction*. Online em: <http://educationissues.blogspot.com/2007/12/rationales-for-cursive-first-penmanship.html>
- Freeman, Frank N. *Correlated handwriting*. Ohio. Blosor Company, 1927-1931. Uma obra que teve repercussões no Brasil.
- Freeman, Frank N. *An Analytical Scale for Judging Handwriting*. 1915 The University of Chicago Press.
- Gesell, A. *The First Five Years of Life: A Guide to the Study of the Preschool Child*. New York: Harper and Row. 1940.
- Graves, D. H. (1983). *Writing: Teachers and children*. Portsmouth, NH: Heinemann.
- Groff, P. (1964). *Who are better writers - The left-handed or the right-handed?* Elementary School Journal, 65, 92-96.
- Groff, P. (1975). *Can pupils read what teachers write?* Elementary School Journal, 76, 32-39.
- Graham, S. (1986). *A review of handwriting scales and factors that contribute to variability in handwriting scores*. Journal of School Psychology, 24, 63-71.
- Graham, S. (1986). *The reliability, validity, and utility of three handwriting measurement procedures*. Journal of Educational Research, 79, 373-380.
- Graham, S. (1992). *Issues in handwriting instruction*. Focus on Exceptional Children, 25 (2), 1-14.
- Graham, S., Boyer-Shick, K.; Tippets, E. (1989). *The validity of the handwriting scales from the test of written language*. Journal of Educational Research, 82, 166-171.
- Graham, S., Harris, K.R., Mason, L., Fink-Chorzempa, B., Moran, S.; Saddler, B. (2007). *How do primary grade teachers teach handwriting? A national survey*. Reading and Writing, <http://dx.doi.org/10.1007/s11145-007-9064-z>
- Graham, S. & Harris, K.R., (2005). *Improving the writing performance of young struggling writers*. The Journal of Special Education, 39, 19-33.
- Graham, S., Harris, K.R., & Fink, B. (2000a). *Extra handwriting instruction: prevent writing difficulties right from the start*. Teaching Exceptional Children, 33, 88-92.
- Graham, S., Harris, K.R., & Fink, B. (2000). *Is handwriting casually related to learning to write? Treatment of handwriting problems in beginning writers*. Journal of Educational Psychology, 92, 620-633.
- Graham, S. (1993). *Are slanted manuscript alphabets superior to the traditional manuscript alphabet?* Childhood Education, 71, 91-95.
- Graham, S. (1992). *Issues in handwriting instruction*. Focus on Exceptional Children, 25, 1-15.
- Guy, J.M. (2003). *Effect of proprioceptive input combined with Handwriting Without Tears on the handwriting of children with learning disabilities*. Master's thesis. Western Michigan University, Kalamazoo, Michigan.


Sample from *Kindergarten Teacher's Guide* • Handwriting Without Tears® • www.hwtears.com

---

HANDWRITING INSTRUCTION: Multisensory Lessons


**Other Wood Piece Activities**

**Make Letters Together**  
 Children can have fun holding up Wood Pieces and making letters together. Have them try it. They will have fun figuring out which letters (like the ones that are symmetrical) are easiest to make.




**Boss of the Mat**  
 Play the *Boss of the Mat*. Students take turns building capital letters on their Mat and guessing one another's letters. The child who is boss gets to tell each child which Wood Piece to pick up next. The boss places the Wood Pieces one piece at a time (the other children follow) until the letter is called out.

**Name**  
 The Wood Pieces are a great way to help children learn the letters in their name. Beginners do well writing their name in all capitals. When they are ready, we transition them to title case. For more information on helping children learn to write their name, see page 26 of this guide.




**What Letter Is It?**  
 This is a great activity to help children with visual memory. Give the child a Mat with Wood Pieces. Have flash cards prepared with lowercase letters on them. Show students a lowercase letter (on the flashcard) and have them build the capital partner on their mat.

**My Turn, Your Turn**  
 Do a tapping activity with two big lines held like an X. Teacher taps and students wait to tap until teacher says, "Your turn!" Use just two taps until children learn to listen and wait. When they know how to do this, vary the number or rhythm of taps.




**Teacher Says**  
 Play a version of the game "Simon Says." Only use the Wood Pieces and remind your children not to do anything unless you say "Teacher Says." Teacher says, "Touch your big line to your nose."

**Making Patterns**  
 You can make many patterns using the Wood Pieces. Download these cards with images of Wood Piece patterns. Glue them to heavy cardstock and laminate. Set them out in a center and see if children can build patterns to match the cards. This is a great visual activity that helps children learn to follow directions and problem solve.



**On the Line**  
 Help children understand basic concepts of letter placement by building words with the Wood Pieces and placing them on a line made out of masking tape. Show children how letters sit right on the line.



© 2008 Jan Z. Olson Handwriting Without Tears® Kindergarten Teacher's Guide 43

Materiais didáticos da HWT para crianças em idade pré-escolar: letras de madeira, por exemplo.

Hamstra-Bletz, L. & Blote, A. W. (1993). *A longitudinal study of dysgraphic handwriting in primary school*. Journal of Learning Disabilities, 26, 689-699.

Jones, D., & Christensen, C. (1999). *Relationship between automaticity in handwriting and students' ability to generate written text*. Journal of Educational Psychology, 91, 44-49.

Kiss, D. (2007). *Handwriting Consultation in Elementary Schools*. OT Practice, 12 (14), 11-14.

Koenke, K. (1986). *Handwriting instruction: What do we know?* Reading Teacher, 40, 214-216.

Malloy-Miller, T., Polatajko, H., & Ansett, B. (1995). *Handwriting error patterns of children with mild motor difficulties*. Canadian Occupational Therapy Journal, 62, 258-267.

Marr, D., Cermack, S.A., Cohn, E.S.; Henderson, A. (2003). *Fine motor activities in Head Start and Kindergarten classrooms*. American Journal of Occupational Therapy 57, 550-557.

McHale, K., & Cermack, S.A. (1992) *Fine Motor activities in elementary school: preliminary findings and provisional implications for children with fine motor problems*. American Journal of Occupational Therapy, 46, 898-903.

Medwell, J., Wray, D. (2007). *Handwriting: what do we know and what do we need to know?* Literacy, (42), 10-15.

NAEYC. 1996. NAEYC position statement: *Developmentally appropriate practice in early childhood programs serving children from birth through age eight*. Washington DC: <http://www.naeyc.org/about/positions/pdf/PSDAP98.PDF>

Owens, L.L. (2004). *The effects of the Handwriting Without Tears program on the handwriting of students in inclusion classrooms*. Master's thesis. Virginia Commonwealth University, Richmond, Virginia.

Peck, M.; Askov, E. N. *Another decade of research in handwriting: Progress and prospect in the 1970s*. Journal of Educational Research, 73, 1980.

Lister, C. C. *Progressive Penmanship Manual*. New York. The Macmillian Company, 1926.

Mabee, W. S. (1988). *The effects of academic positive practice on cursive letter writing*. Education and Treatment of Children, 11, 143-148.

- Manning, M. L. (1988). *Handwriting instruction*. Childhood Education, 65, 112-114.
- Markham, L. R. (1976). *Influences of handwriting quality on teacher evaluation of written work*. American Educational Research Journal, 13, 277-283.
- Martlew, M. (1992). *Handwriting and spelling: Dyslexic children's abilities compared with children of the same chronological age and younger children of the same spelling level*. British Journal of Educational Psychology, 62, 375-390.
- Meulenbroek, R. G. & Van Galen, G. P. (1990). *Perceptual motor complexity of printed and cursive letters*. Journal of Experimental Education, 58, 95-110.
- Nietz, John Alfred (1888- ). *The evolution of American secondary school textbooks; rhetoric & literature, algebra, geometry, natural history (zoology), botany, natural philosophy (physics), chemistry, Latin and Greek, French, German & world history as taught in American Latin grammar school academies and early high schools before 1900*, by John A. Nietz. Collection: 19th Century Schoolbooks Collection.
- Petty, W.T.(1982). *Handwriting and spelling: Their current status in the language arts curriculum*. In: W. B. Barbe, A. S. Francis & L. A. Braun (Eds.) Spelling (53-60). Columbus, OH: Zaner Bloser.
- Phelps, J., Stempel, L. & Speck, G. (1985). *The Children's Handwriting Scale: A new diagnostic tool*. Journal of Educational Research, 79, 46-50.
- Pontello, K.M. (1999). *The effectiveness of a structured handwriting program*. Unpublished master's thesis. Lakehead University, Ontario, Canada.
- Rosenblum, S., Goldstand, S., & Parush, S. (2006). *Relationships among biomechanical ergonomic factors, handwriting product quality, handwriting efficiency, and computerized handwriting process measures in children with and without handwriting difficulties*. American Journal of Occupational Therapy 60, 28-39.
- Rubin, N.; Henderson, S. E. (1982). *Two sides of the same coin: Variations in teaching methods and failure to learn to write*. Special Education: Forward Trends, 9, 17-24.
- Sheffield, B. (1996). *Handwriting: a neglected cornerstone of literacy*. Annals of Dyslexia, 46.
- Smith-Zuzovsky, N., & Exner, C.E. (2004). *The effect of seated positioning quality on typical 6- and 7-year-old children's object manipulation skills*. American Journal of Occupational Therapy 58, 380-388.
- Ste-Marie, D.M.; Clark, S.E.; Findlay, L.C.; Latimer, A.E. (2004). *High levels of contextual interference enhance handwriting skill acquisition*. Journal of Motor Behavior, 36, 115-127.
- Thomassen, A.J.; Teulings, H.-L. *The development of handwriting*. In: M. Martlew (dir.), *The psychology of Written Language*. New York, NY. John Wiley et Sons. 1983.
- Thompson, S. E. (1942). *Integration of fifth-grade spelling and handwriting*. Elementary School Journal 42, 347-357.
- Weinraub, D.L. (1999). *The effects of the use of broken crayon upon grasp development in conjunction with occupational therapy*. Unpublished master's thesis. Touro College, Far Rockaway, NY.
- Varty, J. W. (1938). *Manuscript writing and spelling achievement*. New York: Teachers College
- Waters, G. S., Bruck, M., & Seidenberg, M. (1985). *Do children use similar processes to read and spell words?* Journal of Experimental Child Psychology, 39, 511-530.
- Wood, R. W., Webster, L., Gullickson, A., & Walker, J. (1987). *Comparing handwriting legibility with three teaching methods for sex and grade level*. Reading Improvement, 24, 24-30.

## Arte de la escritura y de la caligrafía: teoría y práctica. Do livro de Rufino Blanco y Sánchez, 1861-1936.

Edición digital basada en la 3ª ed. de Madrid, Imp. y Lit. de J. Palacios, 1902. A obra completa: online em: [www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01383819744793725088802/index.htm](http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01383819744793725088802/index.htm)

### V. Inclinación de la letra española

1. La letra española no se ha escrito siempre con la misma inclinación. Juan de Iciar la escribió con una inclinación de ocho grados, Casanova la escribió con diez y Torío llegó hasta los veinticinco. Los calígrafos contemporáneos han pasado de estos números, pues Iturzaeta escribió la letra española con veintiocho grados de inclinación y Alverá con treinta y dos.

Estos datos prueban que la letra española se puede producir caligráficamente con diversa inclinación, y que no es su característica una inclinación determinada.

2. Con esta materia se relaciona un asunto muy discutido en los últimos años: la conveniencia de sustituir la letra inclinada con la letra llamada vertical o derecha. Se produce esta letra de manera que los trazos rectos medianos sean perpendiculares a las líneas superior e inferior del renglón (y, por tanto, a todas sus paralelas); circunstancia que, indudablemente, da algunas condiciones recomendables al escrito.

Esta modificación, originaria de Bélgica, ha sido aceptada por algunos calígrafos ingleses y generalizada por distintos países de América.

Algunos calígrafos y maestros de primera enseñanza combaten el uso de la letra vertical. ¿Hay motivo para ello? El estudio imparcial del asunto y su examen, hecho sin prejuicios, resolverá la cuestión.

La letra vertical se ha usado más que la inclinada. Son verticales las escrituras siguientes, entre otras menos importantes: hebrea, sánscrita, griega y romana. Esta última no sólo dio carácter a todas las escrituras anteriores al siglo XI, sino que es la usual en la imprenta; con lo cual queda dicho que la letra vertical se usa también ahora más que la inclinada, pues más se escribe con los moldes de los tipógrafos que con la pluma de los calígrafos.

De 298 escrituras impresas, de otros tantos idiomas y dialectos, examinadas para hacer este estudio, resulta que 259 tienen dirección vertical<sup>117</sup> y no la tienen 39 solamente<sup>118</sup>.

De 274 manuscritos paleográficos de diversas épocas históricas, examinados para estos efectos, 226 son de forma vertical y 48 de forma inclinada; y verticalmente escribieron los hombres desde los tiempos de la invención de la escritura hasta que a fines del siglo XV comenzaron a usarse las letras llamadas bastardas, las cuales, como ya se ha dicho, fueron al principio de muy poca inclinación.

Además son verticales los siguientes tipos manuscritos: gótica, alemana, redondilla o francesa, y pueden serlo la italiana (que no es la italiana), la inglesa y la española.

También son verticales la escritura de ciegos y la escritura musical.

De estos datos resulta que la escritura vertical o derecha no es una invención moderna, sino la forma más generalizada y común de escribir en todas las épocas históricas. El uso común es favorable, por tanto, a la letra vertical.

Nótense ahora las condiciones de la letra vertical y la letra inclinada, y compárense en cuanto



a su belleza y a la facilidad de su aprendizaje y de su ejecución.

La inclinación no es nota esencial de la belleza; por el contrario, los objetos inclinados<sup>119</sup> suelen carecer de condiciones estéticas. En cambio, lo que está colocado erguido y verticalmente es agradable a la vista; luego el creer que la letra inclinada es más bella que la vertical no puede ser otra cosa que un efecto de la costumbre. Las condiciones estéticas de la letra están en el número, clase, forma y proporciones de los trazos (no en su inclinación), y éstos no se alteran esencialmente en las letras verticales<sup>120</sup>. Además, las letras góticas y la francesa son letras derechas y a nadie se le ocurre negarles condiciones de belleza.

La letra vertical tiene también más estabilidad artística.

El paralelismo de líneas inclinadas, de inclinación determinada, y las formas de objetos en esta posición, son más difíciles de adquirir y fijar que las posiciones perpendiculares; luego la letra vertical será de más fácil aprendizaje que la inclinada, y esta facilidad es más notable cuando se aprende a escribir con la mano izquierda.

Así lo entendió, sin duda alguna, Fröbel, cuando en su obra *La Educación del Hombre*, dijo:

«Útil es para el niño aprender a trazar, desde temprano, letras formadas por líneas horizontales y líneas verticales».

La letra vertical además prepara para la enseñanza del dibujo, mientras la inclinada la dificulta por la tendencia de los niños a hacer inclinadas las líneas verticales.

De pequeños, todos tratamos de escribir en la posición en que están los árboles y andan las personas; pero la escuela violenta estas naturales tendencias.

La letra vertical debe, por tanto, enseñarse y usarse con preferencia a la letra inclinada en las escuelas y colegios de primera enseñanza.

La letra vertical es más legible. Basta para probarlo colocar las adjuntas líneas manuscritas a

distancia que no se vean; acérquese el observador lentamente al rótulo y verá antes las líneas de letra vertical; lo que prueba que ésta es más clara y más legible:

*Comparación letra vertical letra inclinada*

En las mismas líneas se ve que la letra inclinada ocupa más superficie que la vertical, siendo más clara, a pesar de esto, la letra vertical.

También la letra vertical ha de ser más veloz, y por tanto, más fácil de ejecutar, pues la línea perpendicular desde un punto a una recta es siempre menor que cualquier oblicua. Contra este principio no puede ir la experiencia de los que, escribiendo habitualmente una letra inclinada, aseguran que tardan más en escribir verticalmente.

Ya se comprende que esto es efecto de la costumbre; pero con igual ejercicio en una misma persona, la letra vertical se ha de escribir siempre con mayor velocidad, porque su trazado es necesariamente más corto. Esta diferencia hace que un escribiente que escriba tres horas diarias, al cabo de un año de labor (sin contar los días de fiesta) recorrerá con la pluma 12.000 metros más haciendo letra inclinada que haciendo letra vertical.

La letra vertical es más cómoda para escribir en pizarras o encerados murales, en libros grandes de contabilidad, de parroquias, registros civiles, etc, y en los modernos copiadores llamados hectógrafos, mimeógrafos, ciclostilos, etc.

Por último, los impugnadores de la letra vertical deben pensar que esta reforma caligráfica sólo representa el deseo de que la pluma produzca efectos naturales que no se desfiguren por la posición del papel.

Nótese que la pluma, lo mismo al escribir letra vertical que letra inclinada, se mueve al producir los trazos regulares o medianos en dirección perpendicular a la tabla del pecho, y que la inclinación de la letra se produce únicamente por la artificiosa o inútil inclinación del papel.

La reforma de la letra vertical se reduce a un cambio de posición en el papel.

Resulta, por tanto, que la letra vertical es preferible a la inclinada; pero tal preferencia está más justificada, si esto es posible, para la letra usual y corriente. Pase que el calígrafo, inspirándose en el gusto dominante del público contemporáneo, escriba la letra inclinada; pero nada justifica la enseñanza de tal letra en las escuelas de instrucción primaria.

La letra vertical no se generaliza más por efecto de la rutina, que es ruta pequeña y vía estrecha.

La rutina es la negación de todo progreso, y una enfermedad infecciosa del hábito, que seca los mejores frutos del entendimiento y de la voluntad.

3. Convencido de la utilidad del uso de la letra vertical empecé hace poco tiempo la propaganda de la idea en España, estudiando el asunto en este libro, enseñándola en la Escuela Normal de Maestros de Madrid, escribiendo artículos en los periódicos diarios y profesionales y dando conferencias sobre el asunto con proyecciones luminosas en el Ateneo de Madrid y en otras sociedades artísticas y literarias; y los resultados han sido en extremo satisfactorios, pues actualmente la letra vertical se usa en muchos Institutos de segunda enseñanza y Escuelas Normales y en multitud de escuelas y colegios de primera enseñanza.

Además, muchas personas distinguidas escriben letra vertical: entre ellas se cuentan S. M. el Rey D. Alfonso XIII, SS. AA. RR. las Infantas doña

Eulalia y doña María Teresa y varias damas y caballeros de la aristocracia madrileña.

La letra española, sin que pierda su carácter, puede escribirse verticalmente como cualquier otro tipo inclinado.

Véanse las láminas desde la 1.<sup>a</sup> a la 11 y el Primer *Método ilustrado de Escritura española vertical*, por el autor de este libro.

Algunos calígrafos de nuestro país han comenzado a trabajar en esta forma de letra, y ya la escriben con notoria perfección. D. Francisco García Carrillo, don Teodosio Leal, D. Santiago García y Rivero y don Martín Chico y Suárez, y dos o tres grabadores en piedra litográfica han comenzado también con fortuna a usar la letra española vertical.

Mucho más rica es la producción de letra inglesa vertical. Son muy notables, entre otras muchas, las obras de Newlands y Row, y las de Jackson, de Londres; y además, en Inglaterra y en América se han fundido tipos de letra inglesa vertical, usados en obras importantes de enseñanza.

En Alemania este asunto ocupa la atención de calígrafos, higienistas y pedagogos, y diariamente se publican artículos en pro de esta dirección de la letra manuscrita, y en otros países la letra vertical se va abriendo camino.

## «Aproveitamentos» de letras escolares

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz,.  
ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTU  
vwxyz, 1234567890

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz,.  
ABCDEFGHIJKLMN OPQR  
STUVWXYZ, 1234567890

Diversas fundições e diversos typeface designers têm explorado o mundo da «letra escolar», lançando fontes, que, embora sem valor didático, exploram a simplicidade do traçado das letras tematizadas nos artigos anteriores.

Primeiro exemplo: «SchoolScriptDashed», uma letra de escola primária típica dos EUA. Ligações bem solucionadas.

Segundo exemplo: a fonte SoProlix, da fundição digital SinergiaLab de Buenos Aires.

Em baixo: a fonte Monoline Script, a fonte Wendy, a fonte Mrs. Von Eckeley, da Sudtipos; a fonte Zebra, um alfabeto de minúsculas.

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz,.

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz,.

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ

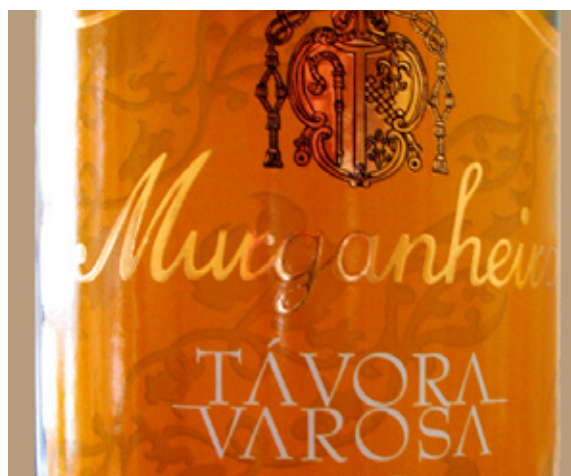
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz,.

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz zebra

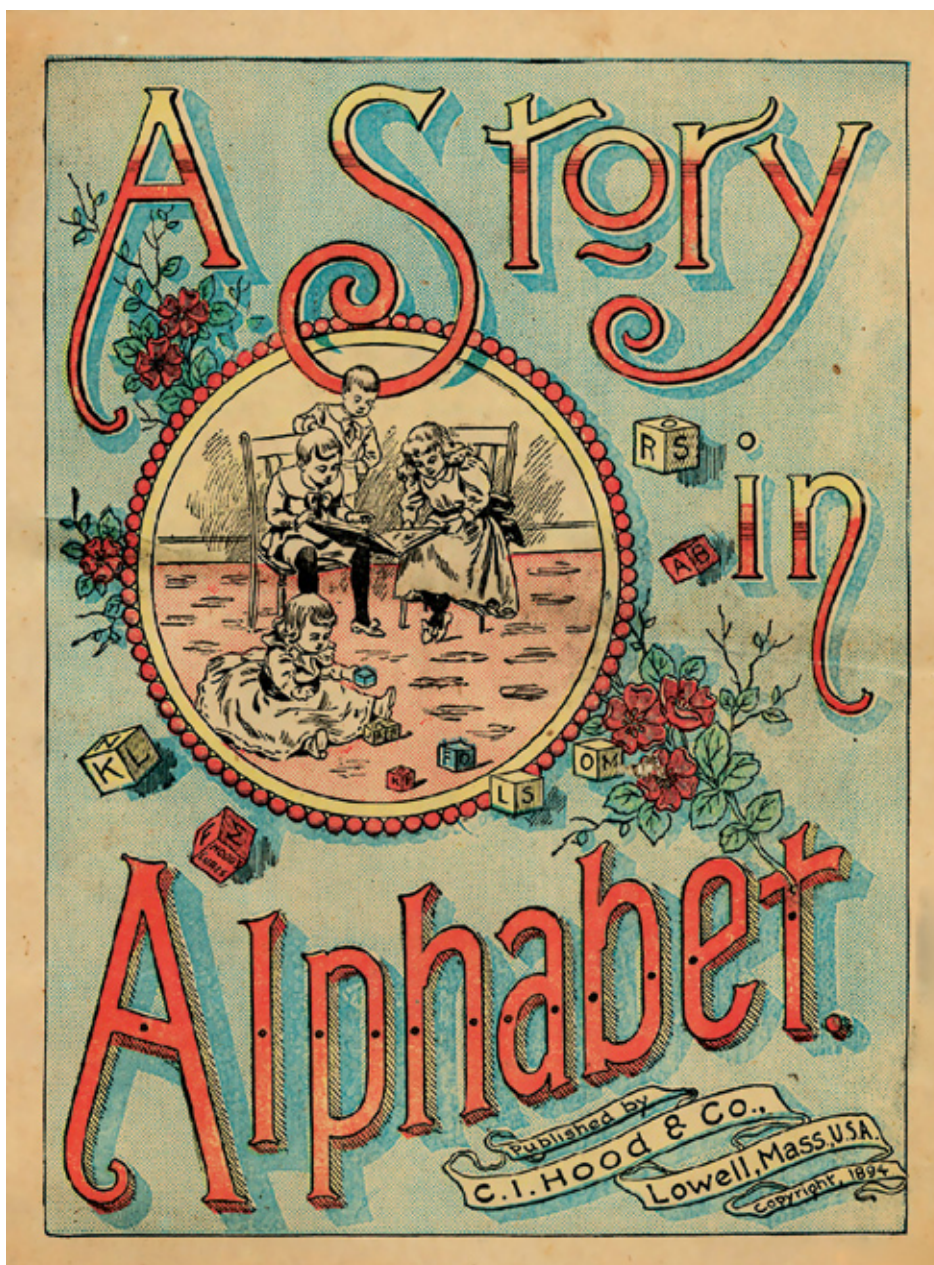


Exemplos de «letra escolar» em lettering comercial de exteriores, ambos recolhidos na cidade do Porto, em 2009. A marca de chocolates Regina usou uma «letra escolar» no próprio logótipo – assim como o faz a marca de espumantes «Murganheira». Em baixo: afonte Kaufmann Bold da Adobe, e a fonte »Manuscrito«, uma digitalização do autor deste Caderno.



*abcdefghijklmnopqrstuwx yz, 1234567890.*  
**ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ**  
*abcçdefghijklmñopqrstuvwx yz,.*  
**ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ**





A Story in Alphabet. C. I. Hood & Co.  
Hood's Sarsaparilla. Panfleto publicitário, 1894.  
<http://library.duke.edu/digitalcollections>

## Livros de alfabetos para crianças

As escolas primárias usavam materiais didáticos para a aprendizagem da leitura e da escrita: Catecismos, Cartas de ABC, Cartilhas e Manuais. Os encarregados de educação bem informados e os Kindergarten reservados às classes mais desafiadas compravam materiais complementares, para proporcionar às suas crianças um acesso lúdico ao alfabeto. Havia já vários séculos que se tinha formado o género dos «Alphabet Books». Nas páginas seguintes, alguns sugestivos exemplos, muitos dos quais primam por excelente qualidade na ilustração. A Arte de cominar «E», com «Elefante» e «G» com «Girafa»...



ABC, textos em alemão, inglês e latim. Nuremberga, ca 1730.



Das Neue ABC-Buch für Kinder, Nuremberga, 1750



Joseph Wolf. Neues Buchstabil- und Lesebuch. Nuremberga, 1799.





Coester, Mathilde. ABC-Bilderbuch, desenhado pelo pintor Hans Thoma, figura proeminente do Romantismo alemão. ([Texte von] M[athilde] C[oeester u.] Wilh[elm] Hey.) - Mainz : Scholz, [1905]. © Digitalisierte historische Kinderbücher aus Beständen der Universitätsbibliotheken Oldenburg und Braunschweig



Alphabet des animaux. Paris: Bernardin-Bechet, 1867. Ilustrado com 55 gravuras e letras ornadas.



A Comic Alphabet. George Cruikshank, 1836.







Autor desconhecido. Bilder-A.B.C. für kleine Kinder. Século XIX, Alemanha.



**MERRY ALPHABET.**

**A** was an Archer who shot at a frog  
 With an Arrow that might have been shorter;  
 He shot at a frog, that sat on a log,  
 And made it jump into the water.

**B** was a Butcher who had a big dog  
 Always on hand for a pow-wow;  
 It would bite, it would bark, from day-light to dark,  
 O you should have heard it Bow-wow!

**C** was a Captain all covered with lace,  
 With sword and with trinkets to rattle;  
 He was fond of fine clothes, but you need not suppose  
 That he ever took part in a battle.

**D** was a Doctor who rode in a gig,  
 And many good people attended;  
 And when they were ill he gave them a pill,  
 And soon their diseases were mended.

**E** is an Engineer firm at his post,  
 To rules and to signals no stranger;  
 Of his train he takes care and the passengers there,  
 And whistles "Down brakes!" when there's danger.

**F** was a Farmer who followed the plough,  
 And planted his seeds in their season;  
 He could rake, he could hoe, he could reap, he could mow,  
 And was proud of his farm with good reason.

**G** was a Glutton who ate like a pig,  
 With his nose quite into the platter;  
 But though he would stuff he could not get enough,  
 And kept on growing fatter and fatter.

**H** was a Hunter who went with his gun  
 Where rabbits and squirrels were plenty;  
 Much powder and shot he wasted, but not  
 One hit did he make in twenty.

**I** was an Indian ready for war,  
 In boldness no white man could match him;  
 And when on his steed he rode off with speed  
 'Twas no easy matter to catch him.

**J** was a Jockey who rode a fine horse—  
 His colors were red and yellow;  
 He rode at such pace that he won a great race,  
 And was voted a splendid fellow.

**K** was a King who sat up on a throne  
 And thought he could live in clover;  
 But so bad was he found that the people around  
 Were glad when his reign was over.

**L** was a Lady who had a white hand  
 All covered with beautiful rings;  
 She could knit, she could sew, she could play, and I know  
 Do many more lady-like things.

**M** was a Miser who hoarded up gold,  
 Just for the love of such treasure;  
 And never a cent for clothing he spent,  
 Or for anything else that gave pleasure.

**N** was a News-boy who ran through the street,  
 Intent upon selling his papers;  
 And when all were sold, as I have been told,  
 He cut up ridiculous capers.

**O** was the Organ that stood in the church;  
 O the Organist played it in such a fine way, it gave  
 joy every day  
 To the Organ-builder who made it.

**P** was a Parson who wore a black gown;  
 The Bible he kept ever near him;  
 And so well did he preach, and such good lessons teach,  
 That the young and the old went to hear him.

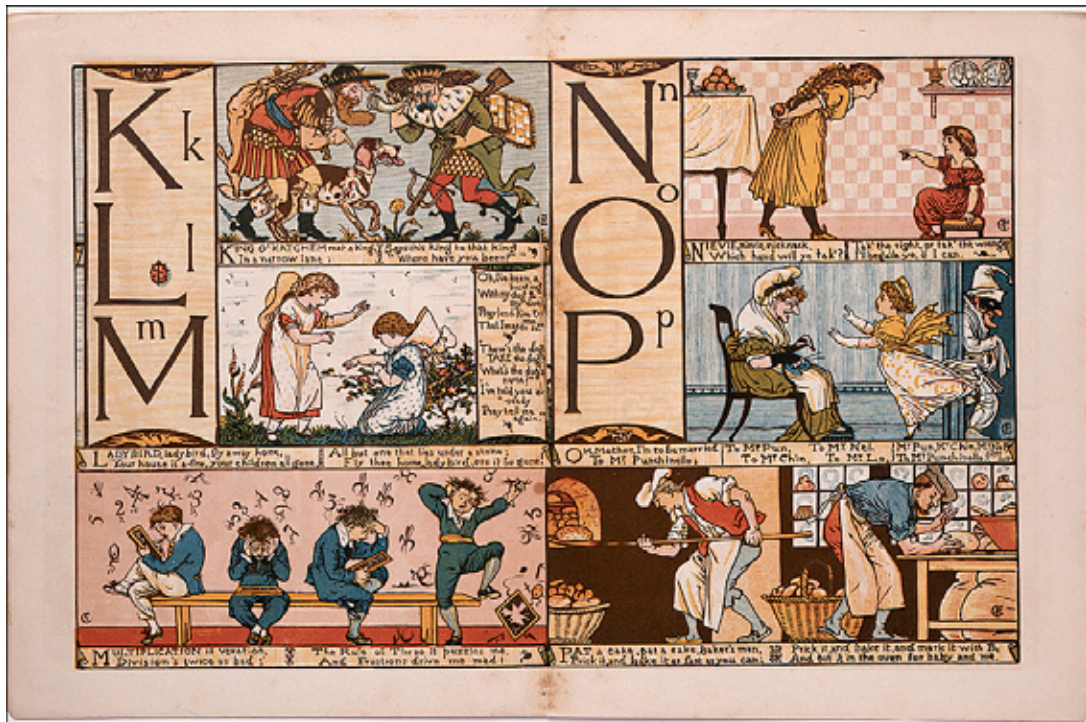
**Q** was a Quarrel 'twixt two little boys,  
 And both were so greatly offended,  
 That they fought and they fought, till one of them thought  
 To cry "Quarter!" and then it was ended.

**R** was the Racket they used as a bat—  
 Richard, and Robert and Dennis—  
 When they met on the lawn where the net was out-drawn  
 For their favorite game of Lawn Tennis.

**S** was a Sailor who followed the Sea,  
 And none were so gay as his lordship,  
 This jolly Jack tar, who knew every spar,  
 And was always at home when aboard ship.

**T** was a Tailor who mended a coat,  
 Oh, but his fingers were nimble!  
 The seams were all prest by a goose, and the rest  
 Was done with a needle and thimble.

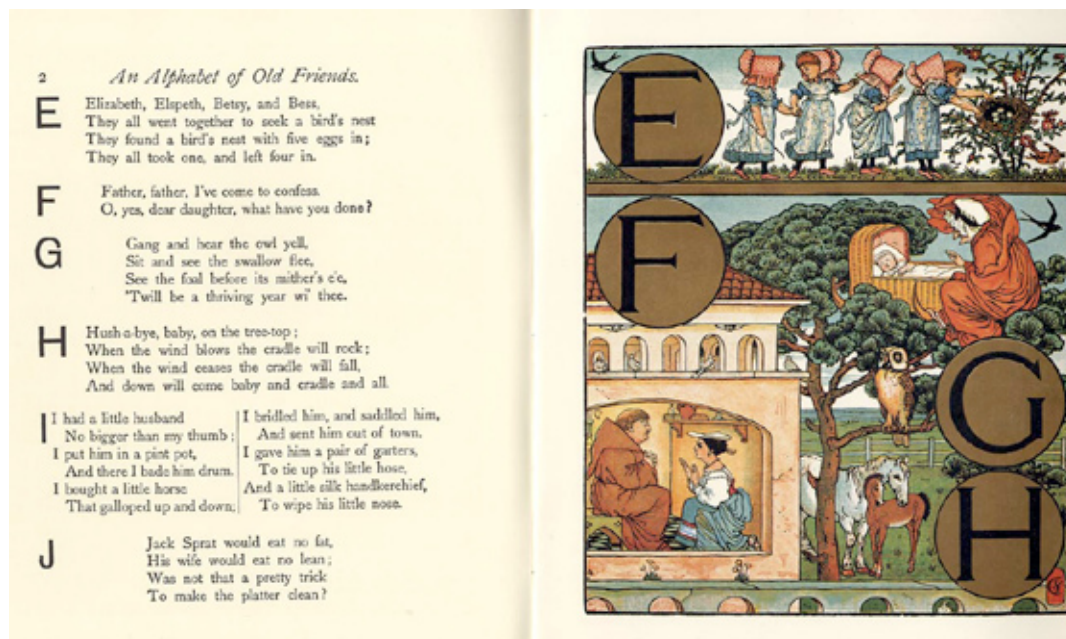




Baby's Own Alphabet. Walter Crane (1845-1915) London: Rutledge, 1874.

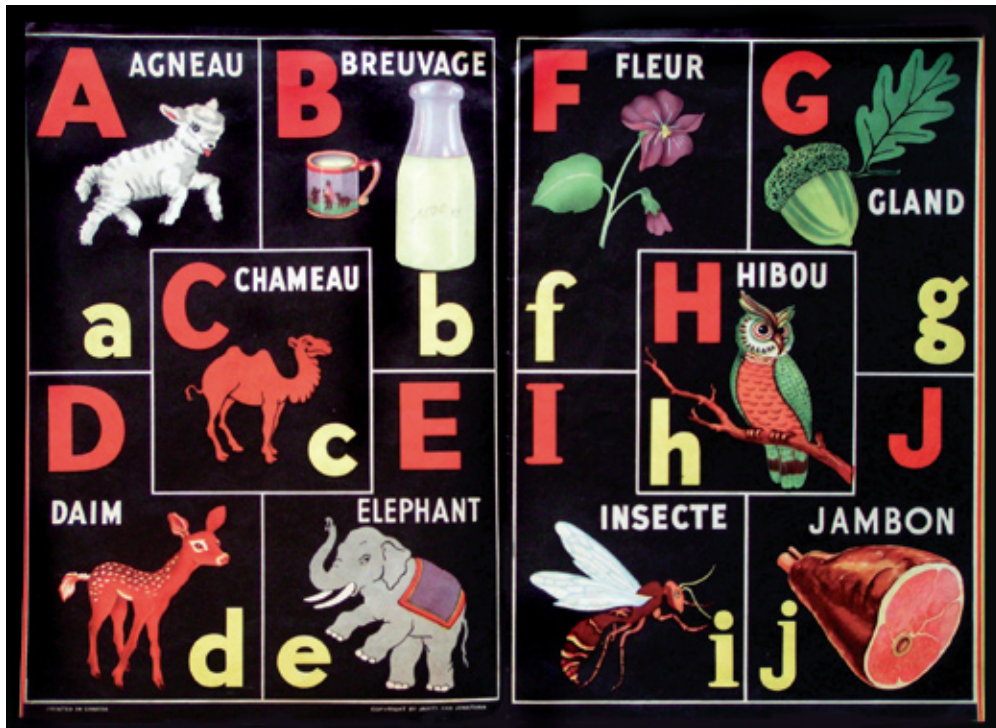


Apple Pie, Kate Greenaway, 1900.

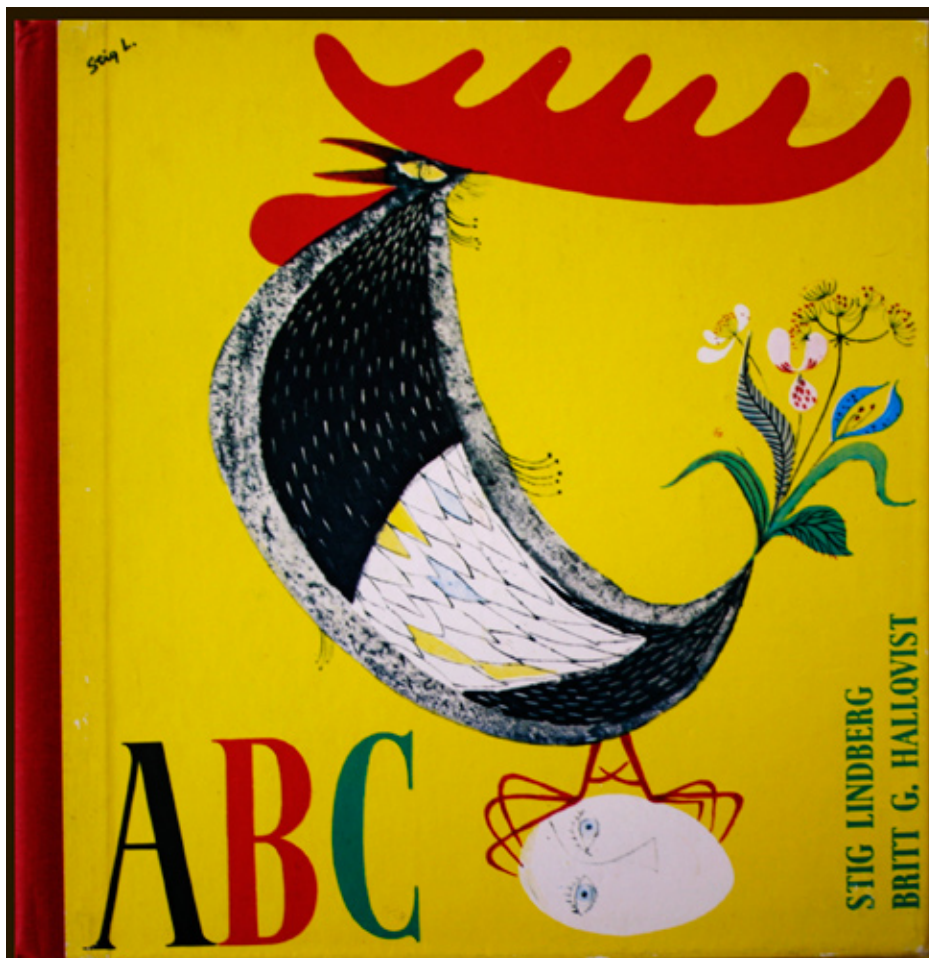


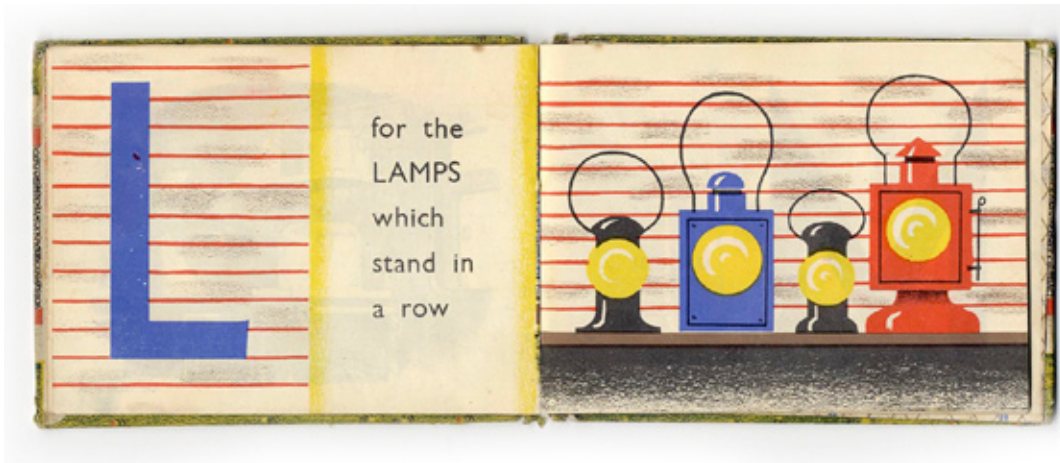
An Alphabet of Old Friends. Walter Crane, 1909.





Alphabet pour les petits - Varietes





A railway ABC Jack Tuwnend 1948

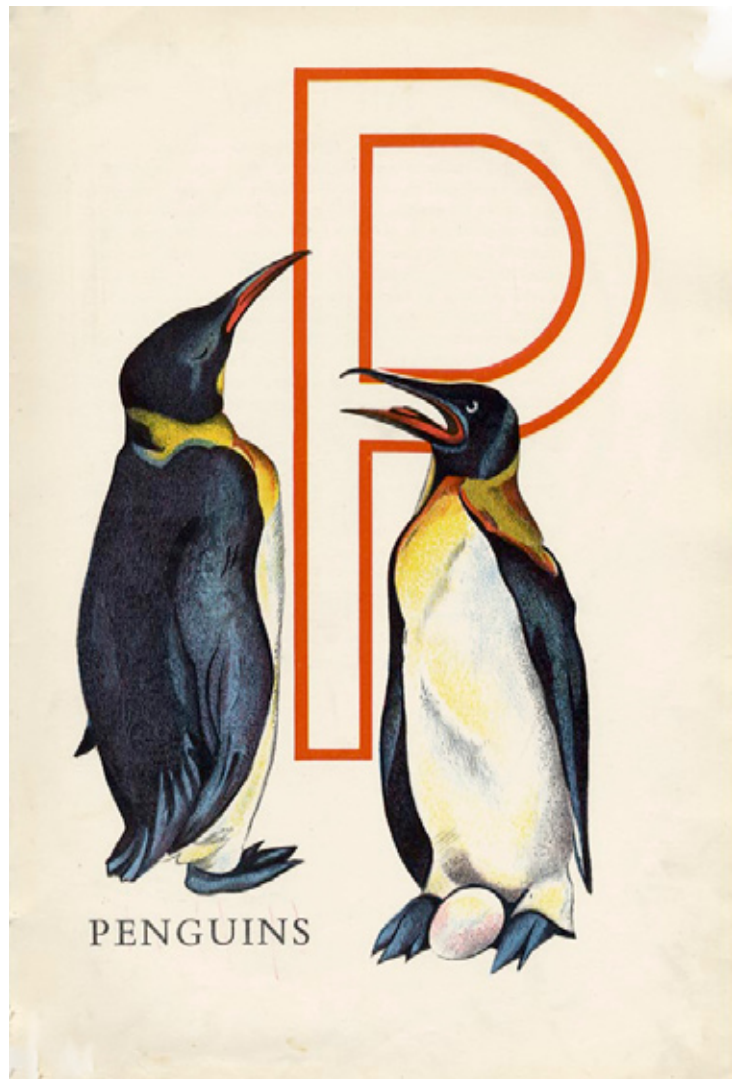


ABC For Puffin Book. Grace Glaber, 1945.





Animals from A to Z. Ema Pinner  
<http://www.fulltable.com/VTS/aoi/p/pinner/ep.htm>



## Bibliografia

- Ada, Alma Flor. *Gathering the Sun: An Alphabet in Spanish and English*. Lothrop, Lee & Shepard, 1997.
- Andersen, Karen Born. *An Alphabet in Five Acts*. Dial Books. 1993.
- Anderson, Kat. *Alpha-blocks*. LongStreet Press. 1993.
- Anno, Mitsumasa. *Anno's Alphabet: An Adventure in Imagination*. Crowell. 1975.
- Arnosky, Jim. *Mouse Letters: a Very First Alphabet Book*. Clarion, 1999.
- Base, Graeme. *Animalia*. H.N. Abrams. 1987.
- Bernhard, Durga. *Alphabeasts: A Hide and Seek Alphabet Book*. Holiday House. 1993.
- Borlenghi, Patricia. *From Albatross to Zoo: An Alphabet Book in Five Languages*. Scholastic, Inc. 1992.
- Briggs, Kelly Paul. *Island Alphabet*. Down East Books, 1995.
- Brown, Marcia. *All Butterflies: An ABC, cut by Marcia Brown*. Scribner. 1974.
- Brown, Margaret Wise. *Sleepy ABC*. HarperCollins. 1994.
- Brown, Ruth. *Alphabet Times Four: An International ABC*. Dutton Children's Books. 1991.
- Brunhoff, Jean de. *ABC de Babar*. Random House. 1995.
- Bryan, Ashley. *Ashley Bryan's ABC of African American Poetry*. Atheneum, 1997.
- Bunting, Jane. *My First ABC*. Dorling Kindersley. 1993.
- Burningham, John. *John Burningham's ABC*. Crown. 1986.
- Cabat, Erni. *Erni Cabat's Magical ABC: Animals Around the Farm*. Harbinger House. 1992.
- Cahoon, Heather. *Word Play ABC*. Walker, 1999.
- Calmenson, Stephanie. *It Begins with an A*. Hyperion. 1993.
- Chaplin, Rob. *Alien Alphabet*. Chronicle Books. 1994.
- Christensen, Bonnie. *An Edible Alphabet*. Dial, 1994.
- Clifton, Lucille. *The Black BC's*. Illustrated by Don Miller. Dutton. 1970.
- Connelly, Gwen. *El Alfabeto*. Passport Books. 1991.
- Cory, Fanny Y. *The Fairy Alphabet of F.Y. Cory*. American World Geographic. 1991.
- Crane, Walter. *An Alphabet of Old Friends and the Absurd ABC*. Metropolitan Museum of Art and Thames and Hudson. 1981.
- Cushman, Doug. *The ABC Mystery*. HarperCollins. 1993.
- Dakos, Kalli. *Get Out of the Alphabet, Number 2!*. Simon & Schuster, 1997.
- Daleo, Morgan Simone. *A Spirited Alphabet From A to Z*. Hampton Roads, 1999.
- Darling, Kathy & Tara. *ABC Cats*. Walker, 1998.
- Darling, Kathy. *ABC Dogs*. Walker and Company, 1997.
- Darling, Kathy. *Amazon ABC*. Lothrop, Lee & Shepard Books. 1996.
- DerManuelian, Peter. *Hieroglyphs from A to Z*. Rizzoli International. 1993.
- Dodson, Peter. *An Alphabet of Dinosaurs*. Scholastic, 1995.
- Doubilet, Anne. *Under the Sea from A to Z*. Crown, 1991.
- Duvoisin, Roger. *A for the Ark*. Lothrop, Lee and Shepherd. 1952.
- Edwards, Michelle. *Alef-Bet: A Hebrew Alphabet Book*. Lothrop. 1992.
- Ehlert, Lois. *Eating the Alphabet: Fruits and Vegetables from A to Z*. Harcourt. 1989.
- Elliott, David. *An Alphabet of Rotten Kids!* Philomel Books. 1991.
- Elting, Mary. *Q is for Duck: An Alphabet Guessing Game*. Illustrated by Jack Kent. Houghton Mifflin/Clarion Books. 1980.
- Fain, Kathleen. *Handsigns: A Sign Language Alphabet*. Chronicle Books. 1993.
- Falls, C.B. *ABC Book*. Morrow, 1998.
- Feelings, Muriel. *Jambo Means Hello; Swahili Alphabet Book*. Dial Press. 1974.
- Field, Rachel. *An Alphabet for Boys and Girls*. Doubleday. 1928.
- Ford, Juwanda. *K is for Kwanzaa: A Kwanzaa Alphabet Book*. Scholastic, 1997.
- Gerstein, Mordicai. *The Absolutely Awful Alphabet*. Harcourt, 1999.
- Golding, Kim. *Alphababies*. DK Publishing, 1998.
- Greenaway, Kate. *Kate Greenaway's Alphabet*. Routledge and Sons. [1885]
- Grover, Max. *The Accidental Zucchini: An Unexpected Alphabet*. Browndeer Press. 1993.
- Hamann, Bente. *A Friendly ABC: French-English Alphabet*. F. Warne. 1969.
- Hepworth Cathi. *Antics, An Alphabetical Anthology*. Putnam. 1992.
- Hoban, Tana. *A, B, See!* Greenwillow Books. 1982.
- Horenstein, Henry. *A is For...? A Photographer's Alphabet of Animals* Harcourt, 1999.
- Hubbard, Woodleigh. *C Is for Curious*. Chronicle. 1990.
- Hudson, Cheryl Willis. *Afro-bets ABC Book*. Just Us Books. 1987.
- Hughes, Shirley. *Alfie's ABC*. Lothrop, Lee, & Shepard, 1998.
- Isadora, Rachel. *ABC Pop!*. Penguin, 1999.
- Jahn-Clough, Lisa. *ABC Yummy*. Houghton Mifflin, 1997.
- Jefferds, Vincent H. *Disney's Elegant ABC Book*. Simon and Schuster. 1983.
- Jonas, Ann. *Aardvarks, Disembark!* Greenwillow Books. 1990.
- Kalman, Bobbie. *Colonial Times from A to Z*. Crabtree, 1998.



- Kalman, Bobbie. *Community Helpers from A to Z*. Crabtree, 1998. *The Earth From A to Z*. Crabtree, 1999. *The Wonders of Me from A to Z*. Crabtree, 1998.
- Kennedy, X. J. *Did Adam Name the Vinegarroon?* D. R. Godine. 1981.
- Kirk, David. *Miss Spider's ABC* Scholastic, 1998.
- Kunstadter, Maria A. *Women Working A to Z*. Highsmith Press. 1994.
- Lear, Edward. *An Edward Lear Alphabet*. Illustrated by Carol Newsom. Lothrop. 1999.
- Lear, Edward. *Edward Lear's ABC: Alphabet Rhymes for Children*. Illustrated by Carol Pike. Salem House. 1986.
- Lessac, Frane. *Caribbean Alphabet*. Tambourine Books. 1994.
- Lionni, Leo. *Letters to Talk About*. Pantheon. 1985.
- Lobel, Anita. *Alison's Zinnia*. Greenwillow Books. 1990.
- Lobel, Anita. *Away from Home*. Greenwillow. 1994.
- Magee, Doug. *Let's Fly from A to Z*. Cobble Hill. 1992.
- Martin, Bill, Jr. *Chicka Chicka Boom Boom*. Illustrated by Lois Ehlert. Simon and Schuster. 1989.
- Merriam, Eve. *Where is Everybody?: An Animal Alphabet*. Simon and Schuster. 1989.
- Micklethwait, Lucy. *I Spy: An Alphabet in Art*. Greenwillow. 1992.
- Mother Goose. *ABC Book*. Donohue and Co. [1910]
- Mullins, Patricia. *V for Vanishing: An Alphabet of Endangered Animals*. HarperCollins, 1997
- Onyefulu, Ifeoma. *A is for Africa*. Cobblehill. 1993.
- Pallotta, Jerry. *The Freshwater Alphabet Book*. Charlesbridge. 1996.
- Pallotta, Jerry. *The Victory Garden Alphabet Book*. Charlesbridge. 1992.
- Pandell, Karen. *Animal Action ABC*. Dutton, 1996.
- Patterson, Rhodes. *ZYX: 26 Poetic Portraits*. Society of Typographic Arts and Center for the Book in the Library of Congress. 1989.
- Paul, Ann Whitford. *Eight Hands Round: A Patchwork Alphabet*. HarperCollins. 1991.
- Pelham, David. *ABC Fun*. Dutton, 1997.
- Pelletier, David. *The Graphic Alphabet*. Orchard, 1996.
- Pienkowski, Jan. *ABC Dinosaurs and Other Prehistoric Creatures*. LodeStar. 1993.
- Potter, Beatrix. *Peter Rabbit's ABC and 123*. F. Warne, 1995.
- Pratt, Kristin Joy. *A Walk in the Rainforest*. Dawn Publications. 1992.
- Press, Judy. *Alphabet Art*. Williamson, 1998.
- Provinsen, Alice and Martin Provinsen. *A Peaceable Kingdom: the Shaker Abecedarius*. Viking Press. 1978.
- Ressmeyer, Roger. *Astronaut to Zodiac: A Young Stargazer's Alphabet*. Crown. 1992.
- Rey, H. A. *Curious George Learns the Alphabet*. Houghton Mifflin. 1963.
- Richard, David. *My Whole Food ABC's*. Vital Health, 1997.
- Robinson, Marileta. *The Timbertoes ABC Alphabet Book*. Boyd Mills Press, 1997.
- Royston, Angela. *The A-to-Z Book of Cars*. Barron's. 1991.
- Ruurs, Margriet. *A Mountain Alphabet*. Tundra Books, 1996.
- Ryden, Hope. *ABC of Crawlers and Flyers*. Clarion Books, 1996.
- Sabuda, Robert. *The Christmas Alphabet*. Orchard Books. 1994.
- Samoyault, Tiphaine. *Alphabetical Order: How the Alphabet Began*. Viking, 1998.
- Scarry, Richard. *Richard Scarry's Little ABC*. Random House, 1998.
- Schories, Pat. *Over Under in the Garden: An Alphabet Book*. Farrar, Straus, and Giroux, 1996.
- Seeley, Laura L. *The Book of Shadowboxes: A Story of the ABC's*. Peachtree Publishers, 1990.
- Seuss, Dr. *Dr. Seuss's ABC*. Beginner Books. 1963.
- Smalls-Hector, Irena. *The Alphabet Witch*. Longmeadow. 1994.
- Spencer, Carolyn. *Alphabet Sea*. Tortuga Books, 1999.
- Stutson, Caroline. *On the River ABC*. Roberts Rinehart. 1993.
- Stutson, Caroline. *Prairie Primer: A to Z*. Dutton, 1996.
- Sullivan, Charles. *Alphabet Animals*. Rizzoli. 1991.
- Taylor, Ann. *Around the World Alphabet*. London Dinosaur. 1987.
- Udpike, John. *Helpful Alphabet of Friendly Objects*. Random House, 1998.
- Van Allsburg, Chris. *The Alphabet Theatre Proudly Presents the Z was Zapped: A Play in Twenty-Six Acts Performed by the Carlson Players*. Houghton Mifflin. 1987.
- Viorst, Judith. *The Alphabet from A to Z (With Much Confusion on the Way)*. MacMillan. 1994.
- Wells, Ruth. *A to Zen*. Picture Book Studio. 1992.
- Wilbur, Richard. *The Disappearing Alphabet*. Harcourt, 1998.
- Wilder, Laura Ingalls. *My Little House ABC*. HarperCollins, 1997.
- Willard, Nancy. *An Alphabet of Angels*. Blue Sky Press. 1994.
- Williams, Laura. *ABC Kids*. Philomel, 2000.

## Paginação profissional com InDesign CS

### Curso Livre / INUAF / Loulé

Das noções elementares até ao layout profissional: este workshop integra todas as componentes para desempenhar profissionalmente as tarefas do design editorial contemporâneo, oferecendo as seguintes componentes:

- Tipografia digital: fontes, formatos, cortes, estilos. Selecção de tipos adequados.
- Espaçamentos e justificações. Grelhas. Domínio do InDesign e Illustrator.
- Layouts para cartazes, prospectos, rótulos, brochuras e livros. Newsletters e periódicos (jornais, revistas).
- Os passos para um Branding e/ou Corporate Design coerentes.
- Boas Práticas Tipográficas: onde observar as regras, onde ultrapassá-las. Como visualizar hierarquias de conteúdos.
- Digitalização, preparação e posicionamento de imagens e gráficos vectoriais.
- *Colour management* desde a imagem até ao documento final. Separação de cores correcta. CMYK e Pantones.
- Pré-impressão e arte final: os segredos do “bom acabamento”. Fotólitos e CPT.
- As virtudes do novo formato PDF/X.

Quais são as diferenças entre o desenho editorial para impressos e o chamado *on-screen design*? Dos milhares de *typefaces* digitais hoje disponíveis, quais são os mais adequados para dada tarefa? Que importância se deve dar à legibilidade, à hierarquia visual, aos *trends* e modas actuais? Como usar racionalmente grelhas, com defini-las? Como obter do *InDesign* a sua melhor performance?

Porquê preferir uma fonte OTF a uma TTF? Para que servem os SC, Swash, ligaduras, OSF e Titlings?

O curso é leccionado por Paulo João Nunes Heitlinger, profissional com vasta experiência internacional no campo do Design editorial profissional, da Tipografia e do Typeface Design. É o autor da obra de referência «Tipografia, Formas e Uso das Letras». Não perca esta excelente oportunidade para por em dia os seus conhecimentos teóricos e práticos. Actualize o seu know-how num curso prático inédito no Algarve.

Todos os pormenores apresentados no curso são sempre postos em prática através de exercícios feitos no PC.

Duração: 24 horas (4 x 6 horas ou 8 x 3 horas)

Computadores: PC-Windows

Software: Adobe InDesign CS

Datas, Inscrição e mais informações online: Estão abertas as inscrições no Secretariado do Colégio de Pós-Graduações. O referido curso, promovido pela Licenciatura em Multimédia e com a duração de 24 horas, realizar-se-à no mês de Junho durante os dias 6, 13 e 20.

Para mais informações, contacte Mestre Marlene Luís: 289420470.  
pos-graduacoes@inuaf-studia.pt

Estrutura do Curso

Documento MS Word em

[www.inuaf-studia.pt/noticias/detalhes.asp?id=72](http://www.inuaf-studia.pt/noticias/detalhes.asp?id=72)

## Typeface Design, 1: Iniciação ao desenho de tipos

### Curso livre / workshop

Das noções elementares até ao desenho de tipos digitais: este workshop integra todas as componentes para iniciar os participantes ao typeface design, oferecendo os seguintes módulos:

- Classificação de tipos sob aspectos funcionais.
- Estrutura das letras. Proporções e relações mútuas. Semelhanças e diferenças.
- Dos tipos de metal às fontes digitais: evolução tecnológica.
- Caligrafia e geometria.
- Como alcançar legibilidade?
- As particularidades do OpenType: versaletes, algarismos antigos, Swash, ligaduras, etc.
- Desenhando letras com papel e lápis.
- Exercícios práticos.
- Tipografia digital: fontes, formatos, pesos, cortes, estilos (compressed, extended).
- Primeiros exercícios com pixel fonts digitais, realizados com o software online FontStruct.
- Domínio da ferramenta de typeface design FontLab da FontStudio. Desenho vectorial.
- O Tracing de scans. Depois da digitalização, preparação e posicionamento de gráficos vectoriais. Domínio das curvas Bézier.
- Teste de fontes.
- Tracking, Hinting e Kerning.
- Do esboço ao produto final: Produção de uma fonte digital simples (1 peso, 1 corte).

Dirigido a estudantes e profissionais de Design de Comunicação, este curso introdutório mostra a importância da tipografia através da estrutura dos tipos, a comparação de fontes clássicas e contemporâneas, assim como introduz os participantes ao desenho de letras. São realizados esboços com técnicas tradicionais, logo transferidos para a produção de fontes com software *state of the art*.

Os participantes estudam as bases, Caligrafia e Geometria, levando os dois aspectos à síntese de uma fonte original, apta a ser usada em programas de texto e de paginação.

Os conteúdos do curso foram desenvolvidos como complemento à formação académica e à auto-aprendizagem, contemplando os temas e as necessidades da prática profissional.

As didácticas aplicadas são compostas por abordagens teóricas, debates e muitas actividades práticas, *hands on* no computador.

Este workshop realiza-se nas instalações do docente ou, alternativamente, em espaço de trabalho adequado.

Número de participantes:

Mínimo: 4. Máximo: 10.

Custo: 150 Euros por participante (15 horas).

Desconto a grupos.

Docente: Dr. Paulo Heitlinger

Inscrições: pheitlinger@gmail.com

Duração: 15 horas (5 x 3 horas)

Computadores: Mac ou PC-Windows

Mais informações: Paulo Heitlinger, 91 899 11 05, 289 366 106, pheitlinger@gmail.com

Baixe este prospecto em [www.tipografos.net/workshops](http://www.tipografos.net/workshops)